

13º PLANO DE PASTORAL
2012 - 2022

SUMÁRIO

SIGLAS.....	09
APRESENTAÇÃO.....	11

PARTE I – VER

I. O ROSTO DA ARQUIDIOCESE.....	13
A. DIAGNÓSTICO SOCIAL: A REALIDADE QUE NOS ENVOLVE...	14
1. História.....	14
1.1 Os inícios.....	14
1.2 A Diocese de São Salvador da Bahia: 1551.....	15
1.3 A Diocese do Rio de Janeiro: 1575/1676.....	16
1.4 A Diocese de Curitiba: 1892.....	18
1.5 A Diocese de Florianópolis: 1908.....	19
1.6 Retrato de um centenário.....	20
2. Geografia.....	23
3. Etnia.....	24
4. População.....	26
5. Situação sócio-cultural.....	31
6. Situação econômica.....	32
7. Situação ecológica.....	35
8. Situação social.....	37
9. Situação política.....	47
10. Situação religiosa.....	49
B. DIAGNÓSTICO ECLESIAL-PASTORAL: A IGREJA QUE SOMOS.	49
1. Os cenários dos públicos estratégicos.....	51
1.1 Os católicos assíduos.....	51
1.1.1 Características gerais dos assíduos.....	51
1.1.2 Frequência à Igreja.....	52
1.1.3 Importância da missa.....	52
1.1.4 Frequência a outras crenças.....	53
1.1.5 Engajamento nas ações da Igreja.....	53
1.1.6 Colaboração com o dizimo.....	53
1.1.7 Uso dos meios de comunicação de massa.....	53
1.1.8 Avaliação dos serviços da Igreja.....	54
1.2 Os católicos não assíduos.....	54
1.2.1 Características gerais dos não assíduos.....	54
1.2.2 Frequência à missa.....	56

1.2.3	Frequência a outras crenças.....	56
1.2.4	Colaboração com o dízimo.....	56
1.2.5	Prática da oração.....	57
1.2.6	Uso dos meios de comunicação de massa.....	57
1.2.7	Religiosidade popular.....	57
1.2.8	Importância da missa.....	57
1.2.9	Relação com a Igreja.....	58
1.2.10	Avaliação dos serviços prestados pela Igreja.....	58
1.3	Os católicos que deixaram a Igreja.....	58
1.3.1	Características gerais dos não mais católicos.....	59
1.3.2	Prática religiosa e engajamento na atual igreja.....	59
1.3.3	Colaboração financeira.....	60
1.3.4	Uso dos meios de comunicação de massa.....	61
1.3.5	Motivos para deixar a Igreja Católica.....	61
1.3.6	Satisfação com a atual igreja.....	61
1.4	Os ministros ordenados: os presbíteros.....	62
1.4.1	Perfil da faixa etária de idade e tempo de ordenação.....	63
1.4.2	Os ofícios dos presbíteros.....	64
1.4.3	Relação do número de presbíteros com população.....	64
1.4.4	Atuação em movimentos eclesiais.....	66
1.4.5	A formação dos presbíteros.....	66
1.4.6	Atuação em celebrações de missas.....	66
1.4.7	Atuação em outras celebrações (casamentos, batismos e exéquias).....	66
1.4.8	Tempo dedicado a confissões e atendimento pessoal.....	67
1.4.9	Atuação em trabalhos sociais.....	67
1.4.10	Satisfação com os relacionamentos institucionais.....	67
1.4.11	Promoção de relacionamento com as comunidades.....	67
1.4.12	Promoção de relacionamentos com as forças vivas.....	68
1.4.13	Satisfação com as lideranças.....	68
1.4.14	Satisfação com as condições para o ministério.....	68
1.5	Os ministros ordenados: os diáconos.....	68
1.5.1	A distribuição dos diáconos na Arquidiocese.....	69
1.5.2	Faixa etária e tempo de ordenação.....	70
1.5.3	Crescimento vocacional do diaconato na Arquidiocese.....	70
1.5.4	Área de atuação dos diáconos.....	71
1.5.5	Satisfação nos relacionamentos institucionais.....	71
1.5.6	Presidência ou frequência às celebrações.....	72
1.5.7	Formação.....	72
1.5.8	Condições para o exercício do ministério.....	73

1.5.9 Outros resultados importantes.....	73
1.6 Os agentes de pastoral nas paróquias.....	73
1.6.1 Distribuição dos agentes de pastoral nas comarcas.....	74
1.6.2 Catequistas nas comarcas.....	74
1.6.3 Faixa etária e gênero dos catequistas.....	74
1.6.4 Ministros nas paróquias.....	75
1.6.5 Faixa etária dos ministros.....	75
2. Análise das instituições pastorais.....	75
2.1 A comissão arquidiocesana das Forças Vivas.....	76
2.2 Relacionamento entre as instâncias pastorais.....	77
2.3 Formação e articulação das Forças Vivas.....	78
2.4 Múnus de mais atuação das Forças Vivas.....	79
2.5 Áreas sociais de atuação das Forças Vivas.....	79
2.6 Os Conselhos Comarcais de Pastoral.....	80
3. Cenário pastoral das paróquias.....	81
3.1 Índices de razão populacional.....	81
3.2 Síntese do perfil administrativo das paróquias.....	83
3.3 Conselhos de Pastoral.....	84
3.4 Os Grupos Bíblicos em Família.....	85
3.5 Os movimentos de apostolado leigo.....	86
3.6 As pastorais.....	87
3.7 Atendimento social.....	88
3.8 Preparação para os sacramentos.....	90
3.9 Formação de lideranças.....	91
3.10 A comunicação nas paróquias.....	92
3.11 Fontes de arrecadação das paróquias.....	92

PARTE II - JULGAR

I. A IGREJA QUE DEUS QUER.....	93
1. Igreja povo de Deus.....	94
2. Igreja da alegria e da santidade.....	95
3. Igreja da acolhida e do querigma.....	97
4. Igreja da comunhão e da participação.....	98
5. Igreja da partilha.....	98
6. Igreja da ministerialidade.....	99
7. Igreja da formação	100
8. Igreja do discipulado e do seguimento de Jesus.....	101
9. Igreja da missão.....	102

10. Igreja da profecia e da solidariedade.....	103
11. Conclusão.....	104
II. OS CRITÉRIOS DA MISSÃO.....	105
1. Os três múnus (serviços).....	106
1.1 O múnus da Palavra.....	106
1.2 O múnus da liturgia.....	107
1.3 O múnus da caridade.....	108
2. Os três âmbitos da missão.....	109
2.1 Âmbito da pessoa.....	109
2.2 Âmbito da comunidade.....	109
2.3 Âmbito da sociedade.....	110
3. As quatro exigências da evangelização inculturada.....	110
3.1 Exigência do serviço.....	110
3.2 Exigência do diálogo.....	110
3.3 Exigência do anúncio.....	111
3.4 Exigência do testemunho de comunhão.....	111
4. As cinco urgências de nossa ação evangelizadora.....	111
Conclusão.....	120
III. OBJETIVO GERAL.....	121
1. Explicitação do objetivo geral.....	122

PARTE III - AGIR

I. A AÇÃO TRANSFORMADORA DA IGREJA.....	126
1. Urgências na ação evangelizadora.....	127
2. Pistas de ação.....	128
3. Linha (eixo) transversal da ação evangelizadora.....	136
4. Projetos para a ação evangelizadora.....	137
5. Cronograma de atividades.....	138
6. Avaliação: um processo permanente.....	138
6.1 Avaliação do Plano.....	139

ANEXOS

1. Projetos pastorais.....	142
1.1 Projeto elaborado pelo Secretariado Arquidiocesano de Pastoral.....	142
1.2 Projetos elaborados pela Assembleia Arquidiocesana de Pastoral.....	143
2. Planos Pastorais e Diretrizes da Arquidiocese.....	150

SIGLAS

AD – Ad Gentes

ASA – Ação Social Arquidiocesana

BPC - Benefício de Prestação Continuada

CCP – Conselho Comarcal de Pastoral

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento

CPC – Conselho de Pastoral da Comunidade

CPP – Conselho Paroquial de Pastoral

CRAS - Centros de Referência de Assistência Social

DAP – Documento de Aparecida

DBAEIB - Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil

DCE – Deus Caritas Est

DV - Dei Verbum

EN - Evangelii Nuntiandi

GBF – Grupos Bíblicos em Família

GR/F - Grupos de Reflexão/Família

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

ITESC – Instituto Teológico de Santa Catarina

LG - Lumen Gentium

MDS - Ministério de Desenvolvimento Social

NMI – Novo Millennio Ineunte

PIB – Produto Interno Bruto

RICA – Ritual de Iniciação Cristã de Adultos

RMi - Redemptoris Missio

SC - Sacrosanctum Concilium

SUAS - Sistema Único de Assistência Social

VD - Verbum Domini

APRESENTAÇÃO

Apresentar o Plano de Pastoral da Arquidiocese é motivo de alegria. Representa, por um lado, a conclusão de um longo processo de elaboração, mas mostra também aquele que será o caminho que será trilhado nos próximos anos.

A elaboração do Plano teve início em 2009, quando D. Murilo Krieger era o arcebispo de Florianópolis. Continuou em 2011, ano em que Pe. João Francisco Salm foi Administrador Diocesano, e foi aprovado na Assembleia Diocesana de Pastoral realizada em Santo Amaro da Imperatriz em agosto de 2012. É fruto do trabalho e dedicação das comunidades, das pastorais, movimentos e organismos. Houve um grande envolvimento das forças vivas que atuam na Arquidiocese.

Durante o período de elaboração do Plano aconteceram na Igreja alguns eventos que merecem ser recordados. O primeiro deles foi a Conferência do Episcopado da América Latina e Caribe em Aparecida. Também neste período foi lançado o documento pós-sinodal “Verbum Domini”. Foi lançado pelo Papa o Ano da Fé (2012-2013) para celebrar os 50 anos do Concílio Vaticano II e os 20 anos do lançamento do Catecismo da Igreja Católica. Foram lançadas ainda as Diretrizes para a Ação Evangelizadora no Brasil para (2011-2015). Por último, foi realizado em outubro de 2012 o Sínodo dos Bispos sobre A Nova Evangelização. Todos estes eventos deixaram a sua marca sobre o Plano Pastoral.

O Plano de Pastoral constitui-se em uma análise da realidade à luz da fé e mostra o desejo de iluminá-la com a Palavra de Deus. O itinerário proposto leva em consideração as urgências apresentadas pelas Diretrizes da CNBB (2011). Propõe que a ação pastoral tenha presente o itinerário seguinte: 1º. Favoreça um encontro pessoal com Cristo; 2º. Tomar consciência de que a Igreja está em estado permanente de missão – é preciso ir aos que estão afastados; 3º. Animar toda atividade pastoral com a Palavra de Deus; 4º. Organizar a paróquia como uma rede de comunidades; 5º. Expressar a vida da Igreja pela prática da caridade. A Assembleia aprovou também uma atividade transversal: a família. O Plano tem uma duração de 10 anos e deverá ser avaliado a cada três anos.

O Papa Bento XVI, nas catequeses sobre o Ano da Fé (28.11.2012) escreve que o Ano da Fé é ocasião de buscar novos caminhos para transmitir a Boa Nova da Salvação. Lembra ainda que o primeiro passo é crescer na familiaridade com Jesus e o seu Evangelho, e aprender a forma como Deus se comunica.

O Plano Pastoral é colocado em nossas mãos. Será o grande instrumento da ação pastoral da Arquidiocese nos próximos anos. Que se torne o guia e companheiro de viagem para todas as comunidades, pastorais, movimentos e organismos. Que ajude a todos a se tornar, sempre mais, discípulos e missionários de Jesus Cristo.


Dom Wilson Tadeu Jönck, scj
Arcebispo de Florianópolis

Novembro de 2012

OBJETIVO GERAL

**EVANGELIZAR,
A PARTIR DE JESUS CRISTO E NA FORÇA DO ESPÍRITO SANTO,
COMO IGREJA DISCÍPULA, MISSIONÁRIA E PROFÉTICA,
ALIMENTADA PELA PALAVRA DE DEUS E PELA EUCARISTIA,
À LUZ DA EVANGÉLICA OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES,
PARA QUE TODOS TENHAM VIDA,
RUMO AO REINO DEFINITIVO (Jo 10,10)**

PARTE I - VER

I. O ROSTO DA ARQUIDIOCESE

01. A Igreja existe para evangelizar. Como evangelizadores, somos chamados por Jesus Cristo a ser sal da terra, luz do mundo, fermento na massa. O Concílio Vaticano II nos ensina que a Igreja é germe, semente, sinal e instrumento do Reino de Deus. A Igreja não se confunde com o Reino, mas está inserida no mundo para, nele, anunciar o Reino. Por isso, para poder lançar as sementes do Reino em vista da edificação de um mundo justo e fraterno, é preciso que a Igreja conheça efetivamente toda a realidade que a envolve. Frente às profundas transformações das últimas décadas no cenário mundial, nacional e estadual, as quais se refletem na Arquidiocese de Florianópolis, é preciso que identifiquemos as luzes e sombras da realidade em que estamos inseridos e que marcam o rosto e a prática de nossa Igreja diocesana.
02. As grandes mudanças nos afligem, mas não nos confundem, porque nos sentimos amparados pela força do Espírito Santo. A novidade das atuais transformações é que elas têm um caráter global, afetando o mundo inteiro, configurando um tempo mais de mudança de época que época de mudanças. Neste novo contexto sócio-cultural, a realidade tornou-se complexa, ensinando-nos a olhá-la com mais humildade e provocando-nos a buscar em Cristo e no Espírito uma luz que dê sentido e orientação.
03. O conhecimento do terreno onde lançamos as sementes do Evangelho é importante para a tomada de consciência a respeito de nossa inserção na realidade, a fim de que possamos interferir sobre ela com o intuito de nela fazer acontecer o Reino de Deus, que Jesus Cristo anunciou e que todos nós buscamos.
04. Nesta primeira parte de nosso Plano Arquidiocesano de Pastoral – o “ver” –, depois de uma breve abordagem sobre nossa história e geografia, lançaremos um olhar sobre a situação cultural e política, econômica e ecológica, detendo-nos mais sobre a situação religiosa e, mais ainda, sobre nossa situação eclesial.

A. DIAGNÓSTICO SOCIAL: A REALIDADE QUE NOS ENVOLVE

1. História

05. Quem hoje se debruça sobre o mapa do Estado de Santa Catarina e nele procura encontrar os limites da Arquidiocese de Florianópolis, terá uma surpresa: dos 95.346,181 km² de sua área, a Arquidiocese ocupa apenas 7.862,1 km². Dos 293 municípios, apenas 30 ficam sob sua jurisdição eclesiástica, com uma população de aproximadamente 1.561.845 hab (IBGE, censo 2011), com uma densidade de 198,25 hab/km². Mas, não foi sempre assim. A história caminha e opera mudanças, se adapta sempre às novas circunstâncias. Historicamente, nosso território eclesiástico já pertenceu a Portugal, à Ilha da Madeira, à Bahia, ao Rio de Janeiro, a São Paulo, a Curitiba. Vejamos como isso se processou, em linhas muito gerais, ao longo de 500 anos de história brasileira.

1.1 Os inícios

06. Oficialmente o Brasil passou a pertencer a Portugal em 21 de abril de 1500, quando o rei D. Manuel se apossou destas terras, cujos donos eram os indígenas que aqui habitavam milhares de anos antes. Infelizmente, eles não sabiam escrever e, por isso, não nos deixaram recordações de seu extermínio, de sua escravidão. A história é assim mesmo: ela sempre dá razão para o mais forte, para aquele que pode explicar o que está fazendo.
07. A 1º de maio de 1500, Frei Henrique de Coimbra celebrou no Brasil a Primeira Missa e plantou o Cruzeiro. Chegava a estas terras o Sinal da Salvação, o sinal do crucificado-ressuscitado; lançava-se, aqui, pela primeira vez, a mensagem de um Deus que é Pai de todos, sem distinção de raça, cor, sexo, status. Iniciava-se a missão cristã em terras brasileiras.
08. As missões e a organização da Igreja ficavam a cargo do rei de Portugal. E isso até a independência, em 1822, quando a autoridade religiosa foi transferida para o Imperador do Brasil, até a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889. O rei mandava em tudo: escolhia os bispos (que depois o Papa aprovava automaticamente), criava dioceses, nomeava vigários, construía igrejas, seminários, nomeava os professores dos seminaristas, pagava os padres, controlava os missionários, e tudo o mais.

Quem recolhia o Dízimo (imposto religioso) era o rei, e dele fazia o que bem entendia, dando parte muito pequena para a Igreja. Exercia como que a função de “Papa” entre nós. Nenhum documento do Papa entrava ou era publicado e obedecido no Brasil sem aprovação do rei. Ou do Imperador, de 1822 até 1889. Quer dizer que, efetivamente, o Papa tem autoridade real aqui há pouco mais de 100 anos...

09. Como isto foi possível? Havia em Portugal uma Ordem religiosa chamada “Ordem de Cristo” (constituída com os espólios da Ordem dos Templários). Fora aprovada pelo Papa João XXII em 1319. Com o tempo, o rei de Portugal tornou-se seu Grão-Mestre, dispondo de seus membros e de seus bens. Em 1454, o rei Dom Afonso entregou a essa Ordem a jurisdição espiritual nas terras que Portugal conquistara ou conquistasse. Este tipo de jurisdição chama-se “Padroado”. Em poucas palavras: a Ordem de Cristo era responsável pela vida religiosa das terras pertencentes a Portugal. Sendo o rei seu Grão-Mestre, será ele o “Papa”, se assim se pode dizer, da Igreja nas terras de seus domínios.
10. Quando o Brasil foi conquistado, ficou sob o governo da Vigararia de Tomar, Sede da Ordem de Cristo, até 1514. Depois, o Brasil foi sujeito à Diocese de Funchal, na Ilha da Madeira, até 1536, retornando ao Governo da Vigararia de Tomar, até 1551.
11. O rei de Portugal, muito esperto, conseguiu suprimir essa Vigararia, em 1551, incorporando a Ordem de Cristo à Coroa Portuguesa e, oficialmente, a 30 de dezembro de 1551, o Papa Júlio III entregava à Ordem de Cristo – o que significa, ao rei de Portugal - todas as terras portuguesas. Um pouco antes, o rei Dom João III tinha solicitado ao Papa a criação de uma Diocese em terras brasileiras.

1.2 A Diocese de São Salvador da Bahia: 1551

12. O pedido do rei foi aceito pelo Papa Júlio III, que criou a primeira diocese brasileira, com um território que compreendia todo o país. Nessa época, Santa Catarina era o grande Sertão dos Patos, povoado pelos índios carijós (ou guaranis). Os primeiros missionários chegam aqui por acaso: dois franciscanos, o padre Frei Bernardo de Armenta e o irmão religioso Frei Alonso Lebrón, vítimas de um naufrágio. Evangelizaram nossas terras em

1537, retornando nos anos seguintes. Instituíram florescentes missões nos atuais territórios de São Francisco do Sul, Ilha de Santa Catarina e Laguna. Os jesuítas, entre eles o Pe. Leonardo Nunes, chegaram em 1549. São, porém, missões esporádicas. Não podiam produzir muitos frutos porque os portugueses queriam índios para escravizá-los. Gostam do missionário enquanto ele “amansa o índio”, tornando-o um bom escravo para as fazendas.

13. É bom manter vivo, em nossa memória, que no atual território de nossa arquidiocese habitavam, por primeiro, povos indígenas, em especial os carijós. Os índios tinham cultura própria e já viviam, por muitos anos, em plena harmonia com a natureza. A memória deles se mantém ainda presente em nomes de alguns municípios, como Itajaí, Guabiruba, Botuverá, Tijucas, Biguaçu, Garopaba. Os índios, também chamados de “bugres”, que sobreviveram às caçadas, foram praticamente dizimados no território atual da arquidiocese, no final do século XIX e primeira metade do século XX. Hoje, os poucos descendentes de tupis-guaranis vivem em pequenas comunidades nos municípios de Palhoça e de Biguaçu.

1.3 A Diocese do Rio de Janeiro: 1575 - 1676

14. O território era grande demais para um bispo só. Por isso, a pedido do Infante Dom Henrique, o Papa Gregório XIII criou a Prelazia de São Sebastião do Rio de Janeiro, em 1575. A prelazia do Rio de Janeiro, uma como que Diocese em preparação, administrava todo o Sul do Brasil. Foi elevada a Diocese em 1676. A primeira paróquia de nosso Estado foi a de São Francisco do Sul, em 1665. A segunda foi a de Santo Antônio dos Anjos de Laguna, em 1697. No século seguinte, em 1714, a Ilha de Santa Catarina tinha apenas 147 “brancos”, e nela foi criada a Paróquia de Nossa Senhora do Desterro.
15. O povoamento de Santa Catarina era muito lento. A partir do século XVII, os portugueses, com sua política colonizadora, trouxeram africanos como escravos. Eles trouxeram uma grande contribuição na formação do povo de nossa arquidiocese, nos aspectos sócio-culturais como religiosos, não sem antes terem suportado a humilhação da escravidão com muita resignação e silêncio. Com a abolição da escravatura, em 1888, foram postos em

liberdade, mas sem direito à terra, moradia e trabalho. Alguns foram acolhidos como mão de obra barata, em casa de colonos, em troca de comida, moradia e vestuário. Como raça, etnia e cor, os negros foram muito discriminados. Havia, na região, clubes somente para “brancos”, onde negros não podiam entrar. E irmandades, com suas igrejas, só para os negros.

16. A situação demográfica se alterou com a chegada de “casais açorianos” entre 1748-1753, período em que aqui chegaram 6 mil pessoas. Vinham das Ilhas dos Açores. Estabeleceram-se na Ilha de Santa Catarina e nas proximidades do mar. Desenvolveram uma cultura própria, incorporando elementos da cultura dos povos indígenas e negros e eram dados à pesca e à agricultura. Formavam famílias bem constituídas e profundamente religiosas. Os açorianos, cujas fundações deram origem a diversas paróquias na Ilha e no Continente, mantiveram viva a tradição da fé, com suas devoções da Semana Santa, do Divino, do Terno de Reis, as mesmas já cultivadas pelos bandeirantes paulistas fundadores do Desterro, Laguna, São Francisco e Lages. Com os açorianos vieram alguns padres, num gesto solidário de acompanhar seus paroquianos. Outros vinham de Portugal e outros eram daqui mesmo. Com o passar do tempo, se deu o entrelaçamento e a miscigenação entre os indígenas carijós, os portugueses, os africanos e os açorianos. Mesmo assim, apesar das dificuldades sócio-culturais da época e com atos de fé verdadeira de muitos fiéis leigos e de sacerdotes, se desenvolveu um modo próprio de evangelização e foram sendo criadas, pouco a pouco, outras paróquias.
17. Às vezes, acontecia que algumas paróquias não tinham vigários, nem sempre por falta de padre. Ou era a situação de penúria que afastava possíveis candidatos ou era o processo de escolha. Quando uma paróquia vagava, abria-se concurso. O rei pagava muito mal os padres, que tinham de construir sua casa, manter-se com uns miseráveis e atrasados soldos. Como diversos não tinham muita formação ou base espiritual, empregavam-se no governo, compravam fazendas, recolhiam-se à vida particular, reaparecendo de vez em quando. Contudo, apesar desse pouco caso do rei pela Igreja, pela demora em construir e reformar os templos, a fé mantinha-se, muito mais em tradições do que num verdadeiro espírito eclesial. Muito mais pela fé dos leigos que pelo serviço das autoridades eclesiásticas.

18. O Bispo do Rio de Janeiro estava muito distante para ver as coisas “in loco”. Mandava um “Missionário Apostólico”. A primeira visita pastoral à Província de Santa Catarina foi em 1815, a segunda em 1845 e a terceira, em 1895! Para solucionar de certa forma o problema, foi criado o Arciprestado de Santa Catarina, em 1824. O arcipreste tinha poderes extraordinários de governo: podia nomear vigários, dar dispensas, resolver problemas que requereriam muito tempo, caso fosse esperar por uma resposta do Rio de Janeiro. Houve um período de três anos (1746-1749) em que o Estado de Santa Catarina pertenceu à Diocese de São Paulo (criada em 1709), depois retornando à administração do Rio de Janeiro.

1.4 A Diocese de Curitiba: 1892

19. A população do litoral catarinense recebeu um grande número de imigrantes no final do século XIX. No caso do atual território da arquidiocese, o maior número foi de alemães, que se instalaram nos atuais municípios de São Pedro de Alcântara, Santo Amaro da Imperatriz, Antônio Carlos, Angelina, Águas Mornas e São Bonifácio, e italianos, que se instalaram em Nova Trento e Botuverá. Com os imigrantes, vinham também sacerdotes para os serviços religiosos.
20. Com a Proclamação da República, em 1889, e o fim do Padroado, decretado com a separação entre Igreja e Estado, na primeira constituição republicana, de 1890, os bispos brasileiros viram que era urgente a criação de novas dioceses. Em 1892, Leão XIII criava a Diocese de Curitiba, com o território do Paraná, desmembrado do Bispado de São Paulo, e o de Santa Catarina, desmembrado do Bispado do Rio de Janeiro, agora elevado a Arcebisado.
21. O primeiro Bispo foi Dom José de Camargo Barros, que tomou posse em 1894. Já em 1895 visitava as paróquias do nosso Estado. Foi a primeira vez que um bispo pisou em terras catarinenses. Viu a situação de penúria e desorganização em que se encontravam nossas paróquias. Com pulso firme e caridoso procurou reorganizar a vida religiosa. Sua grande preocupação foi a criação de Escolas Paroquiais, que se multiplicaram rapidamente em todo o Estado. Eram Escolas Católicas, financiadas pelos próprios fiéis, que construíam o edifício e pagavam o professor. Garantia-se, assim, a educação

religiosa das crianças, pois a República tinha suprimido o ensino religioso das escolas oficiais. Dom José também enfrentou o desafio de organizar a vida religiosa dos imigrantes alemães, italianos, ucranianos e poloneses, que se esqueciam bastante de que estavam no Brasil. Seu sucessor, Dom Duarte Leopoldo e Silva, teve o mesmo trabalho. Obrigou os padres estrangeiros a aprenderem o português.

22. Havia um grande problema: a Diocese era imensa. Era urgente a criação da Diocese de Florianópolis. A ideia, aliás, não era nova. Desde 1801 falava-se no assunto. Mas, tudo ficara em projetos. Agora, era tempo de agir. Grande amigo e conselheiro do bispo de Curitiba nesse trabalho inicial foi o Pe. Francisco Topp, de Münster, Alemanha, o verdadeiro organizador da Igreja catarinense.

1.5 A Diocese de Florianópolis: 1908

23. O primeiro passo oficial fora dado por Dom José de Camargo Barros. Em 1900, escrevia ao Pe. Francisco Topp, Vigário de Florianópolis (atual Catedral), para que desse os primeiros passos, começando a organizar o patrimônio, exigência muito salientada pela Santa Sé. Pe. Topp assumiu o trabalho. Visitou todas as paróquias do Estado, quase de casa em casa, pedindo esmolas. Precisava de um patrimônio de 100 contos de réis, uma fábula. A pobreza dos catarinenses dificilmente poderia preencher este pré-requisito do Vaticano. Em 1905, tinha reunido 50 contos! Faltava a outra metade. O novo Bispo de Curitiba, Dom Duarte Leopoldo e Silva, deu uma sugestão, já adotada em outros estados: pedir ao Congresso do Estado um auxílio, que se efetivou, completando assim os 100 contos. Pe. Francisco Topp encaminhou ao Santo Padre Pio X um requerimento, assinado pelas principais autoridades do Estado, em 1906, por intermédio do Núncio Apostólico, Mons. Tonti. Acompanhava-o uma carta de Dom Duarte. O Secretário de Estado do Vaticano, Cardeal Merry del Val, encaminhou as correspondências à Congregação dos Negócios Extraordinários, a fim de dar seu parecer a respeito. Em agosto do mesmo ano, Pe. Topp viajou a Roma, para tratar pessoalmente do caso. Foi recomendado por cartas do Senhor Núncio e do Barão do Rio Branco. Em contatos com os cardeais romanos, conseguiu um parecer unânime para a criação da Diocese de Florianópolis.

24. E, finalmente, em 19 de março de 1908, a Bula “Quum Sanctissimus Dominus Noster”, de Pio X, erigia o Estado de Santa Catarina em Diocese, com o nome de “Florianópolis”, sendo a Matriz de Nossa Senhora do Desterro elevada a Catedral. O Bispo de Curitiba, que era então Dom João Francisco Braga, foi nomeado Administrador Apostólico até a nomeação do 1º. Bispo Diocesano, o que ocorreu a 13 de agosto do mesmo ano, recaindo a escolha na pessoa de Dom João Becker, que aqui permaneceu até 1912. Sucedeu-o Dom Joaquim Domingues de Oliveira, eleito a 2 de abril de 1914, tomando posse a 7 de setembro. Dom Joaquim permaneceu à frente da Diocese por mais de cinquenta anos, de 1914 até 1967, ano de sua morte.
25. Em 1927, com a criação das dioceses sufragâneas de Lages e Joinville, Florianópolis tornou-se Arquidiocese e Dom Joaquim foi elevado ao título de arcebispo, sendo o 2º. bispo e o 1º. arcebispo de Florianópolis. Foi sucedido por Dom Afonso Niehues, que governou a Arquidiocese por mais de vinte e cinco anos, de 1965 até 1991, quando se tornou emérito. Dom Eusébio Oscar Scheid a governou por dez anos, de 1991 a 2001. Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger esteve à frente da Arquidiocese, de 2002 até 2011. Em 28 de setembro de 2011, Dom Wilson Tadeu Jönck foi nomeado o nosso 6º. bispo e 5º. arcebispo. Tomou posse em 15 de novembro de 2011.

1.6 Retrato de um centenário

26. Quando criada, há pouco mais de cem anos, a Diocese de Florianópolis abrangia o território correspondente ao Estado de Santa Catarina. O que não era ponto pacífico, pois havia a região do “Contestado”, reclamada pelo Estado do Paraná. Após muitas lutas, o acordo final foi assinado em 1916, chegando Santa Catarina à sua área atual. Esta área “contestada” foi administrada pela Prelazia de Palmas – PR, até 1958, quando foi criada a Diocese de Chapecó. Antes disto, alguns territórios passaram a pertencer à Diocese de Lages.
27. Em 1908, na sua criação, a Diocese de Florianópolis incluía 42 paróquias, 7 curatos e 2 capelas curadas, distribuídas por 10 comarcas eclesiais. Hoje a Arquidiocese de Florianópolis se constitui de 64 paróquias, 7 santuários, 2 reitorias, 1 capelania, 2 capelanias militares e 2 paróquias militares, com 506

comunidades. O recenseamento de 1900 dera ao Estado a cifra de 321.294 habitantes. Alcançaria, em 1908, uns 350.000 habitantes. O clero da Diocese era constituído por 87 sacerdotes: 22 seculares, 36 franciscanos, 11 da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus e 18 Jesuítas.

28. A evangelização da região que hoje compreende a arquidiocese de Florianópolis se deu através de dois modelos bem distintos. O primeiro, de inspiração luso-açoriana, se organizava em irmandades, estava centrado na devoção aos santos. Os sacramentos eram buscados conforme a possibilidade do atendimento dos poucos sacerdotes da época, por ocasião dos momentos mais marcantes da vida, como a festa do padroeiro e a desobriga. Outro modo de evangelização, vindo com a imigração dos alemães e italianos, tem inspiração no Concílio de Trento (1545-1563), com a centralidade nos sacramentos, conferidos pelos padres. As comunidades se organizam segundo a prática religiosa semanal, de modo especial a observância do domingo. Na falta do padre, são postos e instituídos, à frente das comunidades, os “capelães”, sempre leigos e homens. Eles são a referência para a vida religiosa na comunidade na ausência do padre. O padre se fazia presente algumas poucas vezes ao ano.
29. A Igreja Católica em Santa Catarina, nesses pouco mais de cem anos de sua criação como Igreja diocesana, ganhou importância no contexto nacional. É impossível estudar a arte, o folclore e a cultura de nosso povo sem referências à Igreja Católica. Há marcos arquitetônicos e simbólicos – igrejas, santuários, museus etc. – que embelezam nossa paisagem e atraem muitos turistas. Há expressões religiosas populares – festas de santos padroeiros, procissões, peregrinações etc. – que reúnem multidões. Há colégios e escolas, hospitais e asilos, que servem à educação e à saúde do povo. Há instituições que atuam na promoção social do povo catarinense. Aqui foram criadas congregações religiosas. Aqui viveram santos e santas. Lembramos Santa Paulina e a Bem-aventurada Albertina. Celeiro de vocações, a Igreja catarinense fundou seminários e casas religiosas, e deu ao Brasil e ao mundo muitos missionários, religiosas, padres, bispos e cardeais. O crescimento da Igreja nesses cem anos exigiu a criação de outras dioceses: Lages, Joinville, Tubarão, Chapecó, Caçador, Rio do Sul, Joaçaba, Criciúma e Blumenau.

30. A Arquidiocese de Florianópolis tem mudado muito nas últimas décadas. Correntes migratórias de múltipla proveniência, particularmente do interior do Estado, dos Estados vizinhos e de países do Mercosul, estão criando um novo rosto no povo do litoral central catarinense. Na última década, nossa Arquidiocese cresceu em um terço em sua população, chegando atualmente à casa do um milhão e meio de habitantes. A riqueza cultural e espiritual desses migrantes faz com que nossas comunidades se tornem mais calorosas e ricas em carismas, serviços e ministérios. Por outro lado, o desenraizamento cultural desses novos moradores e o individualismo próprio da vida moderna, sobretudo nos grandes centros e periferias, geram indiferença religiosa, descompromisso com a fé e com a pertença eclesial. A Igreja não tem conseguido fazer-se presente na vida das pessoas e famílias, em suas alegrias e sofrimentos. Esse vazio tem favorecido o crescimento de outras igrejas.
31. É um problema sério de nossa Igreja diocesana, que se percebe mais claramente nas famílias e nas paróquias, a dificuldade de transmitir a fé às novas gerações, às crianças, adolescentes e jovens. Há pais que são verdadeiros catequistas e educadores de seus filhos, mas também é verdade que, de um modo geral, se está rompendo o elo da transmissão da fé. São muitíssimos os pais que não conseguem mais, não sabem ou, mesmo, não querem transmitir a fé a seus filhos. Não ensinam nem testemunham a fé que receberam no batismo.
32. Diante disso, cabe uma avaliação da qualidade de nossa ação evangelizadora junto ao povo católico, que é ainda fortemente marcado pela importância dos sacramentos, com pouco conhecimento e interesse por outras riquezas da fé cristã, como a Palavra e a Caridade. Dos três ministérios da Igreja – a Liturgia, a Palavra e a Caridade – salienta-se o primeiro, com pouco apreço para com os outros dois. Receber os sacramentos ainda parece ser mais importante do que celebrá-los e vivê-los. A preparação para os sacramentos, através da Palavra, e a prática dos sacramentos, através da Caridade, ainda são tidos, apesar dos avanços notáveis das últimas décadas, como uma obrigação pesada e desconfortável. Essa centralização no ministério da liturgia, pelo marcante peso na agenda sacramental, faz com que haja muita dependência do padre e da paróquia. Essa dependência faz com que haja

dificuldades na ação evangelizadora, pois o número de padres não tem crescido ao mesmo ritmo da população. Esta proporção deficitária de padres por habitantes dificulta a presença da Igreja, sobretudo nas grandes concentrações urbanas.

33. Tem crescido muito nos últimos anos o interesse pela Bíblia, a ponto de já se poder falar de um catolicismo bíblico que vem caracterizando nossas comunidades, os grupos bíblicos em família, a catequese, os movimentos eclesiais. Mesmo assim, grande parte do povo batizado ainda não é evangelizado. Tem crescido também a ação profética e caritativa da Igreja no meio do mundo, em favor dos mais pobres, através da ação social das paróquias e das pastorais sociais. Mesmo assim, o protagonismo dos leigos nas realidades temporais ainda é muito fraco. É tímida a presença da Igreja na sociedade, nos mundos da educação e do trabalho, da comunicação e de outros arcópagos modernos. Nesses campos da Palavra e da Caridade há um largo espaço para a atuação dos leigos.
34. Um fator de novidade na ação evangelizadora da Igreja tem sido o grande número de movimentos eclesiais e de comunidades de vida e de aliança, formados pelos leigos a partir de carisma próprio e com vistas ao anúncio e à presença do Evangelho no mundo. Eles têm conseguido realçar a presença da Igreja e a construção do Reino no âmbito da sociedade do litoral catarinense. Mesmo assim, há ainda um longo caminho a percorrer. Pois crescem entre nós o secularismo e o laicismo, o materialismo e o relativismo, com o risco de perda do significado da fé e da pertença religiosa, da prática da caridade e do empenho por um mundo mais humano e fraterno.
35. Ao fazer memória do passado, recebendo-o como dom de Deus, tomamos consciência do presente com a oferta de nossa resposta de fé, e cultivamos a esperança no futuro, através de práticas pastorais renovadoras que são propostas neste Plano Arquidiocesano de Pastoral.

2. Geografia

36. Geograficamente, a Arquidiocese de Florianópolis está situada no litoral central do Estado de Santa Catarina. Ocupa uma área de 7.878 km², que equivale a 12,10% do território catarinense. Dos seus 30 municípios, 13 compõem a região central do Estado, banhada pelo Oceano Atlântico, com

forte densidade urbana e intensa atração turística na temporada de verão, enquanto que outros 17 apresentam características bem diferentes, típicas de cidades pequenas e médias, com economia baseada na agricultura, indústria e comércio.

37. O território da Arquidiocese limita-se ao norte com o rio Itajaí Açu e a Diocese de Blumenau, a noroeste, leste e sudeste com o pico da Serra do Mar e as dioceses de Blumenau e Rio do Sul, e ao sul com a Diocese de Tubarão. Faz parte do bioma da Mata Atlântica, com uma natureza rica em acidentes geográficos como praias, baías, mangues, rios, planícies, serras e montanhas. Essa riqueza natural proporciona características particulares à região e a seu povo e requer uma consciência atenta quanto à preservação do meio ambiente, a fim de possibilitar também às gerações futuras as condições de vida em harmonia com toda a natureza.

3. Etnia

38. Na formação étnica da Arquidiocese predominam os portugueses, os afro descendentes, alemães e italianos. Dos municípios da Arquidiocese, treze foram colonizados por açorianos (Balneário Camboriú, Garopaba, Biguaçu, Bombinhas, Camboriú, Florianópolis, Gov. Celso Ramos, Itapema, Palhoça, Paulo Lopes, Porto Belo, São José e Tijucas). Outros cinco tiveram a formação predominantemente alemã (Águas Mornas, Angelina, Rancho Queimado, São Bonifácio e São Pedro de Alcântara) e dois municípios foram colonizados por italianos (Botuverá e Nova Trento). Os municípios de Guabiruba e Brusque receberam colonizadores alemães, italianos e poloneses. Anitápolis, além dos portugueses, alemães e italianos, também recebeu colonizadores russos. Os demais oito municípios receberam colonizadores portugueses, italianos e alemães¹.
39. Como o processo de colonização deu-se predominantemente por portugueses, alemães e italianos, o percentual de afro descendentes nos municípios da Arquidiocese não acompanha a média nacional que é de 47,7% da população. No entanto, é expressiva a população afro-

¹ Ver Quadro 1 do Diagnóstico Social da Arquidiocese – 2011 – sobre a formação étnica e atividades econômicas predominantes os municípios da Arquidiocese.

descendente na Arquidiocese, sobretudo nos municípios litorâneos. Florianópolis é o segundo município de Santa Catarina com maior representação de afro-descendentes, com 12,6% do total da sua população. O município de Itajaí ocupa a terceira posição no contexto estadual com uma população de 12% de afro-descendentes.

40. Existem três comunidades de remanescentes de quilombolas na Arquidiocese. São reconhecidas por sua autenticidade cultural a partir da identificação de elementos como a ancestralidade comum das pessoas, as formas de organização política e social, além dos elementos linguísticos e religiosos. Nas três comunidades existe um total de 55 famílias, localizadas nos seguintes municípios: Garopaba (Comunidade Morro do Fortunato com 20 famílias), Porto Belo (Comunidade Valongo com 15 famílias) e Camboriú (Comunidade Morro dos Cavalos com 15 famílias). Essas comunidades apresentam alto índice de pobreza e são atendidas pela CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento - com cestas do Programa de Aquisição de Alimentos.
41. Quanto à população indígena, temos no território da Arquidiocese 09 comunidades indígenas da nação Guarani, com uma população aproximada de 500 pessoas, formada, em mais de 50%, por crianças, adolescentes e jovens. Essas 09 comunidades sobrevivem, em sua grande maioria, com a produção e venda do artesanato Guarani no centro de Florianópolis, onde em situações precárias procuram comercializar suas mercadorias. Pelo fato de não possuírem um espaço adequado e condições dignas para a venda, os indígenas são confundidos muitas vezes pela população como pedintes ou mendigos, desvalorizando assim os produtos expostos, que acabam não sendo apreciados pelos que circulam pelas ruas da capital.
42. Além da comercialização do artesanato, alguns indígenas possuem aposentadoria, são beneficiários do Bolsa Família, alguns são agentes de saúde ou professores. A renda de que dispõem, porém, não é o suficiente para a sobrevivência digna, passando por dificuldades e carências diversas.
43. A demarcação das terras continua sendo a principal luta dos povos indígenas. Até o momento, três áreas ainda estão sem identificação (Massiambú e Cambirela, em Palhoça; Tekoha Yvy Dju Mirim, em Biguaçu), ou seja, não se iniciou nenhum processo de estudo para a

demarcação da terra. A comunidade do Morro dos Cavalos já está demarcada, mas ainda falta concluir a indenização dos não-indígenas, para que o povo indígena possa ocupar toda a terra. Há cinco áreas já regularizadas (três em Biguaçu, uma em Major Gercino e uma em Canelinha). Essas terras geralmente são pequenas e impróprias para o cultivo da agricultura, até mesmo para o sustento da aldeia.

44. Uma boa parte dos grandes projetos econômicos que são desenvolvidos em áreas de ocupação das populações tradicionais, empobrecidas e menos favorecidas, são em sua grande maioria iniciados sem um diálogo ou qualquer aproximação com a população. As pessoas tendem a se organizar e a adaptar seu jeito de viver, em muitos casos, tendo que ser removidos do local para dar espaço aos projetos. No caso da obra de duplicação da BR 101 sentido sul, uma boa parte dos indígenas teve que sair de suas terras e comprar outras propriedades, fora do local onde já havia estabelecido relações e instalado suas famílias.
45. A Igreja Católica contribui fortemente para a preservação das raízes culturais de nossas etnias. Alguns costumes e festividades do período de colonização são cultivados em nossas comunidades, como é o caso das festas do Divino Espírito Santo, grupos culturais, orquestras, corais, grupo de terno de reis, boi-de-mamão, entre outros. A Arquidiocese também dispõe do Museu Arquidiocesano Dom Joaquim, em Brusque, e do Espaço Museal da Catedral Metropolitana, em Florianópolis, que contribuem com a manutenção de parte da história do Estado de Santa Catarina, sobretudo no campo da arte sacra.

4. População

46. Segundo o Censo de 2010, a Arquidiocese tem uma população de 1.561.845 habitantes, quase 25% da população do Estado de Santa Catarina. Das 20 cidades mais populosas do Estado, sete são da Arquidiocese: Florianópolis (2ª posição), São José (4ª), Itajaí (7ª), Palhoça (10ª), Balneário Camboriú (11ª), Brusque (12ª) e Camboriú (17ª).
47. Nos últimos 10 anos, a população cresceu aproximadamente 29% (ver Quadro 1). Há municípios que apresentaram um crescimento acima de 50%, todos na região litorânea da Arquidiocese: Itapema (77,10%),

Bombinhas (64,20%), Porto Belo (50,58%) e Camboriú (50,24%). O município que mais cresceu foi São João Batista, com 77,70%, transformando-se numa das cidades mais produtoras de calçados do Brasil. Esse fato decorre do fechamento de várias indústrias de calçados no Rio Grande do Sul, o que proporcionou um movimento migratório maior para nossa região, sendo a principal motivação o mercado de trabalho.

48. Por sua vez, os municípios que têm como base da sua economia a agricultura apresentaram um decréscimo populacional: Leoberto Leal (-10%), Angelina (-9,11%), São Bonifácio (-6,53%) e Anitápolis (-0,62%). No entanto, há municípios com preponderância rural que cresceram: Antônio Carlos (16%); Botuverá (19%); Major Gercino (4%); Rancho Queimado (4%). Destacam-se os municípios de Major Gercino e Botuverá que, mesmo não sendo litorâneos, tiveram transformada sua principal base da economia, a agricultura, o que possibilitou a manutenção das famílias e a atração de novos moradores com o crescimento da industrialização: Major Gercino, com a indústria calçadista, e Botuverá, com as confecções. O processo de urbanização, de litoralização e de juvenilização das cidades catarinenses acontece de modo intenso no interior do próprio território da Arquidiocese. As relações estabelecidas entre o campo e a cidade resultam de um conjunto de transformações sociais, econômicas, políticas e culturais, que modificam o espaço urbano e rural. Com a auto-suficiência do campo, graças às novas tecnologias desenvolvidas para o trabalho rural, à dependência dos serviços e equipamentos implantados nas cidades, evidencia-se a compreensão de que o rural e o urbano não devem ser pensados separadamente, como se fossem opostos, mas como interdependentes e complementares.

Quadro 1 – População na Arquidiocese entre 2000 e 2010 – Fonte: IBGE, Censo 2010								
Nº	Município	População em 2000	População em 2010	Homens em 2010	Mulheres em 2010	População urbana em 2010	População rural em 2010	Crescimento 2000/2010
1	Angelina	5.776	5.250	2.765	2.485	1.123	4.127	-9,11
2	Águas Mornas	5.390	5.546	2.808	2.738	2.327	3.219	2,81
3	Anitápolis	3.234	3.214	1.675	1.539	1.315	1.899	-0,62
4	Antônio Carlos	6.434	7.455	3.754	3.701	2.338	5.117	16%
5	Balneário Camboriú	73.455	108.107	51.393	56.714	108.107	0	47,17
6	Biguaçu	48.077	58.238	28.691	29.547	52.806	5.432	21,14
7	Bombinhas	8.716	14.312	7.207	7.105	14.312	0	64,2
8	Botuverá	3.756	4.468	2.278	2.190	1.310	3.158	19%
9	Brusque	76.058	105.495	52.400	53.095	102.017	3.478	38,7
10	Camboriú	41.445	62.289	31.111	31.178	59.157	3.132	50,24
11	Canelinha	9.004	10.603	5.372	5.231	6.726	3.877	17,76
12	Florianópolis	342.315	421.203	203.093	218.110	405.243	15.960	23,04
13	Garopaba	13.164	18.144	9.133	9.011	15.326	2.818	37,83
14	Gov. Celso Ramos	11.598	13.012	6.634	6.378	12.264	748	12,19
15	Guabiruba	12.976	18.433	9.352	9.081	17.069	1.364	42,05
16	Itajaí	147.494	183.388	90.141	93.247	173.465	9.923	24,34
17	Itapema	25.869	45.814	22.387	23.427	44.676	1.138	77,1
18	Leoberto Leal	3.739	3.365	1.754	1.611	820	2.545	-10%
19	Major Gercino	3.143	3.279	1.672	1.607	1.249	2.030	4%
20	Nova Trento	9.852	12.179	6.177	6.002	9.121	3.058	23,62
21	Palhoça	102.742	137.199	68.332	68.867	135.229	1.970	33,54
22	Paulo Lopes	5.924	6.692	3.404	3.288	4.820	1.872	12,96
23	Porto Belo	10.704	16.118	8.013	8.105	15.203	915	50,58
24	Rancho Queimado	2.637	2.748	1.398	1.350	1.290	1.458	4%
25	Santo Amaro da Imperatriz	15.708	19.830	9.986	9.844	14.977	4.853	26,24
26	São Bonifácio	3.218	3.008	1.551	1.457	685	2.323	-7%
27	São João Batista	14.861	26.260	13.287	12.973	23.551	2.709	76,7
28	São José	173.559	210.513	101.794	108.719	208.017	2.496	21,29
29	São Pedro de Alcântara	3.584	4.710	2.994	1.716	3.735	975	31,42
30	Tijucas	23.499	30.973	15.497	15.476	26.012	4.961	31,81
TOTAL		1.207.931	1.561.845	766.053	795.792	1.464.290	97.555	29,29%

49. São interessantes os dados da população da Arquidiocese, por sexo e faixa etária (Ver Quadro 2). Em relação ao sexo, o percentual é de 51% de mulheres e 49% de homens. Quanto à faixa etária, constata-se o grande número de crianças, adolescentes e jovens. A população com faixa etária de zero a 14 anos equivale a 20,50% da população. Considerando o índice populacional infanto-juvenil, de pessoas de zero a 24 anos, chega-se a 38,47% da população. Se incluirmos nessa faixa as pessoas até 34 anos de idade, chega-se a 57,17% do total da população. Há uma grande concentração da população na faixa de 35 a 49 anos de idade, equivalente a 22,18% da população. Considerando a população adulta, de 25 a 59 anos de idade, temos 51,55% da população. A população idosa, acima de 60 anos, diferenciando-se de dados que apontam para o envelhecimento da população brasileira, chega, em nossa Arquidiocese, a 9,98%. A população idosa de mulheres é superior à de homens, somando uma diferença de 20.274 mulheres a mais do que homens. Por outro lado, a menor diferença de gênero se encontra na faixa etária entre 15 e 49 anos, com apenas 6.765 mulheres a mais do que homens.

Quadro 2 População por sexo e faixa etária na Arquidiocese			
Faixa Etária	Homens	Mulheres	%
Até 14 anos de idade	163.197	156.885	20,50
De 15 a 24 anos de idade	141.158	139.312	17,97
De 25 a 34 anos de idade	146.211	145.938	18,70
De 35 a 49 anos de idade	168.673	177.557	22,18
De 50 a 59 anos de idade	78.847	87.859	10,67
De 60 a 74 anos de idade	53.683	64.086	7,53
De 75 a 89 anos de idade	13.512	22.208	2,28
De 90 a 100 anos de idade	772	1.947	0,17
Total	766.053	795.792	100

50. Os municípios da Arquidiocese que registraram maior índice populacional infanto-juvenil, entre 0 a 34 anos, são aqueles que apresentaram alterações na dinâmica econômica; boa parte desses municípios tem centros universitários e se destacam no setor da construção civil: Camboriú (64,1% de homens, 62,6% de mulheres), São João Batista (62,4% de homens, 61,2% de mulheres), Palhoça (61,2% de homens, 59,2% de mulheres), Itajaí (61% de homens),

Canelinha (58,9% de mulheres), Biguaçu (60,5% de homens, 58,6% de mulheres). São municípios que demandam maior atenção pastoral junto às crianças, adolescentes e jovens.

51. Os municípios que apresentaram maior índice populacional de adultos, entre 35 e 59 anos, com exceção de Florianópolis e de Governador Celso Ramos, conservam como base de sua economia a agricultura: São Bonifácio (37% de homens, 34,7% de mulheres), Botuverá (36,6% de homens), Anitápolis (36,5% de homens, 34,5% de mulheres), Governador Celso Ramos (36,1% de homens, 35,8% de mulheres), Florianópolis (34,5% de mulheres), Rancho Queimado (36,4% de homens).
52. Os municípios com maior índice populacional de idosos, acima de 60 anos, são todos baseados na agricultura: São Bonifácio (16,4% de homens, 20,2% de mulheres), Major Gercino (13,9% de homens, 15,9% de mulheres), Angelina (13,8% de homens, 18,6% de mulheres), Anitápolis (13,5% de homens, 15,9% de mulheres), Rancho Queimado (15% de homens, 13,2% de mulheres), São Pedro de Alcântara (20,5% de mulheres). São municípios que demandam maior atenção pastoral junto às pessoas idosas. Desses seis municípios, três deles (São Bonifácio, Angelina, Anitápolis) registraram decréscimo populacional nos últimos 10 anos.
53. Quanto à população de estrangeiros no território da Arquidiocese, o fluxo migratório tem acompanhado a dinâmica do crescimento populacional. Entre os anos de 1980 e 2000, a presença de estrangeiros na Arquidiocese cresceu 7,5%, sendo que no município de Florianópolis este crescimento foi de 9,5%. Dados do levantamento feito pelo Ministério da Justiça em 2008 revelam que a população estrangeira na Arquidiocese era de 14.197, o que representa aproximadamente 1% da população total da Arquidiocese e 60% dos imigrantes presentes em Santa Catarina. Em março de 2008, os cinco municípios da Arquidiocese com maior número de estrangeiros eram: Florianópolis (9.037 pessoas), Balneário Camboriú (2.181), Itajaí (1.039), São José (602), Camboriú (314). A presença dos imigrantes em Santa Catarina é motivada por diferentes fatores, como a busca de melhor qualidade de vida, os estudos, a qualificação profissional e o emprego. A Pastoral do Imigrante considera que há aproximadamente 20% de imigrantes em situação irregular em Santa Catarina; por isso não constam nos levantamentos realizados pelo Ministério da Justiça.

5. Situação sócio-cultural

54. Nas últimas décadas, o Estado de Santa Catarina vem sofrendo um rápido e cada vez mais intenso processo de urbanização. O Censo de 2010 revela que mais de 84% da população total é urbana e se concentra em cidades mais próximas ao mar, num fenômeno chamado de “litoralização”. A arquidiocese de Florianópolis é fortemente afetada por este processo, uma vez que se situa no litoral central do Estado, estando seus municípios entre os que mais recebem novos moradores, provenientes do interior do Estado, dos estados vizinhos e dos países do Cone Sul. A par desse processo de litoralização, há também o que se poderia chamar de “juvenilização” de nossa população, pelo destaque que têm os jovens que vêm para cá em busca de melhores oportunidades para avançar nos estudos e garantir emprego e renda.
55. Por esse intenso processo de urbanização, litoralização e juvenilização, a cultura urbano-moderna que abala a sociedade ocidental tem efeitos ainda mais significativos entre nós. Inserida no mundo, nossa Igreja diocesana – nosso povo e nossos agentes de pastoral – sofrem os impactos da cultura urbano-moderna, na qual surgem muitas sombras. Há uma crescente fragmentação dos referenciais de valores, gerando critérios parciais e múltiplos frente à vida, à religião, ao casamento e à família e aos relacionamentos pessoais. As tradições culturais e religiosas, que eram capazes de unificar os diferentes fragmentos e garantiam a transmissão de valores, não correspondem mais nem às expectativas pastorais de evangelização e catequese nem às expectativas de paz social. Muitos se afastam dessas tradições em busca de outros caminhos, mas perdem-se em opções egoístas e imediatistas. Supervaloriza-se a subjetividade, que se choca com os vínculos familiares e comunitários. A globalização do mercado, em lugar da segurança e do progresso prometidos, provoca um aumento sensível dos riscos, gerando uma situação de medo e estresse no cotidiano.
56. Diante das incertezas e do risco, busca-se satisfação imediata, sobretudo canalizada para o desejo de consumo, criando falsas necessidades. Confunde-se felicidade com bem-estar econômico e satisfação hedonista, num clima de permissividade e sensualidade, fundado na lógica do individualismo pragmático e narcisista. Também o elemento religioso torna-se bem de consumo, na ilusão da felicidade fácil.

57. Em meio a essas sombras, entretanto, há muitas luzes. Vislumbra-se a afirmação do valor fundamental da pessoa humana, de sua liberdade, consciência e experiência, bem como a busca do sentido da vida. Podemos perceber a presença do Espírito também no território de nossa Igreja diocesana, nos movimentos sociais, que se articulam em favor de grandes causas, muitas delas motivadas pelo próprio Evangelho, como a luta contra as exclusões, a promoção da mulher, a preservação da ecologia, a defesa de culturas e etnias como a indígena e afro-descendente, o empenho pelo diálogo ecumênico e inter-religioso, a busca da justiça social, o movimento de reafirmação cultural, o combate à corrupção política eleitoral, a luta por “um outro mundo possível”. Muitos buscam o sentido da vida no reforço de sua pertença religiosa e na busca de uma real experiência de Deus. Manifesta-se, nos sonhos e nas atitudes de muita gente, uma consciência planetária e a percepção de que fazemos parte de uma família universal. Em nossas terras, há diversas expressões culturais de cunho religioso, como o terno de reis e a bandeira do Divino.

6. Situação econômica

58. Localizada na Região Sul, uma das regiões mais ricas do país, e tendo como sede uma das capitais mais bem situadas no ranking econômico, a arquidiocese de Florianópolis situa-se bem no centro da economia globalizada.
59. As atividades econômicas predominantes nos municípios da Arquidiocese são: serviços, turismo, comércio, pesca e agricultura familiar. No que se refere ao mercado formal de trabalho, aquele de carteira assinada, o setor de serviços, se comparado com o total de trabalhadores registrados nos municípios da Arquidiocese, é o que mais emprega. A sequência do total de trabalhadores registrados no território da Arquidiocese é a seguinte: serviços (34,47%), administração pública (23,97%), comércio (19,49%), indústria de transformação (14,71%), construção civil (4,53%), agropecuária (1,37%), serviços industriais de utilidade pública (1,27%) e o extrativismo mineral (0,18%).
60. Por setor econômico, Itajaí se destaca no setor portuário e no extrativismo mineral. O município de Brusque se destaca, de forma isolada, na indústria

de transformação. Em São José, o setor que mais se destaca é a construção civil. O município de Florianópolis lidera de forma isolada os demais setores: administração pública, serviços, comércio, e serviços industriais de utilidade pública. O setor que tem se destacado em Florianópolis é o de tecnologia, que é responsável por 45% do PIB do município

61. Como em todo o mundo, temos uma economia fundada nos moldes do capitalismo neoliberal, com comercialização voltada para a exportação, com sua dinâmica de mercado que absolutiza a eficiência, a produtividade e o lucro, como valores reguladores de todas as relações humanas. O privilégio do lucro e o estímulo da concorrência geram a concentração do poder e da riqueza, como recursos físicos, monetários e de informação em mãos de poucos.
62. A consequência mais drástica é o aumento das desigualdades, da pobreza e da exclusão visivelmente comprovadas nas periferias de nossas cidades. Surge uma nova face da pobreza, estampada no rosto dos moradores de rua, migrantes, enfermos, drogados, presos e outros, que, além de explorados, são supérfluos e descartáveis.
63. Outro aspecto que merece destaque é o alto índice de desemprego que ocorre na baixa temporada, principalmente nos municípios em que a base da economia é o turismo, sendo que nesses meses do ano os trabalhadores devem buscar outras fontes de renda, como é o caso da pesca da tainha. O desemprego estrutural ameaça a união dos trabalhadores e seu empenho nas lutas coletivas e atinge diretamente a dignidade de muitas pessoas. O predomínio desta tendência concentradora da economia capitalista neoliberal limita as possibilidades das pequenas e médias empresas e favorece o monopólio dos grandes consórcios. As instituições financeiras e as grandes empresas nacionais e internacionais subordinam as economias locais. Por conta de incentivos fiscais e maior rentabilidade econômica, o governo estadual e os governos municipais incentivam as grandes indústrias a se fixarem em nossa região em prol de um desenvolvimento nem sempre sustentável. As grandes indústrias extrativistas, a agroindústria, a indústria pesqueira e a indústria do turismo nem sempre reconhecem os direitos das populações locais, não respeitam a agricultura familiar e agroecológica, nem preservam os recursos naturais.

64. A economia na Arquidiocese tem-se transformado constantemente. Existe um processo acelerado de instalação de grandes empresas em diversas cidades da Arquidiocese, o que na sua maioria visa ao grande número de consumidores presente na região, principalmente na alta temporada. Por um lado, esse processo cria oportunidades de trabalho, embora nem sempre haja mão-de-obra qualificada para atender a demanda; por outro lado, influencia drasticamente a dinâmica das pequenas e micro empresas, que são obrigadas a competir com empresas gigantes, como é o caso das multinacionais.
65. Neste contexto, surgem os empreendimentos de economia solidária, como uma alternativa ao desemprego em diversas comunidades. São grupos de artesãos, cooperativas de maricultura, associações de agricultores e apicultores, entre outros. No último mapeamento, realizado pelo Ministério do Trabalho e Emprego, foram identificados 68 empreendimentos de economia solidária nos municípios da Arquidiocese. A maioria destes empreendimentos se compõe de mulheres que sobrevivem com trabalhos manuais e artesanais, buscam produzir e comercializar de forma coletiva, contrapondo-se à lógica atual do sistema capitalista que induz ao individualismo.
66. As populações rurais sofrem as consequências da pobreza, agravada pela falta de acesso à terra própria, de financiamento adequado, de condições de vida digna, de apoio à agricultura familiar e de acesso às políticas sociais públicas. É preocupante o processo da mobilidade humana, causada, sobretudo, pela busca de trabalho e melhores condições de vida, inchando nossas cidades litorâneas, despreparadas em sua infra-estrutura de saneamento, viação, transporte, segurança, educação, moradia e saúde. Com isso cresce o número de trabalhadores informais nas grandes cidades.
67. Os programas sociais de transferência de renda, presentes em grande parte dos municípios de nossa arquidiocese, vêm contribuindo significativamente com a economia local, pois geram uma maior renda familiar aos beneficiários, que passam a consumir mais em pequenos comércios locais nas comunidades. Não se pode negar que vivemos numa zona privilegiada no contexto do Estado e do país, graças a melhorias significativas, como a queda dos índices de desemprego e o crescimento da renda e do consumo,

que vêm impulsionando o crescimento de nossa economia. No entanto, é visível o desamparo do povo no acesso às políticas públicas essenciais fundamentais: saúde, educação, assistência social, habitação e outras.

7. Situação ecológica

68. A rica biodiversidade do litoral catarinense tem servido de chamariz para o turismo receptivo. Ao lado do uso adequado para o lazer e o descanso, nossas praias e montanhas têm sido alvo fácil de depredação. Nossa região sofre as consequências do modelo de desenvolvimento econômico capitalista-consumista, que privilegia o mercado financeiro e prioriza o turismo predatório. Nos grandes centros e nas áreas balneárias cresce a empresa imobiliária. Nas zonas de montanha, há uma explosão imobiliária com a criação de sítios e condomínios fechados. Nas zonas rurais, ainda que no regime de agricultura familiar, que tem caracterizado, desde sempre, a economia da região, cresce o uso de agrotóxicos, com grandes riscos para a saúde dos agricultores. Em termos positivos, destacam-se os movimentos agroecológicos, de áreas de preservação permanente, tais como de manguezais, e a preservação do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, situado na região sul da arquidiocese, e outros.
69. Podemos dizer, com relativa felicidade, que o agro e o hidronegócio, como a extensiva monocultura do pinus eliotis e a agroindústria dos “integrados”, não têm tanta expressão em nossa diocese como em outras regiões do Estado. Mesmo assim, já é motivo de preocupação, também, a gradativa expansão do cultivo do pinus eliotis e do eucalipto, sobretudo nas encostas da Serra Geral, como mera fonte de renda, provocando acentuada diminuição no volume de nossas águas, em especial nas suas nascentes, em sempre maior número de pequenas propriedades que acabam nas mãos de poucos, devido ao êxodo das famílias originárias.
70. A agricultura familiar, que no Estado e no Brasil é responsável por mais de 70% da produção agrícola de alimentos, é bastante expressiva em nossos municípios marcadamente rurais. Na Grande Florianópolis, esses municípios formam o cinturão verde, que produz frutas e hortaliças para a manutenção da população urbana. Ali assistimos ao nascer de pequenas indústrias que se ocupam dos produtos da agropecuária, agregando valores. Cresce o turismo rural, o religioso e o próprio de cada estação, mais à beira-

mar, não sem o entrechoque entre a população nativa e a transitória no veraneio.

71. Nos municípios litorâneos da Arquidiocese, o meio ambiente é atingido de forma desordenada pelo processo acelerado de ocupação desordenada do solo, incluindo construções irregulares e grandes empreendimentos imobiliários, modificando substancialmente as paisagens naturais das cidades. A especulação imobiliária de nossas cidades influencia violentamente os ecossistemas costeiros, por causa dos desmatamentos, aterramentos, esgotos inadequados etc. No mar, a pesca industrial põe em risco a sobrevivência de diversas espécies marinhas.
72. Nos municípios rurais, a forma de degradação ambiental é diferente. Com a diminuição populacional de muitas cidades, ocorre a ampliação de propriedades e um investimento massivo na plantação de pinus, destruindo a mata atlântica. O uso de agrotóxico nos municípios rurais é outro grave problema que põe em risco a integridade física e psicológica dos agricultores e polui rios e matas.
73. Outro aspecto ambiental que merece reflexão mais profunda é a instalação de grandes empresas multinacionais nos municípios da Arquidiocese. Em 2010, após intenso debate envolvendo governos e ecologistas, a Empresa OSX desistiu da implantação de um estaleiro em Biguaçu. Atualmente existe o projeto de implantação de uma fosfateira do Grupo Yara e Bunge em Anitápolis.
74. Como em todas as partes do mundo, também o território da Arquidiocese sofre com a ocorrência constante de catástrofes ambientais, tais como: enchentes, ciclones, furacões, terremotos, chuvas de granizo, entre outros. Em 2008, eventos climáticos provocados pelo fenômeno do El Niño tiveram como consequência as cheias de rios, em Itajaí, Brusque, Guabiruba, São José, São Pedro de Alcântara, Palhoça e Camboriú; houve também deslizamentos em Itajaí, Brusque e São José. Em 2009 foram registradas novas ocorrências de cheias, deixando vários municípios em situações de emergência; houve também marés altas em Florianópolis, Balneário Camboriú, Tijucas, Itapema, e granizo em Biguaçu e Antônio Carlos. Em 2010, o município de Florianópolis foi atingido por uma ressaca que deixou 1.700m de orla danificados pela erosão do solo provocada pelo

mar agitado, e 77 pessoas foram afetadas. Em 2011, enchentes atingiram os municípios de Brusque e Itajaí. A cada vez que acontecem essas catástrofes ambientais, são centenas os desabrigados e desalojados, quase sempre das camadas mais pobres da população. A Campanha da Fraternidade de 2011 chamou a atenção para as mudanças climáticas, que são em grande parte causadas pela intervenção humana predatória do ambiente.

8. Situação social

75. Nossa situação social pode ser medida através do IDH de nossos municípios. Todos os trinta municípios da Arquidiocese têm IDH (Índice de Desenvolvimento Humano²) acima da média nacional que é de 0,699. Cinco municípios estão acima da média estadual, que é de 0,840, o mais alto entre os estados da federação (Florianópolis: 0,875, Balneário Camboriú: 0,867, São José: 0,849, Santo Amaro da Imperatriz: 0,843, Brusque: 0,842). Enquanto Florianópolis tem o IDH mais alto (0,875), Leoberto Leal tem o IDH mais baixo (0,748) da Arquidiocese.

² O cálculo do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) é feito pela composição dos seguintes fatores: educação (anos médios de estudos), longevidade (expectativa de vida da população) e Renda Nacional Bruta. Os municípios com IDH até 0,499 têm desenvolvimento humano considerado baixo; os municípios com índices entre 0,500 e 0,799 são considerados de médio desenvolvimento humano, e os municípios com IDH maior que 0,800 têm desenvolvimento humano considerado alto.

Quadro 3: Índice de Desenvolvimento Humano					
Nº	Município	IDH	Nº	Município	IDH
1.	Florianópolis	0,875	16.	Porto Belo	0,803
2.	Balneário Camboriú	0,867	17.	Major Gercino	0,799
3.	São José	0,849	18.	Botuverá	0,795
4.	Santo Amaro da Imperatriz	0,843	19.	Canelinha	0,795
5.	Brusque	0,842	20.	São Pedro de Alcântara	0,795
6.	Itapema	0,835	21.	Governador Celso Ramos	0,790
7.	Tijucas	0,835	22.	Garopaba	0,785
8.	Guabiruba	0,829	23.	São Bonifácio	0,785
9.	Antônio Carlos	0,827	24.	Águas Mornas	0,783
10.	Itajaí	0,825	25.	Anitápolis	0,773
11.	São João Batista	0,819	26.	Rancho Queimado	0,773
12.	Biguaçu	0,818	27.	Angelina	0,766
13.	Palhoça	0,816	28.	Camboriú	0,764
14.	Nova Trento	0,815	29.	Paulo Lopes	0,759
15.	Bombinhas	0,809	30.	Leoberto Leal	0,748
IDH do Brasil: 0,699					
IDH de SC: 0,840					

76. Outro meio de conferência de nossa situação social pode ser o acesso a redes de água, esgoto e energia elétrica (Ver Quadro 4)
77. No censo do IBGE de 2000, o acesso ao abastecimento público de água era de apenas 60,36% do total das unidades familiares dos 30 municípios da Arquidiocese. Os cinco municípios mais bem servidos situam-se no litoral: São José (96%), Balneário Camboriú e Itajaí (94%), Florianópolis e Governador Celso Ramos (90%). Os cinco menos atendidos situam-se na região rural: Leoberto Leal (16%), Águas Mornas (17%), Major Gercino (22%), Botuverá e São Bonifácio (25%).
78. No que se refere à rede de esgoto, a média arquidiocesana é similar à média estadual, de 13,06%. É baixa, porém não tanto, se comparada à média estadual que é de 7%. Há cinco municípios que não marcam ponto neste item: Bombinhas, Garopaba, Paulo Lopes, São Bonifácio e São Pedro de Alcântara. Os cinco mais bem situados são: Balneário Camboriú (83%), Florianópolis (48%), Camboriú e Itajaí (35%), São José (31%).

79. Em relação ao acesso à energia elétrica, a média arquidiocesana é de 99,53%, acima da do Alto Vale do Itajaí que é 97,75%, e bem acima da média do Planalto Norte que é de 92,96%.

Quadro 4: Acesso a redes públicas de água, esgoto e energia elétrica			
Município	Água %	Esgoto %	Energia Elétrica %
Águas Mornas	17	1	100
Angelina	65	1	100
Anitápolis	34	6	97
Antônio Carlos	29	4	100
Balneário Camboriú	94	83	100
Biguaçu	77	21	100
Bombinhas	60	0	100
Botuverá	25	05	98
Brusque	84	22	100
Camboriú	75	35	99
Canelinha	82	16	100
Florianópolis	90	48	100
Garopaba	58	0	100
Governador Celso Ramos	90	06	99
Guabiruba	50	06	99
Itajaí	94	35	100
Itapema	89	03	100
Leoberto Leal	16	01	99
Major Gercino	22	05	100
Nova Trento	44	04	99
Palhoça	89	03	100
Paulo Lopes	65	0	100
Porto Belo	79	02	99
Rancho Queimado	26	03	100
Santo Amaro da Imperatriz	77	21	100
São Bonifácio	25	0	100
São João Batista	81	8	100
São José	96	31	100
São Pedro de Alcântara	46	0	98
Tijucas	84	22	99

80. Outro fator que ajuda a conhecer nossa situação social é o mapa da fome da Arquidiocese. Infelizmente, a miséria e a fome ainda são uma realidade na vida de muitas famílias dos municípios da Arquidiocese. O crescimento econômico atrai diversas pessoas para as cidades litorâneas em busca de uma melhor qualidade de vida. Acompanhando o crescimento dos municípios, surgem diversas comunidades empobrecidas, algumas delas no alto dos morros ou em áreas de preservação permanente. Somente no

município de Florianópolis estima-se que haja aproximadamente 60 comunidades empobrecidas, que apresentam um universo imensurável de necessidades, abrangendo desde habitação, saúde, saneamento, educação, trabalho, entre outros.

81. A Igreja Católica, através das Ações Sociais Paroquiais e de suas Pastorais Sociais, tem forte atuação junto a estas comunidades. Essa atuação inicia geralmente com trabalhos de atendimento emergencial (alimentos, roupas, medicamentos etc.), avançando posteriormente, com o aprimoramento de sua ação, para iniciativas sócio-transformadoras, como é o caso de cursos profissionalizantes, geração de trabalho e renda, programas sócio-educativos, encaminhamentos para a rede sócio-assistencial, entre outros.
82. Considerando a indisponibilidade dos dados completos do Censo de 2010, o mapa da fome da Arquidiocese (ver Quadro 5) foi elaborado a partir de um cruzamento de dados, com elementos extraídos do Diagnóstico da Exclusão Social de Santa Catarina e da taxa de crescimento populacional dos municípios da Arquidiocese, entre os anos de 2000 e 2010. Portanto, o quadro apresenta uma projeção da taxa de pobreza moderada (US\$ 2,00 dia) e da pobreza extrema (US\$ 1,00 dia), conforme definição do Banco Mundial.
83. No contexto geral, percebe-se que os municípios com maior percentagem de pessoas com renda insuficiente para manter os padrões mínimos de sobrevivência (pobreza extrema), encontram-se nas regiões rurais, com destaque para Angelina (27,4%), Leoberto Leal (21,4%), Anitápolis (20,9%). Na soma geral dos municípios que apresentaram o maior índice de pobreza, incluindo a moderada e a extrema, oito municípios da Arquidiocese apresentaram taxa de pobreza igual ou maior que 50% do total da população, conforme a seguinte ordem: Angelina (75,8%), Leoberto Leal (67,1%), Anitápolis (63,1%), Garopaba (56,9%), Rancho Queimado (56,4%) e São Bonifácio (54,2%), Camboriú (52,8%), Bombinhas (51,5%) e Governador Celso Ramos (50%). Segundo levantamento realizado pela Ação Social da Arquidiocese em 2010, na maioria destes municípios ainda não existem Ações Sociais Paroquiais bem organizadas.

Quadro 5: Mapa da Fome da Arquidiocese

Nº	Município	População 2010	Renda US\$ 2,00 por dia	% pessoas pobres	pessoas com renda insuficiente US\$ 1,00 por dia	% pessoas com renda insuficiente	Famílias com renda insuficiente
1	Angelina	5.250	2.565	48,85	1.442	27,4	359
2	Águas Mornas	5.546	1.669	30,09	437	7,8	106
3	Anitápolis	3.214	1.390	43,24	673	20,9	160
4	Antônio Carlos	7.455	1.418	19,02	373	5,0	81
5	Balneário Camboriú	108.107	21.267	19,67	8.490	7,8	2.070
6	Biguaçu	58.238	19.352	33,22	5.909	10,1	1.555
7	Bombinhas	14.312	5.536	38,68	1.848	12,9	486
8	Botuverá	4.468	869	19,44	220	4,9	51
9	Brusque	105.495	15.171	14,38	3.556	3,3	1.270
10	Camboriú	62.289	24.495	39,32	8.440	13,5	1.962
11	Canelinha	10.603	3.033	28,60	705	6,6	185
12	Florianópolis	421.203	77.177	18,32	28.466	6,7	8.895
13	Garopaba	18.144	7.422	40,90	2.894	15,9	723
14	Gov. Celso Ramos	13.012	4.849	37,4	1.764	13,6	441
15	Guabiruba	18.433	3.744	20,31	936	5,0	252
16	Itajaí	183.388	50.802	27,70	18.189	9,9	4.915
17	Itapema	45.814	15.200	33,17	5.419	11,8	1.354
18	Leoberto Leal	3.365	1.537	45,67	722	21,4	164
19	Major Gercino	3.279	1.209	36,87	261	7,9	72
20	Nova Trento	12.179	2.839	23,31	812	6,6	225
21	Palhoça	137.199	40.960	29,85	12.954	9,4	3.222
22	Paulo Lopes	6.692	2.500	37,35	791	11,8	194
23	Porto Belo	16.118	5.316	32,98	1.513	9,3	330
24	Rancho Queimado	2.748	1.243	45,23	323	11,7	87
25	Santo Amaro da Imperatriz	19.830	5.485	27,66	1.506	7,5	468
26	São Bonifácio	3.008	1.416	47,07	452	15,0	105
27	São João Batista	26.260	5.806	22,10	1.645	6,2	444
28	São José	210.513	43.641	20,73	13.698	6,5	4.240
29	São Pedro de Alcântara	4.710	1.286	27,30	586	12,4	176
30	Tijucas	30.973	10.780	34,80	3.346	10,8	956
TOTAL		1.561.845	380.077	24,33	128.370	8,21	35.488

84. Outra percepção de nossa situação social pode-se ter através da rede de atendimento sócio-assistencial nos municípios da Arquidiocese. Os programas de transferência condicionada contra a pobreza são as políticas sociais empregadas em vários países do mundo. No Brasil, temos o Programa Bolsa Família, que atende mais de 12 milhões de famílias no território nacional. É a mais importante política social executada hoje e o maior programa de transferência de condicionalidades de capital do mundo. Além disso, há o Benefício de Prestação Continuada - BPC, assegurado pela Constituição Federal de 1988 aos idosos com 65 anos ou mais e à pessoa com deficiência incapacitada para a vida independente e para o trabalho. É um benefício individual, não vitalício e intransferível, e para acessá-lo não é necessário que o beneficiário tenha contribuído para a Previdência Social. É um direito de cidadania assegurado pela proteção social não contributiva da Seguridade Social.
85. Conforme dados do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS, temos, na Arquidiocese de Florianópolis, 23.236 famílias, representando 5,95% da população da Arquidiocese, que usufruem desse programa e têm suas principais emergências atendidas (Ver Quadro 6). Os municípios que têm mais famílias sendo atendidas por esse programa são: Florianópolis, Itajaí, Palhoça, São José, Camboriú e Balneário Camboriú. São os maiores municípios da Arquidiocese, nos quais cresce o número de comunidades empobrecidas. O programa requer aprimoramento que possibilite a saída das famílias dessa condição e passem, através do emprego, a gerar sua própria renda. Já o Benefício de Prestação Continuada – BPC é assegurado a 11.094 pessoas, sendo 6.352 pessoas com deficiência e 4.742 idosos, representando 0,71% da população da Arquidiocese de Florianópolis.
86. Os Centros de Referência de Assistência Social – CRAS são espaços de atuação com a família, visando à orientação e ao fortalecimento de convívio social e familiar. É a porta de entrada dos usuários à rede de proteção social básica do Sistema Único de Assistência Social – SUAS, criado em 2005, além de ser um articulador de toda a rede socioassistencial dos municípios.

87. Conforme dados da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social, Trabalho e Renda, apenas 14 municípios da Arquidiocese dispõem de Centros de Referência de Assistência Social (ver Quadro 6), sendo que alguns deles não estão em funcionamento pleno. Os demais 16 municípios ficam desamparados nesse serviço.
88. As Ações Sociais Paroquiais fazem parte da rede socioassistencial e desempenham um importante papel na execução da Política de Assistência Social. São também locais escolhidos para atendimento às pessoas que estão em situação de vulnerabilidade social, pois ali encontram pessoas que possam ouvi-las e atender suas necessidades mais urgentes. Apresenta-se então um grande desafio às Ações Sociais Paroquiais, pois, além de atender as situações emergenciais que surgem, precisam aprimorar seus programas, projetos e serviços, para que de fato a transformação social na comunidade em que atuam aconteça, mesmo que seja através de um pequeno passo.

Quadro 6: Atendimento Social pelo Poder Público nos Municípios da Arquidiocese						
Nº	Município	Nº de Famílias Atendidas - Bolsa Família	BPC			Quantidade de CRAS por Município
			Pessoa com Deficiência	Idosos	Total	
1	Angelina	174	27	1	28	
2	Águas Mornas	74	20	4	24	
3	Anitápolis	138	15	2	17	
4	Antônio Carlos	89	23	9	32	
5	Balneário Camboriú	808	414	579	993	01
6	Biguaçu	1.609	260	167	427	01
7	Bombinhas	203	25	17	42	01
8	Botuverá	20	20	4	24	
9	Brusque	844	429	275	704	
10	Camboriú	1.630	349	285	634	01
11	Canelinha	578	50	18	68	01
12	Florianópolis	5.004	1.362	1.089	2.451	12
13	Garopaba	600	47	31	78	01
14	Governador Celso Ramos	245	36	30	66	01
15	Guabiruba	316	79	42	121	01
16	Itajaí	2.711	1.190	779	1.969	03
17	Itapema	951	207	175	382	01
18	Leoberto Leal	170	18		18	
19	Major Gercino	160	11	2	13	
20	Nova Trento	180	51	14	65	
21	Palhoça	2.368	467	365	832	02

22	Paulo Lopes	296	20	3	23	
23	Porto Belo	194	84	61	145	
24	Rancho Queimado	58	11		11	
25	Santo Amaro da Imperatriz	272	56	30	86	
26	São Bonifácio	125	19		19	
27	São João Batista	492	133	54	187	
28	São José	2.346	714	608	1.322	02
29	São Pedro de Alcântara	59	3	4	7	
30	Tijucas	522	212	94	306	01
	Total	23.236	6.352	4.742	11.094	

89. Santa Catarina tem hoje uma população carcerária de aproximadamente 15.660 presos e apenas 9.471 vagas, havendo um déficit de 6.189 vagas. Nos últimos dez anos, a população carcerária em Santa Catarina cresceu 187%, enquanto no mesmo período o crescimento populacional foi bem menor, de 21%. Na Arquidiocese de Florianópolis concentra-se uma população carcerária de 5.625 presos, equivalente a 35,9% da população carcerária total.
90. O sistema prisional vigente é falido e desumano. As unidades prisionais disponíveis não conseguem atingir com qualidade toda a demanda de presos, causando superlotação e insegurança. A maioria das unidades prisionais foi edificada no improviso, sem planejamento. Cadeias públicas recebem a denominação de “presídios” (ambiente para presos provisórios, aqueles que ainda não foram condenados), ignorando a urgência de Penitenciárias (para presos condenados), porém tanto um modelo como outro são depósitos de presos, sem acompanhamentos e tratamento humano.
91. No quadro abaixo (ver Quadro 7) temos a população carcerária da Arquidiocese com o Quadro Demonstrativo das Unidades Prisionais existentes nos municípios da Arquidiocese de Florianópolis. Salientamos que os números apresentados referentes à população atendida não são dados oficiais da Secretaria de Estado de Justiça e Cidadania, haja vista que o órgão não disponibiliza nenhuma informação nesse sentido; foram coletados a partir de artigos da Pastoral Carcerária, Universidades, Secretaria de Estado da Saúde e outros meios de verificação confiáveis. Os números não revelam a população na sua totalidade, mas, sim, uma população média. Diante disso, estaremos trabalhando com números próximos do real.

Quadro 7 – População Carcerária na Arquidiocese						
Unidades Penais	Município	Vagas	Total atendidos		Total Geral	Déficit (%)
			M	F		
Penitenciária	Florianópolis	710	720	0	720	-10
Casa do Albergado	Florianópolis	40	644	0	644	-604
Presídio Feminino	Florianópolis	58	0	129	129	-71
Presídio Masculino	Florianópolis	256	319	0	319	-63
Hospital de Custódia	Florianópolis	72	145	0	145	-73
Centro de Triagem	Florianópolis	72	205	0	205	-133
Centro de Triagem do Estreito	Florianópolis	74	188	0	188	-114
Colônia Agrícola	Palhoça	300	266	0	266	88
Presídio	Biguaçu	28	107	0	107	-81
Presídio Regional Misto	Tijucas	140	225	50	275	-135
Penitenciária	São Pedro de Alcântara	1.058	1.280	0	1.280	-20
Unidade Prisional Avançada	Itapema	72	110	0	110	-38
Unidade Prisional Avançada	Brusque	72	115	0	115	-43
Presídio Regional	Balneário Camboriú	104	324	68	392	-288
Presídio Regional	Itajaí	198	306	112	418	-220
Complexo Penitenciário do Vale do Itajaí	Itajaí	372	303	0	303	69
Total: 16 unidades	09 Municípios	3.626	5.266	359	5625	-155

Obs: Além desses números, ainda encontram-se encarcerados nas delegacias de bairros, DEIC e na unidade da Polícia Federal em Florianópolis.

92. Outro dado a se ter em conta é a população estrangeira na Arquidiocese (ver Quadro 8). O fluxo migratório na Arquidiocese tem acompanhado a dinâmica do crescimento populacional. Entre os anos de 1980 e 2000, a presença de estrangeiros na Arquidiocese cresceu 7,5%, sendo que no município de Florianópolis este crescimento foi de 9,5%.
93. Segundo levantamento feito pelo Ministério da Justiça, a população estrangeira na Arquidiocese em 2008 era de 14.197, que representa aproximadamente 1% do total geral da população da Arquidiocese e 60% dos imigrantes presentes em Santa Catarina. O município que apresenta maior número de estrangeiros é Florianópolis, com 9.037 pessoas. A presença dos imigrantes em Santa Catarina é motivada por diferentes fatores, que podem ser a busca de melhor qualidade de vida, os estudos, a qualificação profissional e os empregos. Segundo a Pastoral do Imigrante, há aproximadamente 20% de imigrantes que se encontram em situação irregular em Santa Catarina, por isso não constam nos levantamentos realizados pelo Ministério da Justiça.

94. O quadro 8 apresenta dados do levantamento realizado pelo Ministério da Justiça publicados em março de 2008.

Quadro 8: População Estrangeira na Arquidiocese	
Município	Nº de imigrantes estrangeiros
Balneário Camboriú	2.181
Bombinhas	221
Brusque	143
Camboriú	314
Florianópolis	9.037
Garopaba	207
Itajaí	1.039
Itapema	254
Palhoça	199
São José	602
Total	14.197

95. É de se considerar ainda a situação de mortes por causa violenta, cujo percentual aumentou, em Santa Catarina, em 158% em 10 anos, e nesse contexto as cidades com mais de 50 mil habitantes são as que aparecem no ranking, sendo a maioria no território da Arquidiocese: Florianópolis, São José, Palhoça, Biguaçu, Itajaí, Balneário Camboriú e Camboriú.
96. Segundo o Mapa da Violência 2011, elaborado pelo Instituto Sangari, a pesquisa aponta que 73,6% das mortes entre jovens – 15 a 24 anos – são provocadas por homicídio, acidente ou suicídio. O destaque nessa faixa etária fica para os homicídios: 39,7% do total.
97. Em sua grande maioria, essas mortes têm ligação direta com o narcotráfico e o mundo do crime, que a cada dia seduz um número maior de adolescentes. A violência no trânsito também surge como uma das principais causas da morte violenta em Florianópolis e região, cerca de 17,85%.
98. O número de homicídios dolosos (com intenção de matar) em Santa Catarina teve queda de 16,88% no comparativo entre o mês de janeiro de 2010 e o mesmo período do ano de 2009. Foram 64 assassinatos em 2010 contra 77 registrados em janeiro de 2009. Na Grande Florianópolis também houve redução. Foram 11 homicídios dolosos atendidos pela Segurança Pública no período de 1º a 31 de janeiro em 2010 contra 16 registrados em 2009. Uma redução de 31,25%.

99. Dos 64 assassinatos, em 2010, sete (07) aconteceram em Itajaí, seguindo-se Florianópolis (06) e Joinville (06). Municípios como Balneário Camboriú, Camboriú e Navegantes registraram apenas um homicídio. A maioria dos assassinatos apresenta como motivação principal o tráfico e o consumo de drogas e as desavenças - que incluem brigas em bar, discussão de vizinhos e vingança. Surpreende o número de crimes passionais. Foram oito no Estado em janeiro de 2010, sendo três na Grande Florianópolis. A droga, aliás, representa quase que 80% da motivação dos crimes contra a vida. A maioria dos crimes aconteceu em via pública seguido de residência e bares e similares. Com relação aos homicídios ocorridos em via pública, mais de 33% dos casos estão comprovadamente ligados ao tráfico de drogas. Arma de fogo ainda é o instrumento mais usado na prática do crime. O número de assassinatos na região da Grande Florianópolis também teve uma redução de 31,25% no comparativo entre janeiro de 2009 e 2010. Foram registrados 16 homicídios dolosos no ano de 2009 contra 11 ocorridos em 2010.
100. Dos 11 assassinatos, seis aconteceram em Florianópolis; dois em Palhoça, dois em São José, e um em Biguaçu.
101. Por fim, cabe uma reflexão sobre a situação dos jovens. Para manter os jovens no seu meio, com emprego e oportunidade, requer-se que tenham acesso a estudos para que possam profissionalizar-se. Mesmo vivendo numa região onde surgem sempre novas oportunidades de trabalho, devido à dinamicidade da indústria, do comércio e, sobretudo, dos serviços, muitos jovens não têm acesso para a qualificação específica. Isto causa frustração e faz com que muitos jovens, ficando sem oportunidade, se veem obrigados a migrar para centros maiores. Por outro lado, vê-se o mundo do narcotráfico seduzindo e envolvendo nossos adolescentes e até crianças para o mundo do crime, a dependência química e a comercialização das drogas. Com isso, assiste-se à espiral da violência urbana, em conexão direta com o narcotráfico.

9. Situação política

102. A difusão do individualismo e, principalmente, o crescimento do poder dos grandes grupos econômicos têm enfraquecido a participação política, com riscos para a democracia. Como se constata em todo o Estado e no país, também em nosso meio há um relativo desinteresse e um desencanto pela

política partidária, enquanto mediação de mudanças dentro dos parâmetros da democracia formal. Há desconfiança do povo nos políticos, nas instituições públicas e nos três poderes do Estado. Assiste-se, mais bem, a uma política corrompida, tanto de eleitores quanto de candidatos, expressa pela compra e venda de votos, pela falta da consciência e educação política das pessoas, pela má administração da coisa pública. Crê-se que com a aprovação da Ficha Limpa, que visa impedir que políticos com condenação na Justiça possam concorrer às eleições, tal situação se modifique, livrando-nos dos candidatos de mau caráter.

103. É fraca a representatividade das camadas mais pobres, mesmo sendo majoritárias. Muitos dos seus representantes, quando eleitos, são levados a trair os ideais assumidos diante do povo na época das eleições. Sindicatos perderam espaço, motivação e capacidade de mobilização. As lutas populares esfriam dia a dia e vários movimentos sociais estão desarticulados, mas crescem aqui e ali, ainda que timidamente, o engajamento em associações e conselhos comunitários, a adesão a grupos de cooperação, a discussão de políticas públicas, a participação em fóruns sociais, o interesse pelas Pastorais Sociais e a articulação das Ações Sociais Paroquiais através da ASA/Cáritas.
104. Apesar dos sinais de esperança que vêm de organizações alternativas não governamentais e movimentos sociais sem vinculação partidária, percebe-se desinteresse da população em exigir melhorias nos campos da saúde, educação, segurança alimentar, acesso à moradia, segurança pública e criação de emprego.
105. É preocupante a deterioração da convivência social pacífica pelo crescimento da violência, que banaliza a vida, sobretudo nas periferias das cidades. Entre suas causas estão a idolatria do dinheiro, a exclusão, o individualismo e o utilitarismo, a corrupção no setor público, o tráfico de drogas e a falência do sistema penal e da saúde.
106. Alguns fenômenos são preocupantes: o descrédito político, corrupção política, individualismo, desmobilização social, banalização da violência, a pobreza, exclusão, crescimento constante de favelas, o êxodo rural, a ausência, a ineficiência do Estado, a falta de controle sobre políticas públicas, aumento do consumismo, devastação ambiental, o consumo de drogas e o aumento do narcotráfico.

10. Situação religiosa

107. A mentalidade individualista alastrou-se também no campo religioso. No contexto nacional, nosso Estado é visto como uma região em que as mudanças sócio-religiosas não têm sido tão marcantes. Mesmo assim, a sociedade do litoral catarinense está se tornando cada vez mais religiosamente pluralista. O indivíduo tende a escolher sua religião, e, mesmo quando adere a uma instituição religiosa, tende a escolher crenças, ritos e normas que lhe agradam subjetivamente ou se refugia numa adesão parcial, com fraco sentido de pertença institucional. Também procura fazer uma espécie de mosaico, justapondo à sua religião pessoal, fragmentos de doutrinas e práticas de várias religiões. Aumenta o número dos que se recusam a aderir a uma instituição religiosa, professando uma religião invisível, com pouca ou nenhuma prática exterior. Cresce também a atração pelo espiritismo, por movimentos gnósticos e práticas esotéricas.
108. Em vez do compromisso de uma fé em relação a Deus e ao próximo, a experiência religiosa é praticada por muitos numa ótica utilitarista, como um meio de busca de bem-estar interior, de terapia ou cura de males, de sucesso na vida e nos negócios, nos moldes da denominada “teologia da prosperidade”. Neste contexto, a mídia contribui para a banalização da religião, não só reduzindo-a à esfera privada, como também a um espetáculo para entreter o público.

B. DIAGNÓSTICO ECLESIAL-PASTORAL: A IGREJA QUE SOMOS

109. Depois de um olhar debruçado sobre nossa história e geografia e sobre a situação cultural e política, econômica, ecológica, social e religiosa, é preciso ainda que nos detenhamos sobre nossa situação eclesial.
110. O conhecimento de nós mesmos – nossos cenários internos, nossas instituições, nossos agentes de pastoral – é importante para a tomada de consciência de nossas forças e fraquezas, a fim de que possamos tornar-nos instrumentos mais aptos para o serviço do anúncio e da instauração do Reino de Deus, que Jesus Cristo anunciou e que todos nós buscamos.

111. Como parte integrante do Planejamento Arquidiocesano de Pastoral, a Arquidiocese de Florianópolis encaminhou pesquisa, realizada pelo Instituto MAPA, nos meses de maio e junho de 2010, com o objetivo de avaliar motivadores e inibidores de frequência à Igreja católica na Arquidiocese de Florianópolis e de conhecer motivações, avaliações, conceitos e comportamentos junto a frequentadores assíduos de missas dominicais, não frequentadores de missas dominicais e pessoas que eram e não são mais católicas. O método usado foi o da pesquisa por amostragem, num total de 960 entrevistas, assim distribuídas: 480 com católicos frequentadores ou assíduos de missas dominicais, com margem de erro de 4,5 percentuais; 240 com não frequentadores ou não assíduos de missas dominicais, com margem de erro de 6,3 pontos percentuais; 240 com pessoas que deixaram de ser católicas, com margem de erro igualmente de 6,3 pontos percentuais. O universo de público objetivado foi o de moradores das cidades da Arquidiocese, acima de 15 anos, de todas as classes socioeconômicas. Os frequentadores ou assíduos às missas dominicais foram contatados através de entrevistas pessoais, à frente de igrejas; os não frequentadores e os não mais católicos foram contatados via telefone. O critério de seleção das igrejas (matrizes e comunidades) para a pesquisa, para a representatividade da arquidiocese de Florianópolis, foi o seguinte: em cada comarca foram sorteadas duas paróquias (ou três, no caso das comarcas mais populosas); nas paróquias sorteadas, pesquisou-se junto à igreja matriz e uma de suas comunidades, também escolhida por sorteio. Para o cálculo dos resultados totais da Arquidiocese, os índices de cada comarca foram ponderados segundo sua representação populacional em relação ao total da Arquidiocese.
112. Também parte integrante do Planejamento Arquidiocesano de Pastoral, questionários específicos foram encaminhados às paróquias, aos padres e aos diáconos e aos coordenadores arquidiocesanos das forças vivas (pastorais, movimentos, associações, organismos, serviços, colégios e meios de comunicação). Junto com a pesquisa realizada pelo Instituto MAPA, as respostas a esses questionários ajudaram a montar um diagnóstico bastante razoável de nossa realidade eclesial e pastoral.
113. O diagnóstico eclesial-pastoral apresenta as realidades mais importantes de nossa ação pastoral e evangelizadora: os cenários dos públicos estratégicos

(os fiéis em geral e os agentes da ação evangelizadora) e a análise das instituições pastorais (as paróquias, as comarcas e a arquidiocese, com seus conselhos próprios de ação evangelizadora). Este diagnóstico se reflete de modo mais sintético na relação das forças e fraquezas de nossa instituição eclesial-pastoral.

1. Os cenários dos públicos estratégicos

114. Para o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo e a colaboração na instauração de seu Reino, faz-se necessário que conheçamos as pessoas com que atuamos. Quem são os sujeitos e destinatários de nossa ação evangelizadora? Como vivem, pensam, celebram? Que disposições têm para a imensa obra da evangelização?

1.1 Os católicos assíduos

115. A pesquisa do Instituto MAPA revela os seguintes dados a respeito dos católicos assíduos à missa dominical. São dados importantes de se ter em conta uma vez que esse é um público fiel. Suas respostas ou demandas deverão ser ouvidas pela Arquidiocese e pelas paróquias, já que seu parecer ou opinião revela a média geral do pensamento de nosso povo católico!

1.1.1 Características gerais dos assíduos

116. Mais da metade são mulheres. Um equilíbrio entre homens e mulheres acontece somente na faixa etária de 21 a 35 anos e na escolaridade superior. Metade são adultos, de 36 a 60 anos; um terço são jovens de 15 a 35 anos. A quantidade de filhos tem relação com a escolaridade: quanto menor, mais filhos.
117. Metade é casada no civil e no religioso. Quanto maior a escolaridade, menor a proporção de uniões informais (morar junto). Quanto maior a idade, maior a presença de casamentos no civil e no religioso.
118. Pessoas com menos de 35 anos têm escolaridade mais elevada. Pessoas mais engajadas tendem a ter escolaridade mais elevada. Mas são só 20% os de escolaridade superior. Considere-se que nossa Arquidiocese é praticamente um grande pólo de formação universitária e que esse público é que forma a opinião pública e são construtores da sociedade pluralista.

119. Mais da metade constitui-se de população economicamente ativa. Da população economicamente ativa (PEA), 83% têm idade entre 21 e 45 anos; 67% têm ensino médio ou superior; 68% são homens, 52% mulheres; 51% estão entre os mais engajados na ação pastoral da Igreja.
120. Nove em cada dez dizem praticar a oração pessoal. Praticamente todos são católicos desde que nasceram. Mais da metade segue mais a religião tradicional (procissões e novenas); mais de um terço participa dos GBFs; quase a metade é voluntário em eventos.

1.1.2 Frequência à Igreja

121. Além da missa dominical, um quarto desse público participa de missas feriais, com preferência para quarta e depois para terça-feira. Pessoas com mais de 45 anos e menor escolaridade frequentam mais missas. É na Comarca de Itajaí que mais se frequentam outras missas além da dominical. As missas mais frequentadas, além das dominicais, são nos dias de terça e quarta-feira. Pessoas acima de 60 anos frequentam mais que os outros, nos dias de terça e sábado pela manhã. Já as pessoas de 21 a 35 anos frequentam mais as missas de quarta-feira.
122. Mais de um terço vai à missa de carro. Quem mais utiliza o carro para ir à missa são aqueles entre 36 e 45 anos de idade; a partir dessa faixa etária, quanto mais jovens ou mais idosos, menos se utiliza o carro. Pergunta: será que nossas igrejas estão muito distantes do povo? Será que não falta construir novas igrejas? Igrejas cheias não seria uma ilusão e uma insensibilidade pastoral, diante da grande massa que não participa e do massivo crescimento da população?

1.1.3 Importância da missa

123. A maior parte dos assíduos conhece o termo “missa dominical”. Entre os que não conhecem, os jovens de 15 a 20 anos estão na frente. A Comarca de Brusque, seguida de Biguaçu, é a que mais desconhece o termo. A maior parte não soube afirmar se a missa dominical é obrigação do católico. Os mais jovens são mais propensos a afirmar que ir à missa não é uma obrigação.
124. Para maior parte dos assíduos, a missa dominical é muito importante na sua vida espiritual e também caracteriza a importância que a família possui para

que esta prática se perpetue. Ser “fonte de graças e bênçãos” e “o centro da fé” são os dois principais motivos para que os assíduos frequentem as missas dominicais. Para os mais jovens, o motivo principal que os faz participar da missa é o costume que trazem da infância.

1.1.4 Frequência a outras crenças

125. Entre os católicos assíduos, 87% dizem não frequentar outras crenças; mas 13% dizem fazê-lo. 78% dizem não frequentar o espiritismo; mas 22% dizem fazê-lo. Quase $\frac{1}{4}$ dos assíduos já frequentaram atividades espíritas, porém, a maior parte, há mais de dois anos. Entre os que foram há menos de um ano, os jovens de 15 a 20 anos frequentaram mais.
126. Entre os assíduos que frequentam outras religiões, a Comarca da Ilha é a que mais frequenta. De Brusque, entre aqueles que dizem participar, vão mais à Igreja Universal. É na faixa de 36 a 45 anos que estão os mais participantes de outras religiões (18%).

1.1.5 Engajamento nas ações da Igreja

127. As mulheres participam um pouco mais do que os homens nas ações evangelizadoras. Pessoas acima de 60 anos são as que mais participam. As de 21 a 36 anos são as que menos participam. De maneira geral, quem tem menos escolaridade participa mais.
128. O engajamento nas ações da Igreja tem relação com a disponibilidade de tempo. Jovens que não estão no mundo do trabalho têm maior participação.

1.1.6 Colaboração com o dízimo

129. Mais da metade diz ofertar o dízimo em nome da família. Mais de um terço diz ofertá-lo em nome próprio. A oferta em nome próprio cresce nas faixas etárias mais elevadas. Casados tendem mais a ofertar o dízimo.

1.1.7 Uso dos meios de comunicação de massa

130. Entre os católicos assíduos, a grande maioria assiste a TVs e rádios católicos. Um terço costuma assistir à missa pela TV toda semana ou quase sempre. Acompanhar a missa pela TV é bem mais comum do que pelo rádio. Assistir missa pela TV ou pelo rádio é mais comum entre pessoas de mais idade e menos escolaridade.

131. Mais de um terço costuma ouvir emissoras de rádio religiosas; seis em cada dez costume assistir a canais de TV religiosos. Mas, 25% não sabem dizer qual o nome da emissora religiosa que ouvem. As emissoras de TV mais assistidas são, nessa ordem: Rede Vida, Canção Nova e Aparecida; a emissora de rádio mais ouvida é a Rádio Cultura (49%).

1.1.8 Avaliação dos serviços da Igreja

132. A grande maioria avalia positivamente os serviços prestados pelas igrejas frequentadas. Pessoas com ensino superior e da Comarca de Brusque são os que tendem a avaliar de forma regular os serviços. Brusque está mais insatisfeita em relação à qualidade do som na igreja. As Comarcas da Ilha e São José avaliam mais negativamente o estacionamento.
133. A avaliação do estacionamento é positiva, somando mais de 80% ótimo e bom. O tamanho da igreja e os horários de missa são os itens que melhor atendem os assíduos de missa dominical. Espaços para jovens e crianças são os que mais precisariam melhorar.

1.2 Os católicos não assíduos

134. A pesquisa do Instituto MAPA revela os seguintes dados a respeito dos católicos não assíduos à missa dominical. São dados importantes de se ter em conta, uma vez que esse é um público muito fluido e volúvel. Se não forem acolhidos, ouvidos em seus reclamos religiosos e pastorais, correm o risco de deixar a Igreja, pois vivem numa situação religioso-pastoral de vulnerabilidade em relação a outras denominações cristãs ou religiosas.

1.2.1 Características gerais dos não assíduos

135. Os católicos não assíduos são metade de adultos (50% de 36 a 60 anos) e um grande número de jovens de 21 a 35 anos (24%) e de adolescentes de 15 a 20 anos (17%). Considerando a alta percentagem de adolescentes e jovens não frequentadores, pode-se pensar que no futuro aumente a faixa dos católicos não frequentadores.
136. A quase totalidade dos não assíduos recebeu os sacramentos da iniciação da Igreja Católica e metade foi casada na Igreja Católica. E, ainda: quanto mais se avança na idade, menos se recebem os sacramentos da iniciação isto é,

muitos são batizados, mas não fazem a primeira comunhão; muitos dos que fazem a primeira comunhão não são crismados. Isso revela que o catolicismo, mesmo sendo ainda religião de herança, com forte marca sócio-cultural, já começou, há algum tempo, a sofrer ruptura no elo da transmissão da fé. Pergunta: até quando essa herança resistirá à pressão do êxodo rural e de uma sociedade pluralista? Conseguirá o catolicismo tornar-se uma religião de adesão?

137. Os católicos não assíduos são menos propensos a participar de missas em dias de semana; orar diariamente; fazer a oferta do dízimo; assistir missas e programas religiosos pela TV e rádio; engajar-se em pastorais, movimentos e associações da Igreja; colaborar em serviços voluntários da Igreja.
138. Em contraposição, os não assíduos são mais propensos a relativizar as razões mais consistentes para participar da missa dominical; encontrar motivações menos consistentes para participar da missa dominical; encontrar mais razões para justificar a não frequência à missa dominical; entender o preceito da missa dominical de modo subjetivo (quando têm vontade); participar de outras religiões, crenças, rituais, especialmente o espiritismo; entender o preceito do dízimo de modo subjetivo; assistir emissoras de TV e rádio evangélicas; avaliar menos positivamente os serviços pastorais da Igreja (por ex.: missas e celebrações, homilias, administração do patrimônio); ser mais exigentes na identificação de melhorias de serviços pastorais da Igreja (por ex.: visita às casas, evangelização de crianças e jovens, prestação de contas, atendimento aos pobres); discordar de alguns ensinamentos e práticas da Igreja; ter dificuldades de entendimento com o padre ou agente de pastoral da Igreja (secretária ou liderança).
139. Como não são fiéis à missa dominical e são pouco acessáveis pelos meios de comunicação social, é preciso encontrar outros meios para contatá-los: promover concentrações de massa: congressos específicos de evangelização de homens e de mulheres, encontros de namorados; melhorar os encontros de preparação de pais e padrinhos, e de noivos; incentivar a visita às casas; dinamizar e ampliar o leque de presença dos GBFs; promover missões populares; favorecer a visita das pessoas em situação de maior carência: doentes, enlutados, prisioneiros e seus familiares, necessitados.

1.2.2 Frequência à missa

140. Entre os católicos não assíduos à missa dominical, 64% declaram ir à missa. Contudo, 8% vão semanalmente, mas não a missas dominicais; 3% vão duas ou três vezes por mês; 35% vão uma vez por mês; e 18% menos de uma vez por mês. Há uma percentagem de 36% que declaram não ir à missa. Foram pela última vez: 8% há menos de 6 meses; 12% entre 6 e 12 meses; e 16% há mais de 1 ano. A maioria não abandonou totalmente as missas.
141. Mulheres, pessoas de mais idade e pessoas com menor escolaridade, e dizimistas são os que frequentam mais missas. Assim como os mais assíduos, esse público, em sua maioria absoluta, nasceu católico.

1.2.3 Frequência a outras crenças

142. Praticamente um quarto dos católicos não assíduos frequenta outras religiões. Este índice é um pouco maior entre mulheres. O espiritismo é a crença mais frequentada (11% do total); índice bem superior a qualquer outra religião.
143. Adicionalmente aos 11% que frequentam o espiritismo regularmente, outros 28% já foram a pelo menos um evento do espiritismo. Portanto, praticamente duas em cada cinco pessoas desse público já tiveram alguma experiência com essa crença. Os índices são mais elevados entre pessoas de escolaridade mais elevada e das comarcas da cidade de Florianópolis (Ilha e Continente).

1.2.4 Colaboração com o dízimo

144. Cerca de metade desse público diz-se dizimista. A região das comarcas de Itajaí e Brusque apresenta maior índice de ofertas (70%), índice semelhante ao encontrado entre os mais participantes.
145. Para a maior parte, o dízimo é um ato voluntário. Os que consideram que o dízimo é uma obrigação de todo católico estão entre os mais velhos, as pessoas com nível de escolaridade menor e nas comarcas de Biguaçu e Tijucas.

1.2.5 Prática da oração

146. Entre os católicos não assíduos, $\frac{3}{4}$ praticam oração pessoal diariamente, índice que se eleva entre mulheres, em faixas etárias mais elevadas e entre quem tem apenas escolaridade fundamental.

1.2.6 Uso dos meios de comunicação de massa

147. A missa pela TV é assistida por quatro em cada dez dos católicos não assíduos. Este hábito tem relação direta com idade e escolaridade: quanto maior a idade e mais baixo o nível de instrução, mais frequentemente se acompanha missa pela TV. A missa pelo rádio tem público inferior à da TV, mas acompanha a mesma relação com idade e escolaridade. Adicionalmente, esse meio tem maior audiência nas comarcas de Biguaçu e Tijucas que nas demais regiões.
148. Uma em cada nove pessoas ouve emissoras de rádio religiosas. Índice que aumenta consideravelmente entre quem tem mais idade e menor escolaridade. Emissoras de TV religiosas possuem público maior que o do rádio, com maior aumento no público com idade mais elevada e menor nível de instrução. As emissoras de rádio ouvidas são a Cultura, Novo Tempo, Aparecida e 106 FM.

1.2.7 Religiosidade popular

149. Procissões e novenas são as atividades que mais atraem pessoas desse público. As novenas têm maior entre as mulheres, as pessoas de menor escolaridade e nas regiões das comarcas de São José, Santo Amaro, Biguaçu e Tijucas. As procissões são mais frequentadas por pessoas das comarcas da Ilha e Estreito.

1.2.8 Importância da missa

150. Quanto mais velhos e com maior escolaridade, mais já ouviram falar do termo “missa dominical”. As Comarcas de Itajaí e Brusque, entre todas as comarcas, são as que mais já ouviram falar do termo. A maior parte diz que a missa dominical são as missas realizadas no dia de domingo. Nas comarcas de São José e Santo Amaro aumenta o número dos que dizem ser também as de sábados à noite.

151. Ser “fonte de graças e benção” e “centro da fé” são os motivos principais que faz com que os não assíduos vão à missa. Entre as razões que as pessoas têm para não frequentar a missa o maior motivo é: ter um jeito próprio de viver a fé.

1.2.9 Relação com a Igreja

152. Os aspectos de relacionamento pessoal não são motivos fortes para não haver uma maior participação na Igreja; mas sim os aspectos relacionados às ações e conceitos da Igreja.
153. Os mais jovens, de 15 a 35 anos, tendem mais a ‘discordar de algumas coisas da religião católica’ e ‘ter desavenças com lideranças da Igreja’. As comarcas de Itajaí e Brusque são as que apresentam maior percentual de quem ‘se sente mal na Igreja’ e de que ‘discorda de algumas coisas da religião católica’.

1.2.10 Avaliação dos serviços prestados pela Igreja

154. De maneira geral, pessoas que têm menor escolaridade são as que melhor avaliam os serviços da Igreja; o oposto acontece entre quem tem ensino superior. As comarcas de Biguaçu e Tijucas tendem a avaliar melhor a administração do patrimônio; enquanto as de São José e Santo Amaro avaliam melhor as missas e celebrações. Pessoas na faixa etária de 15 a 35 anos tendem a querer mais melhorias no ‘espaço para crianças’ e ‘visitas às famílias’.

1.3 Os católicos que deixaram a Igreja

155. O conhecimento da realidade dos ex-católicos, seus pensamentos e conceitos sobre a Igreja Católica, seu comportamento em relação à igreja na qual se engajaram, é importante para nossa ação evangelizadora. São dados úteis para a revisão de nossa metodologia pastoral. Como no caso dos não assíduos também a quase totalidade dos não mais católicos recebeu os sacramentos da iniciação da Igreja Católica e metade foi casada na Igreja Católica. E, ainda: quanto mais eles avançam na idade, menos têm recebido nossos sacramentos da iniciação; isto é, muitos são batizados, mas não fazem a primeira comunhão; muitos dos que fazem a primeira comunhão

não são crismados. Isso revela que o catolicismo, mesmo sendo ainda religião de herança, com forte marca sócio-cultural, já começou, há algum tempo, a sofrer ruptura no elo da transmissão da fé. Pergunta: até quando essa herança resistirá à pressão do êxodo rural e de uma sociedade pluralista? Conseguirá o catolicismo tornar-se uma religião de adesão?

1.3.1 Características gerais dos não mais católicos

156. A pesquisa feita junto a pessoas que afirmam terem deixado a Igreja Católica revela que, na proporção de 2/3, são mais mulheres do que homens. Mais da metade dessas pessoas são adultos entre 36 e 50 anos. Mas chama a atenção o número de 33% de jovens entre os 21 e 35 anos e de 8% de adolescentes entre 15 e 20 anos.
157. Ao contrário do que normalmente se pensa a maioria não tem baixa escolaridade. Verifica-se empate entre os níveis fundamental, médio e superior. Entre eles, há também um maior índice de aposentados em relação aos assíduos e não-assíduos.
158. A grande maioria recebeu todos ou alguns sacramentos da iniciação cristã na Igreja Católica. No caso dos que dizem seguir o espiritismo, praticamente todos foram batizados na Igreja Católica.
159. Os não mais católicos apresentaram maior índice de pessoas casadas somente no civil, divorciadas, separadas e viúvas. O índice de pessoas casadas só no civil é maior entre os não mais católicos, em comparação com os católicos assíduos ou não assíduos. Entre eles, é menor o número de solteiros. 57% dos não mais católicos têm mais de dois filhos, e 23% têm mais de três.

1.3.2 Prática religiosa e engajamento na atual igreja

160. O destino dos não mais católicos varia muito de acordo com a região da Arquidiocese. Na Grande Florianópolis, mais pessoas migram para o espiritismo, enquanto na região de Itajaí mais pessoas vão para as igrejas evangélicas. Entre os não mais católicos é maior o número de espíritas (21%), com maior relevância nas comarcas de Florianópolis e São José. As comarcas de Biguaçu e Tijucas apresentaram o maior número de pessoas na Assembleia de Deus, nos Testemunhas de Jeová e na Igreja Universal do

Reino de Deus. As Comarcas de São José e de Santo Amaro tiveram maior índice de pessoas nas Igrejas Luterana e Adventista. 19% dos não mais católicos disseram não ter religião, sendo que deste índice a maioria são homens e pessoas com ensino superior.

161. Um terço dos não mais católicos (32%) passa a frequentar outra religião. A assiduidade deles em sua nova igreja é bastante alta: a frequência semanal alcança o índice de 63%. Mas chama a atenção o número de 23% que frequentam raramente a nova igreja.
162. O batismo em outras religiões é maior nas comarcas de Biguaçu e de Tijucas. Dos que não foram batizados e crismados na Igreja Católica, o maior índice se encontra na Comarca da Ilha. Receberam o sacramento do matrimônio católico pessoas de 46 anos ou mais e os de menor escolaridade. Entre os que não casaram no religioso, destacam-se os homens, os que possuem ensino médio, os de menor engajamento e os espíritas.
163. Os que mais frequentam as celebrações na sua atual igreja são as pessoas na faixa etária de 36 a 45 anos, os que possuem até o ensino fundamental, com prevalência nas comarcas de Biguaçu e de Tijucas. Os que raramente frequentam as celebrações em sua atual igreja são os que possuem ensino superior. A maior parte não frequenta outras religiões ou práticas espirituais. Quem mais diz frequentar a Igreja Católica são os que se dizem espíritas. Entre os não mais católicos, 28% dizem já ter participado de alguma atividade espírita, contudo, boa parte há mais de dois anos.
164. A maior parte afirma realizar oração pessoal com certa frequência. Os que mais a fazem são os mais engajados, os das comarcas de Biguaçu e Tijucas e os evangélicos.
165. O índice de pessoas que afirmam estar engajadas nas atividades da sua atual igreja é menor que o percentual apresentado na pesquisa com os católicos assíduos.

1.3.3 Colaboração financeira

166. Entre os não mais católicos, 78% entendem o dízimo como ato voluntário e dizem colaborar financeiramente de alguma forma com a igreja que frequentam. Entre os que mais colaboram mensalmente estão os evangélicos e os residentes nas comarcas de Itajaí e Brusque.

1.3.4 Uso dos meios de comunicação de massa

167. Entre os não mais católicos, os que mais acompanham programas e celebrações pela TV ou rádio são as mulheres, os de menor escolaridade e os evangélicos. Entre eles, 30% ouvem rádios religiosas e 35% assistem emissoras de TV religiosas. Chama a atenção o índice de 13% que escutam ou assistem emissoras católicas.

1.3.5 Motivos para deixar a Igreja Católica

168. Chama a atenção o altíssimo número (92%) dos que deixaram a Igreja Católica por terem dificuldades com a figura do padre e/ou porque se sentiram bem acolhidos e visitados por membros de sua nova igreja.
169. Os motivos mais citados para deixar a Igreja Católica são: discordância do que se fala ou se faz na Igreja Católica e/ou da fala ou postura do padre em si; apoio recebido e visitas feitas por membros de sua igreja atual; problemas de relacionamento com lideranças e padres, e mau atendimento da secretaria. Com menor índice de motivação para deixar a Igreja Católica, aparecem os casos de pedofilia e a discordância do celibato sacerdotal.
170. Provavelmente muito do êxito das novas igrejas se deve ao seu intenso trabalho de acolhida e de visitação às pessoas que se encontram em situações de maior vulnerabilidade existencial (doentes, enlutados, novos moradores das periferias urbanas...).
171. Metade das pessoas entrevistadas diz que ninguém as influenciou para mudar de religião. Entre os homens e pessoas menos engajadas, esta taxa sobe um pouco. Uma boa parcela diz ter sido influenciada por parentes. 32% dos não católicos não descartam a possibilidade de voltar a frequentar a Igreja Católica, sobretudo entre os de maior escolaridade, os de menor engajamento em sua igreja, entre os espíritas e entre os que moram nas Comarcas da Ilha e de São José.

1.3.6 Satisfação com a atual igreja

172. Os motivos principais para frequentar as celebrações de sua atual igreja são o fato de encontrar nelas uma fonte de graças e bênçãos e o centro de sua fé.

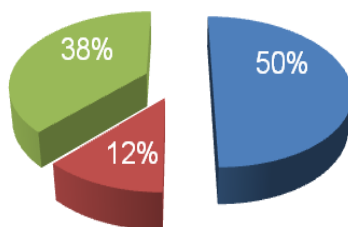
173. Em comparação com os católicos assíduos e não assíduos, os não mais católicos têm maior índice de satisfação com os serviços prestados pela sua igreja.

1.4 Os ministros ordenados: os presbíteros

174. O cenário dos presbíteros é produzido a partir de informações do banco de dados da Arquidiocese e das respostas dadas ao questionário junto aos presbíteros e diáconos da Arquidiocese, aplicado numa reunião geral do clero em 2010. A esse questionário responderam 51% dos presbíteros e diáconos atuantes na Arquidiocese.
175. Atualmente a Arquidiocese de Florianópolis conta com um total de 183 presbíteros, sendo 96 diocesanos e 87 membros de institutos religiosos ou sociedade de vida apostólica. O gráfico a seguir mostra a situação de nosso presbitério, com suas respectivas percentagens: 50% incardinados residentes e não residentes; 12% residentes e não incardinados e 38% membros de institutos de vida consagrada.

Situação do presbitério

- Incardinados residentes e não residentes
- Padres residentes e não incardinados
- Padres membros de institutos de vida consagrada



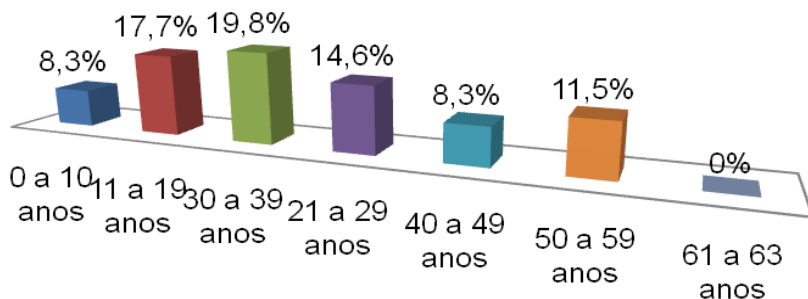
1.4.1 Perfil da faixa etária de idade e tempo de ordenação

176. Nas tabelas a seguir pode-se perceber, respectivamente, a distribuição de nossos presbíteros por faixa etária e por tempo de ordenação, com as devidas percentagens.

Faixa etária dos presbíteros na Arquidiocese	Quant.	%
41 a 49 anos	47	24,5
50 a 60 anos	41	21,4
36 a 39 anos	27	14,1
61 a 70 anos	24	12,5
71 a 80 anos	22	11,5
81 a 90 anos	17	8,9
26 a 35 anos	14	7,3

Síntese sobre a faixa etária dos presbíteros	Quant.	%
Na faixa etária de 26 a 39 anos (Jovens e Adultos jovens)	41	21,4
Na faixa etária de 41 a 60 anos (Adultos médios)	88	45,9
Na faixa etária de 50 a 60 anos (entrando na Terceira Idade)	41	21,4
Na faixa etária dos 61 a 90 anos (Terceira Idade e anciãos)	63	32,9

Tempo de ordenação



177. A tabela da idade mostra que há uma boa percentagem de presbíteros na idade média de 41 a 60 anos (45,9), enquanto é baixa a percentagem de presbíteros jovens até os 39 anos (21,4%), bem menor que a percentagem dos presbíteros acima de 61 anos (32,9%). O gráfico do tempo de

ordenação mostra que o clero que atua na Arquidiocese aumentou 37,1% nos últimos dez anos. Em contrapartida, quando feito o comparativo de crescimento a cada cinco anos, o número de presbíteros na Arquidiocese diminuiu 50,6% em comparação ao período de 2000 a 2005. Sendo assim, a década de noventa apresentou maior índice vocacional comparada à primeira década deste século.

178. Para os próximos cinco anos, o crescimento do número de presbíteros está previsto em 5,7%, uma diminuição de 49,13% em comparação ao período de 2006 a 2011. A mortalidade dos presbíteros nos últimos dez anos foi de 22,08%. Assim, constata-se que houve diminuição do crescimento do número de presbíteros na última década e há previsão de baixo crescimento para os próximos anos.

1.4.2 Os ofícios dos presbíteros

179. Dentre os ofícios exercidos pelos presbíteros, cinco deles apresentam os maiores índices: párocos ou administradores paroquiais (34,9%), vigários paroquiais (20,3%), diretores de instituições ligadas à Igreja (6,3%), professores e reitores (5,7%) e auxiliares na paróquia (4,7%). Vale destacar que 39,6% dos presbíteros exercem funções que não estão ligadas diretamente à vida pastoral paroquial. Destes 18,8% se dedicam a atividades de ensino.

1.4.3 Relação do número de presbíteros com população

180. Nas tabelas a seguir, vê-se primeiramente a razão populacional para cada presbítero atuante na Arquidiocese, para cada pároco ou vigário paroquial (juntos) ou para cada pároco (só) e, depois, os municípios com índice populacional superior a 10 mil habitantes para cada presbítero e municípios com índice inferior a 5 mil pessoas para cada presbítero.

Razão populacional x presbíteros	Quant.
Razão populacional para cada padre que atua na Arquidiocese	8.439
Razão populacional para cada padre pároco ou vigário	13.695
Razão populacional para cada padre pároco	22.626

Razão populacional para cada presbítero por municípios

Municípios com índice superior a 10 mil habitantes por presbítero	Quant.
Balneário Camboriú	21.618
Porto Belo	16.083
Camboriú	15.590
Tijucas	15.480
Palhoça	15.259
Bombinhas	14.293
São José	13.113
Governador Celso Ramos	12.999
Itajaí	12.225
Itapema	11.449
Canelinha	10.603

Municípios com índice inferior a 5 mil habitantes por presbítero	Quant.
Santo Amaro da Imperatriz	4.956
São Pedro de Alcântara	4.704
Brusque	4.396
Leoberto Leal	3.365
Major Gercino	3.279
Anitápolis	3.214
São Bonifácio	3.008
Botuverá	2.234
Nova Trento	2.032
Angelina	1.750

181. A segunda tabela mostra que, à exceção de Florianópolis, os municípios mais populosos da Arquidiocese estão entre os que têm mais de 10 mil habitantes por presbítero. É importante destacar que a cidade de Balneário Camboriú, que tem a maior razão populacional para cada presbítero, quando comparada com a cidade de Porto Belo, que ficou em segundo

lugar, chega a ter 5.535 habitantes a mais para cada presbítero, número superior ao equivalente de qualquer um dos municípios mais bem atendidos por presbítero na Arquidiocese.

182. Por outro lado, a tabela também mostra que, à exceção de Brusque, os municípios mais bem atendidos por presbíteros se situam no interior, na área serrana, com muita população na zona rural. A cidade de Brusque, que é o 6º município mais populoso da Arquidiocese, pertence ao grupo de cidades com menos de cinco mil habitantes por presbítero, o que se torna claro pela presença de muitos presbíteros que atuam como reitores e professores junto aos seminários existentes na cidade.

1.4.4 Atuação em movimentos eclesiais

183. Os movimentos em que mais os presbíteros atuam são: Movimento de Irmãos, Equipes de Nossa Senhora e Renovação Carismática Católica.

1.4.5 A formação dos presbíteros

184. Uma grande maioria – 78% dos entrevistados – diz que costuma participar com certa frequência dos encontros de formação propostos pela Arquidiocese. Em relação aos espaços em que buscam formação, 48% dizem que costumam atualizar-se através de leituras, de cursos em faculdades, no ITESC e em outras instituições. 65% dos entrevistados dizem que dedicam de duas a cinco horas por semana ao estudo.

1.4.6 Atuação em celebrações de missas

185. Quase 40% dos entrevistados dizem celebrar missas todos os dias. Entre os que não celebram todos os dias, a exceção fica por conta, principalmente, do dia de segunda-feira. Quase 70% dos entrevistados celebram duas missas aos sábados. Em torno de 12% dos entrevistados chegam a celebrar mais de três missas aos sábados. É nos domingos que os presbíteros celebram mais missas. 74% chegam a celebrar mais de três missas no domingo, contra 12% aos sábados.

1.4.7 Atuação em outras celebrações (casamentos, batismos e exéquias)

186. Metade dos entrevistados afirma celebrar apenas um casamento por semana. Em relação ao batismo (*a pergunta foi feita em relação ao mês e não à semana*) 18% não realizam nenhuma, o que pode indicar que esta atividade

está sendo realizada mais pelos diáconos. 44% dos entrevistados realizam três ou mais celebrações de exéquias por mês.

1.4.8 Tempo dedicado a confissões e atendimento pessoal

187. 75% dos presbíteros dedicam um tempo específico para as confissões. Questionados sobre quantas horas por semana são destinadas a isso, 12% disseram não ter hora determinada. Quase metade afirma que atende mais de 5 pessoas durante a semana. A maior parte dos presbíteros disponibiliza mais de 5 horas por semana para atendimento de fiéis.

1.4.9 Atuação em trabalhos sociais

188. As principais formas em que os presbíteros se envolvem no trabalho social são: encaminhamento para as ações sociais paroquiais (66%); articulação dos trabalhos sociais (35%); doação de esmolas (27%); visitas domiciliares (23%).

1.4.10 Satisfação com os relacionamentos institucionais

189. Os presbíteros avaliam positivamente o relacionamento ativo que têm com a Arquidiocese. Contudo, consideram o seu relacionamento melhor do que aquele que a Arquidiocese lhes oferece (94% contra 73%, nos índices ótimo e bom). Prevaecem as considerações positivas no relacionamento com a Comarca. Mas é grande o número de citações que consideram este relacionamento regular, principalmente considerando o relacionamento da Comarca para com o padre. O relacionamento com a Paróquia em que atua é avaliado positivamente, tanto no proporcionado quanto no recebido.

1.4.11 Promoção de relacionamento com as comunidades

190. O relacionamento com as comunidades obteve um índice de 94% em avaliações positivas (ótimo e bom). Boa parte dos entrevistados utiliza as reuniões do CPC e a própria celebração nas comunidades para promover o relacionamento. São também bastante utilizados o telefone e a internet.
191. Em relação à melhora do relacionamento com as comunidades, 43% consideram necessário dar maior atendimento às coordenações e aumentar o número de visitas às comunidades; 40% acreditam ser importante a iniciativa das próprias comunidades em pedir ajuda ao padre; 35% acha

importante o padre ajudar a promover os encontros e reuniões; 33% considera fundamental receber mais informações sobre o andamento das comunidades; e 24% acredita ser importante a presença do pároco nas reuniões do CPC.

1.4.12 Promoção de relacionamentos com as forças vivas

192. 79% dos entrevistados consideram positivo (ótimo e bom) o relacionamento estabelecido com as forças vivas (pastorais, movimentos, organismos, serviços, meios de comunicação, colégios etc.). Entre as formas de promover o relacionamento com as forças vivas, os padres sugerem: atendimento pessoal às lideranças (84%), reuniões de CPP e CPC (74%), conversas informais (71%). Também foi sugerido: dar maior atendimento às coordenações (54%), receber mais informações sobre o andamento das forças vivas (43%), aumentar o número de visitas às forças vivas durante o ano (38%), ajudar a promover as reuniões e encontros (37%).

1.4.13 Satisfação com as lideranças

193. 67% afirmaram que o número de lideranças é razoável, porém não supre as necessidades. 64% afirmaram que é um pouco difícil a adesão de novas lideranças, pois são quase sempre as mesmas. 68% afirmaram que a participação das lideranças da paróquia é boa.

1.4.14 Satisfação com as condições para o ministério

194. 90% dos presbíteros consideram que as condições de estrutura física atendem as necessidades para o exercício do ministério pastoral. 76% consideram que as condições financeiras atendem as necessidades para o exercício do ministério pastoral.

1.5 Os ministros ordenados: os diáconos

195. O cenário dos diáconos de nossa Arquidiocese forma-se a partir das informações do banco de dados da Arquidiocese e das respostas dadas ao questionário junto aos presbíteros e diáconos da Arquidiocese, aplicado numa reunião geral do clero em 2010. A pesquisa aplicada aos diáconos obteve um índice muito baixo de participação: apenas 19,6% responderam.

196. A Arquidiocese de Florianópolis conta atualmente com 113 diáconos permanentes, sendo que destes 109 são incardinados. Dentre eles, 57% não exercem profissão, sendo a grande maioria constituída de aposentados, enquanto 43% deles estão no mundo do trabalho.

1.5.1 A distribuição dos diáconos na Arquidiocese

197. Nas tabelas a seguir, pode-se perceber, respectivamente, a distribuição dos diáconos por comarca e a relação dos municípios com maior número de diáconos:

Percentual de diáconos por comarca

Comarcas	Quant.	%
Biguaçu	15	13,1
São José	17	14,9
Estreito	08	7,01
Ilha	11	9,6
Brusque	10	8,7
Itajaí	14	12,2
Santo Amaro	30	26,3
Tijucas	9	7,8
Total	114	100,0

As cinco cidades com maior índice percentual de diáconos

Cidade	Quant.	%
Florianópolis	19	16,2
Itajaí	15	12,8
São José	13	11,1
Palhoça	10	8,5
Santo Amaro da Imperatriz	11	9,4
Total	68	58,1

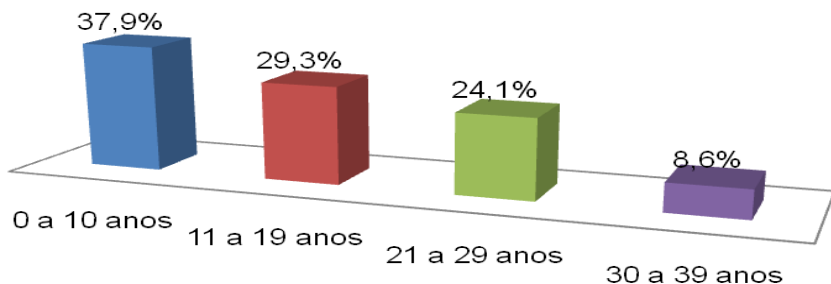
1.5.2 Faixa etária e tempo de ordenação

198. Nas tabelas e no gráfico que seguem pode-se constatar a faixa etária, o tempo de ordenação de nossos diáconos:

Faixa etária dos diáconos da Arquidiocese	Quant.	%
Até 39 anos	2	1,7
40 a 49 anos	20	17,2
50 a 59 anos	27	23,3
60 a 69 anos	40	34,5
70 a 79 anos	22	19
80 a 89 anos	5	4,3
Total	116	100

Síntese sobre a faixa etária dos diáconos	Quant.	%
Diáconos na faixa etária de 39 a 49 anos (adultos)	22	18,9
Diáconos na faixa etária de 50 a 59 anos (entrando na terceira idade)	27	23,3
Diáconos na faixa etária dos 60 a 89 anos (terceira idade e ancião)	67	57,8

Tempo de ordenação dos diáconos da Arquidiocese



1.5.3 Crescimento vocacional do diaconato na Arquidiocese

199. A tabela a seguir mostra o crescimento vocacional do diaconato na Arquidiocese:

Síntese do crescimento vocacional do diaconato		
Descrição	Quant.	%
Ordenações de 2000 a 2011	44	61,1
Ordenações de 2000 a 2005	20	27,7
Ordenações de 2006 a 2011	24	26,1

1.5.4 Área de atuação dos diáconos

200. A tabela a seguir mostra, por percentagem, a área de atuação dos diáconos da Arquidiocese:

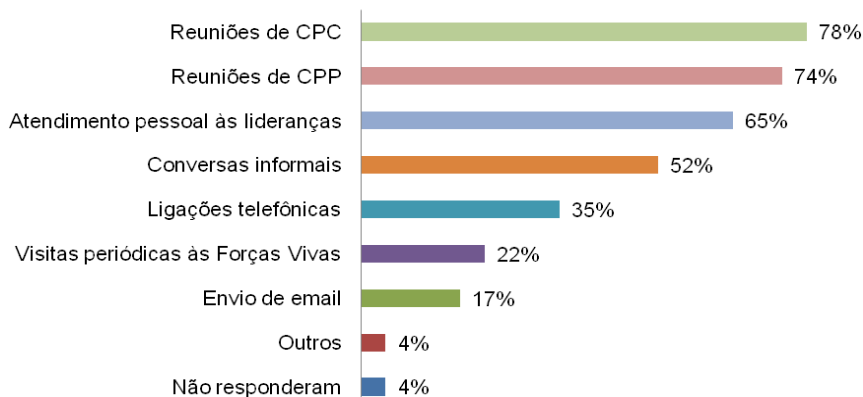
Área de atuação	%
Ministro Extraordinário da Comunhão	50
Movimento de Irmãos	35
Renovação Carismática	31
Pastoral Litúrgica	25
Pastoral Batismo	19
Pastoral Catequética	19
Ação Social	19

1.5.5 Satisfação nos relacionamentos institucionais

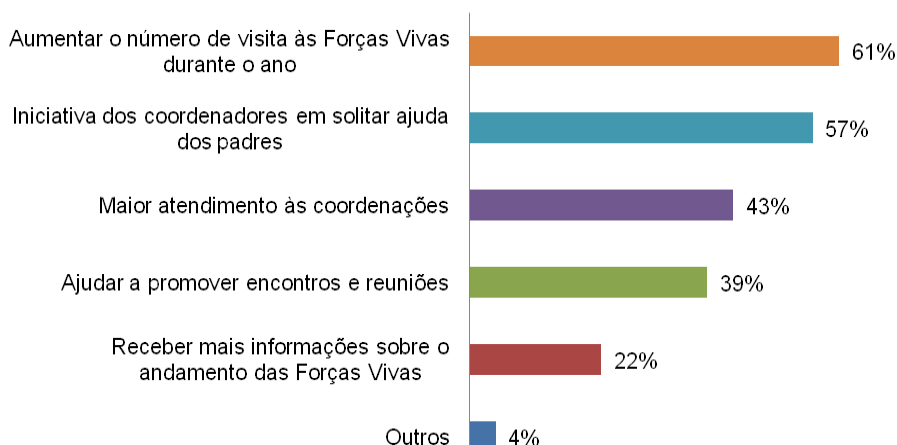
201. Em relação aos relacionamentos institucionais, nas mais diversas instâncias (Arquidiocese, comarcas, paróquias e lideranças), a pesquisa com os diáconos apontou que mais de 90% deles consideraram serem esses relacionamentos ótimos ou bons.

202. Nos próximos gráficos pode-se verificar como os diáconos costumam promover o seu relacionamento com as forças vivas da paróquia e o que eles consideram que precisa melhorar.

Como promove o relacionamento com as forças vivas?



O que precisa melhorar no relacionamento com as forças vivas?



1.5.6 Presidência ou frequência às celebrações

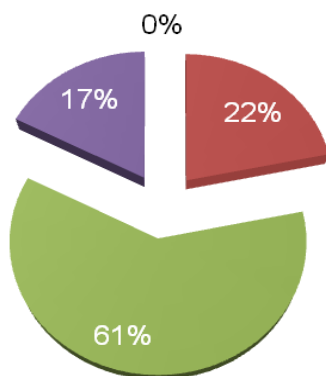
203. Na questão sobre a participação nas missas durante a semana, apenas 9% afirmou frequentá-las diariamente. O índice de participação esporádica em dias da semana, com exceção do sábado e domingo, não ultrapassa os 30%. No tocante ao número de celebrações a que presidem, o maior índice apresentado foi de uma Celebração da Palavra no sábado e outra no domingo. Quanto à presidência de casamentos, a pesquisa teve um empate de 48% entre os que afirmaram não celebrar nenhum e os que celebram um casamento por semana. Quanto a batizados, 57% responderam que presidem a uma celebração de batizados por mês; 22% que fazem duas celebrações; e 9% que celebram três. As exéquias são bastante requisitadas aos diáconos: 52% celebram em torno de duas ou mais por mês.

1.5.7 Formação

204. Em relação à formação dos diáconos, a pesquisa apontou que 56% dedicam em média de uma a três horas de estudo por semana. No seguinte gráfico pode-se verificar o índice de participação dos diáconos nos encontros de formação promovidos pela Arquidiocese: 17% sempre; 22% raramente e 61% quase sempre.

Participação dos encontros de formação propostos pela Arquidiocese

■ Nunca ■ Raramente ■ Quase sempre ■ Sempre



1.5.8 Condições para o exercício do ministério

205. Quanto às condições para o exercício do ministério, 78% dos diáconos recebem ajuda financeira através de espórtulas e salário (côngrua); 91% consideram que as condições físicas do local em que atuam atendem as necessidades para o exercício do seu ministério; enquanto 22% dizem que as condições financeiras atendem muito pouco as suas necessidades.

1.5.9 Outros resultados importantes

206. Dentre os diáconos que responderam à pesquisa, 91% dizem que a família ajuda muito no exercício do ministério diaconal; 87% concentram seu exercício pastoral nos múnus da Palavra e da Liturgia; 39% exercem algum tipo de atividade na comarca; e 22% na Arquidiocese; 35% dos diáconos estão envolvidos com o Movimento de Irmãos.

1.6 Os agentes de pastoral nas paróquias

207. A partir do questionário feito junto às paróquias, verifica-se que o número de lideranças das paróquias da Arquidiocese ultrapassa as 9 mil pessoas. Desse total, mais de 4 mil são catequistas, um índice de 44,7%. Do total de catequistas da Arquidiocese, 76,35% são mulheres.

1.6.1 Distribuição dos agentes de pastoral nas comarcas

208. Na tabela abaixo pode-se constatar o percentual de agentes pastorais em cada comarca.

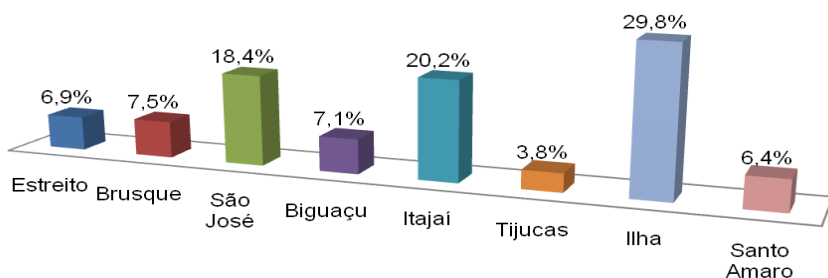
Número de lideranças nas comarcas

	TOTAL	Estreito	Brusque	S. José	Biguaçu	Itajaí	Tijucas	Ilha	Santo Amaro
Total	9836	472	734	3765	435	1029	1529	1010	862
%	100	4,8	7,5	38,3	4,4	10,5	15,5	10,3	8,8

1.6.2 Catequistas nas comarcas

209. Do total de catequistas da Arquidiocese, 76,35% são mulheres. No gráfico a seguir vê-se o índice percentual de catequistas por comarca:

Percentual de catequistas por comarca



1.6.3 Faixa etária e gênero dos catequistas

210. A maioria dos catequistas tem idade entre 36 a 55 anos. A catequese com adolescentes tem o maior índice de catequistas com idade até 25 anos. A catequese de crisma tem 50% de seus catequistas com idade entre 36 e 55 anos. A catequese com adultos apresentou o maior índice de catequistas com idade acima dos 56 anos (48,6%).

211. Os homens representam o maior número de catequistas para encontros de preparação para noivos e para pais e padrinhos. A catequese de primeira comunhão eucarística tem índice de 90% de catequistas mulheres. A Comarca da Ilha apresenta o maior índice de catequistas e o menor índice de catequizandos.

1.6.4 Ministros nas paróquias

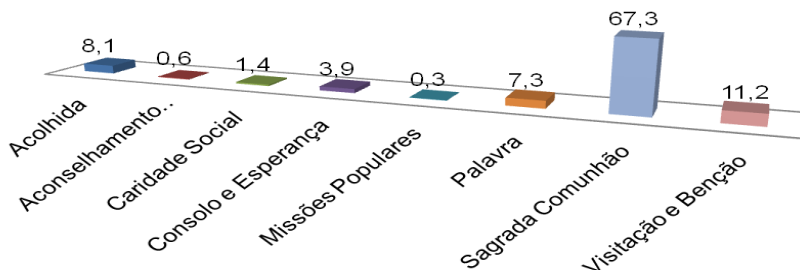
212. Os ministros representam 33,3% do total de agentes pastorais nas paróquias da Arquidiocese, sendo que as mulheres representam 77,4% deste público. Os homens são a maioria no Ministério da Palavra, com 51,6%.

213. Na tabela e no gráfico que seguem, vê-se respectivamente o percentual de ministros por comarca e o percentual de ministros por ministério.

Número de ministros por comarca

	TOTAL	Estreito	Brusque	São José	Biguaçu	Itajaí	Tijucas	Ilha	Santo Amaro
Total	3276	316	225	684	134	831	195	544	347
%	100	9,6	6,9	20,9	4,1	25,4	6,0	16,6	10,6

Percentual de ministros por ministério



1.6.5 Faixa etária dos ministros

214. A maioria dos ministros da Acolhida, do Aconselhamento Conjugual, da Caridade Social, das Missões Populares e da Palavra tem idade entre 36 e 55 anos. Os ministérios do Consolo e da Esperança, da Sagrada Comunhão, da Visitação e Bênção têm na sua maioria ministros com idade acima dos 56 anos. O ministério da Acolhida tem o maior índice (17%) de pessoas com idade até 25 anos.

2 Análise das instituições pastorais

215. Após a análise da situação das pessoas envolvidas na ação evangelizadora, como sujeitos ou destinatários, cabe uma breve análise das principais instituições que envolvem a atuação da Coordenação Arquidiocesana de Pastoral: a) a Comissão Arquidiocesana das Forças Vivas, que reúne os

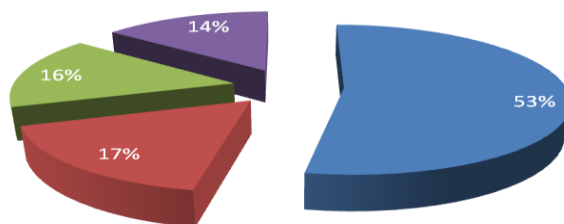
coordenadores arquidiocesanos de todas as pastorais, movimentos, organismos, serviços, colégios e meios de comunicação; b) os Conselhos Comarcais de Pastoral.

2.1 Comissão Arquidiocesana das Forças Vivas

216. A Comissão Arquidiocesana das Forças Vivas foi criada no ano de 1998, com o objetivo de promover um espaço de reflexão, partilha e tomada de decisões, para atuar em unidade com a Coordenação Arquidiocesana de Pastoral. Esta comissão reúne todas as coordenações arquidiocesanas das pastorais, movimentos, organismos, associações, ministérios, meios de comunicação, colégios e outros. Ela se reúne quatro vezes ao ano, nos meses de março, junho, setembro e novembro. Não há ainda um regimento para esta comissão. Em relação à participação nas reuniões trimestrais, o índice tem sido muito baixo.
217. Durante a reunião do mês de novembro de 2010, foi aplicado questionário junto aos participantes da Comissão das Forças Vivas. Estavam presentes 27 coordenações, o que corresponde a apenas 33,33% das coordenações arquidiocesanas das pastorais, movimentos, organismos, associações, ministérios, meios de comunicação e colégios que deveriam participar.
218. Os resultados abaixo foram obtidos na resposta a esse questionário. O gráfico e as tabelas abaixo mostram o índice de participação nas reuniões da Comissão. 53% nenhuma participação; 17% participação em uma reunião; 16% participação em duas reuniões e 14% participação em três reuniões.

Participação das Forças Vivas nas últimas três reuniões

■ Nenhuma participação ■ Participação em UM reunião
■ Participação em DUAS reuniões ■ Participação em TRÊS reuniões



Pastorais com participação nas três últimas reuniões:

Pastorais com maior índice de participação

Pastoral Catequética
Pastoral do Dízimo
Pastoral Familiar
Pastoral Militar
Pastoral da Pessoa Idosa

Movimentos com participação nas três últimas reuniões:

Movimentos com maior índice de frequência

Movimento Cursilhos de Cristandade
Movimento de Emaús
Movimento Familiar Cristão
Apostolado da Oração
Oficina de Oração e Vida – TOV

Organismo com participação nas três últimas reuniões

Organismo com maior índice de frequência
Coordenações de Campanhas

Colégio com participação nas três últimas reuniões:

Colégio com maior índice de frequência

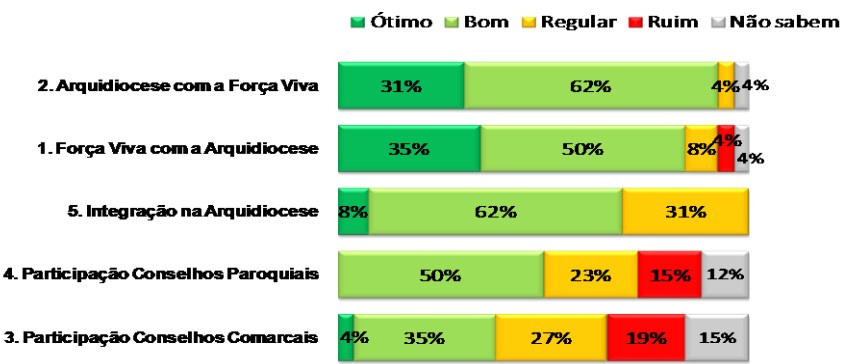
Colégio Santa Catarina

219. Nos gráficos abaixo é possível identificar alguns resultados obtidos com a pesquisa e que podem contribuir para um diagnóstico específico desta comissão arquidiocesana. As demais perguntas contemplam aspectos específicos da força viva entrevistada. Mais adiante serão apresentados os resultados.

2.2 Relacionamento entre as instâncias pastorais

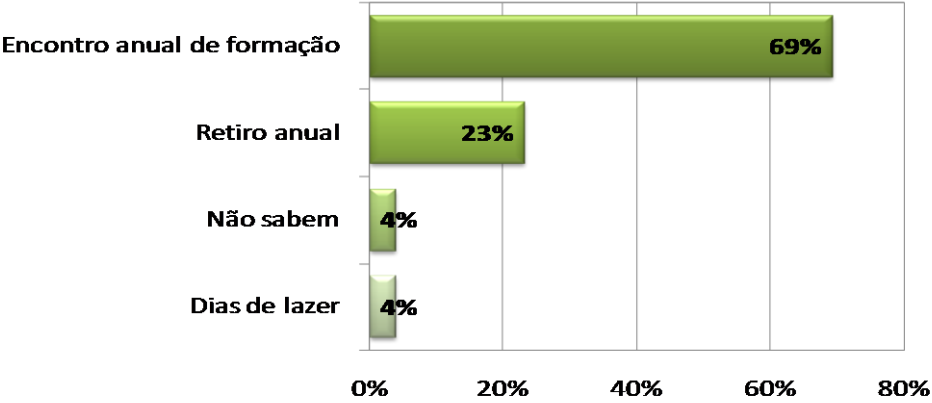
220. Perguntados sobre a qualidade de relacionamento com as diversas instâncias pastorais da Arquidiocese, os coordenadores arquidiocesanos das forças vivas deram as seguintes respostas:

Instâncias	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Não sabem
Arquidiocese x Forças Vivas	31%	62%	4%		4%
Forças Vivas x Arquidiocese	35%	50%	8%	4%	4%
Integração na Arquidiocese	8%	62%	31%		
Participação nos CPPs		50%	23%	15%	12%
Participação nos CCPs	4%	35%	27%	19%	15%



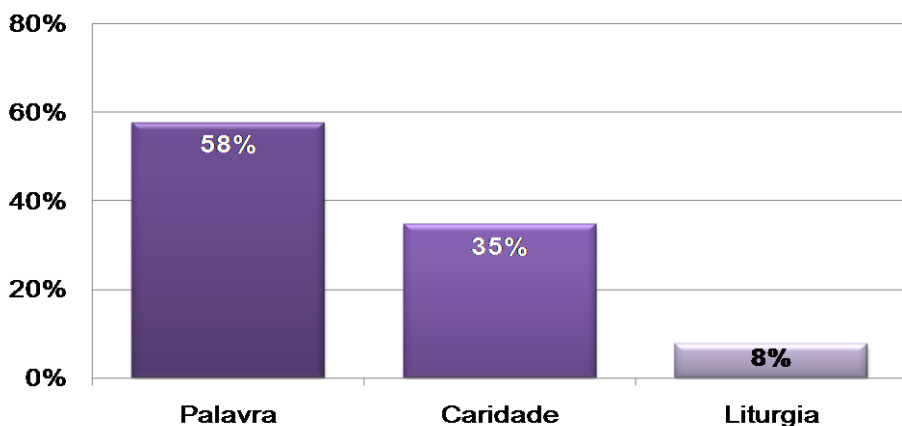
2.3 Formação e articulação das Forças Vivas

221. Perguntados sobre sugestões para a formação e articulação dos coordenadores das Forças Vivas da Arquidiocese, os coordenadores arquidiocesanos das Forças Vivas deram as seguintes respostas:



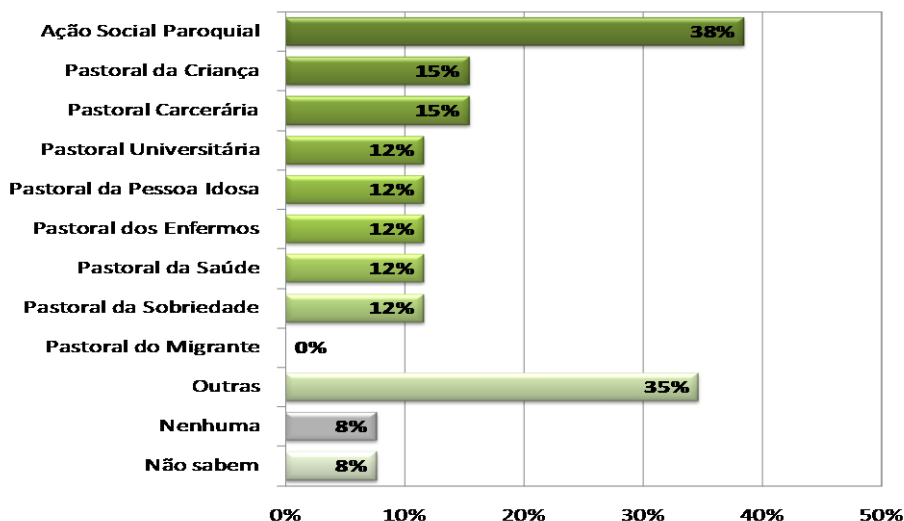
2.4 Múnus de mais atuação das Forças Vivas

222. Perguntados sobre o múnus pastoral no qual sua força viva concentra mais o exercício de sua atuação pastoral, os coordenadores arquidiocesanos das Forças Vivas deram as seguintes respostas:



2.5 Áreas sociais de atuação das Forças Vivas

223. Perguntados sobre as áreas sociais em que sua força viva exerce alguma atividade, os coordenadores arquidiocesanos das Forças Vivas deram as seguintes respostas:



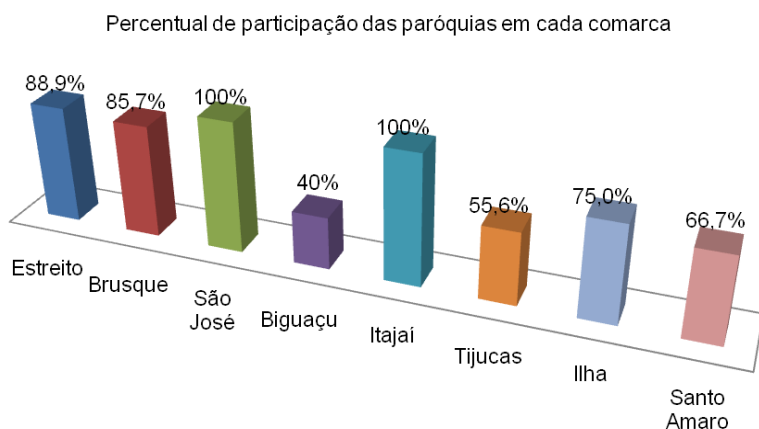
2.6 Conselhos Comarcais de Pastoral

- 224.A Arquidiocese tem como divisão pastoral as comarcas, atualmente em número de oito: Biguaçu, Brusque, Estreito, Ilha, Itajaí, Santo Amaro, São José e Tijucas.
- 225.A Comarca é uma *“região territorial de pastoral, constituída de um grupo de paróquias vizinhas, que se caracterizam por realidades humanas, sociais, culturais e religiosas semelhantes”*. O Conselho Comarcal de Pastoral – CCP – *“é o organismo responsável pela coordenação e animação da vida e das atividades pastorais na sua comarca, procura integrar as paróquias, capelanias e as coordenações comarcais das diferentes pastorais, movimentos e atividades eclesiais, numa caminhada de unidade e de co-participação, procurando criar uma consciência de mútua co-responsabilidade na missão de evangelizar”*. (Arquidiocese de Florianópolis, Estatutos, Diretórios e Subsídios, p. 43).
- 226.Os Conselhos Comarcais de Pastoral reúnem-se bimestralmente, com a participação de párocos, vigários paroquiais, demais presbíteros e diáconos domiciliados na comarca. Além desses, devem também comparecer o coordenador e o representante de cada Conselho de Pastoral das Paróquias (CPP), um representante de cada instituto de vida consagrada e coordenadores comarcais de ministérios, pastorais, movimentos e organismos constituídos na comarca.
- 227.As listas de presença e as atas das reuniões desses Conselhos mostram que, das oito comarcas existentes, apenas Santo Amaro, São José e Brusque apresentam alto índice de participação dos envolvidos. As de Itajaí e da Ilha são as que têm menor índice de participação.
- 228.Importante destacar que o regimento sobre o Conselho Comarcal de Pastoral (CCP) contempla a participação das diversas instituições da Igreja, como as congregações, colégios, obras sociais, institutos de vida consagrada, irmandades, entre outros, que, porém, se apresentam de forma tímida no CCP. Outro ponto identificado é que grande parte dos ministérios, pastorais, movimentos e organismos não têm coordenações comarcais ou, quando têm, não participam desses Conselhos.

3 Cenário pastoral das paróquias

229. A Arquidiocese atualmente tem 69 paróquias, distribuídas por 30 municípios. Para o desenvolvimento do diagnóstico pastoral, foi entregue um questionário de aplicação a todas as paróquias, com o objetivo principal de conhecer as realidades vivenciadas por elas. Um total de 80% das paróquias respondeu ao questionário. Com o material coletado, é possível identificar fatores importantíssimos para o diagnóstico pastoral da Arquidiocese.

230. No gráfico a seguir, pode-se ver o índice de participação na pesquisa, conforme sua distribuição por comarcas:



3.1 Índices de razão populacional

231. Nas tabelas a seguir é possível ter uma visão clara do cenário populacional de nossas paróquias:

Síntese das cidades com maior razão populacional por paróquia

Cidades com mais de 20 mil habitantes por paróquia		
Cidade	População por paróquia	Comarca
Biguaçu	58.206	Biguaçu
Itapema	45.797	Tijucas
Balneário Camboriú	36.030	Itajaí
Palhoça	34.334	São José
Camboriú	31.181	Itajaí
Tijucas	30.960	Tijucas
Águas Mornas	28.119	Santo Amaro
Rancho Queimado	28.119	Santo Amaro

Cidades com mais de 20 mil habitantes por paróquia		
Cidade	População por paróquia	Comarca
Santo Amaro da Imperatriz	28.119	Santo Amaro
São João Batista	26.260	Tijucas
Florianópolis	24.779	Ilha
São José	23.312	São José
Itajaí	22.922	Itajaí
Brusque	21.101	Brusque

232. Obs. As cidades em destaque na cor cinza têm sua razão populacional integrada, visto que os três municípios são atendidos pela mesma paróquia. Os municípios de Águas Mornas e Rancho Queimado são os únicos da Arquidiocese sem sede paroquial. Suas comunidades pertencem à Paróquia de Santo Amaro da Imperatriz.

Síntese das cidades com maior razão populacional por comunidade

Cidades com mais de 2 mil habitantes por comunidade		
Cidade	População por comunidades	Comarca
Camboriú	5.197	Itajaí
São José	4.662	São José
Itapema	4.580	Tijucas
Água Mornas	3.541	Santo Amaro
Balneário Camboriú	2.772	Itajaí
Porto Belo	2.681	Tijucas
Guabiruba	2.633	Brusque
Bombinhas	2.382	Tijucas
São João Batista	2.188	Tijucas
Biguaçu	2.007	Biguaçu

Síntese das cidades com maior índice de paróquias e comunidades

As cinco cidades com maior índice de paróquias	Quant.	%	Comarca
Florianópolis	17	24,6	Ilha
São José	9	13	São José
Itajaí	8	10,1	Itajaí
Brusque	5	7,2	Brusque
Palhoça	4	5,8	São José
Total	43	60,7	

As cinco cidades com maior índice de comunidades	Quant.	%	Comarca
Florianópolis	121	20,2	Ilha
Palhoça	49	8,2	São José
Itajaí	48	8	Itajaí
São José	45	7,5	São José
Brusque	35	5,8	Brusque
Total	298	49,7	

3.2 Síntese do perfil administrativo das paróquias:

233. Nas tabelas a seguir podem-se ver diversos índices do perfil administrativo e organizativo de nossas paróquias:

Síntese do perfil administrativo das paróquias	Quant.	%
Administradas por presbíteros religiosos	19	27,5
Administradas por presbíteros diocesanos	50	72,5
Total	69	100,0

234. Em relação ao índice de funcionários nas paróquias da Arquidiocese, a pesquisa apresentou um quadro de 353 (trezentos e cinquenta e três) colaboradores, que exercem as mais diversas funções, desde auxiliares de administração até manobristas de estacionamento. Na tabela a seguir é possível identificar os cinco maiores índices percentuais das funções exercidas pelos funcionários das paróquias na Arquidiocese.

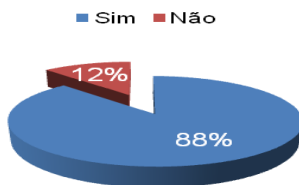
Índices percentuais das funções exercidas pelos funcionários das paróquias da Arquidiocese:

Cinco maiores índices percentuais das funções exercidas pelos colaboradores	
Função dos funcionários nas Paróquias	%
Auxiliar administrativo/ escritório	34
Zelador/ guarda/ vigia	34
Cozinheiro(a)	18
Sacristão	9
Servente	9
Assistente social	5
Contador	5

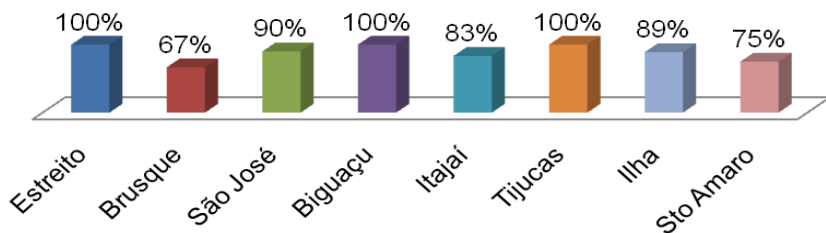
3.3 Conselhos de Pastoral

235. Estruturas importantes para a organização paroquial, seja em termos administrativos, seja em termos pastorais, são o Conselho Paroquial de Pastoral (CPP) e os Conselhos de Pastoral das Comunidades (CPC), os quais foram contemplados na pesquisa com quatro perguntas. Os gráficos abaixo mostram os resultados da pesquisa: 88% sim e 12% não.

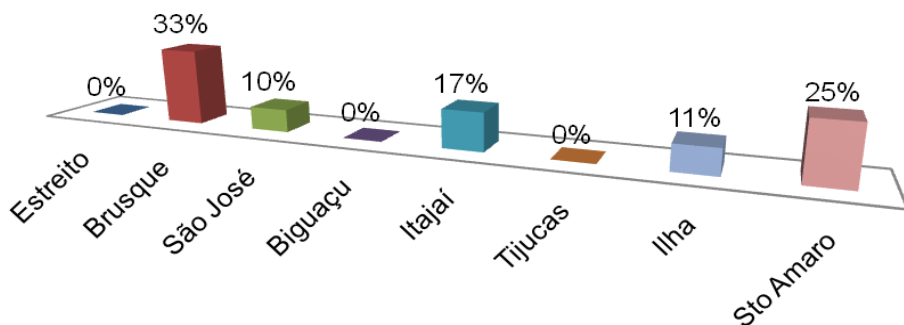
Percentual de Paróquia com Conselho Paroquial de Pastoral



Percentual de paróquias que possuem CPP por comarca



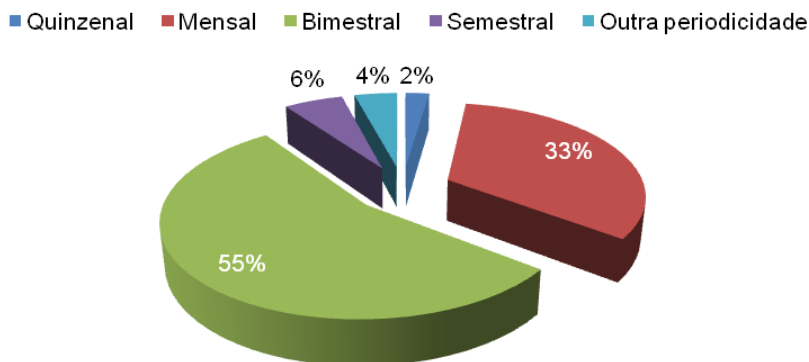
Percentual de paróquias que não possuem CPP por comarca



236. O número de participantes dos CPPs é de 1.588 pessoas. E 96% das paróquias afirmam seguir o regimento proposto.

237. Em relação ao CPC, 94,64% das comunidades existentes nas Paróquias pesquisadas afirmam tê-lo, e a periodicidade das reuniões é a seguinte: 2% quinzenal; 33% mensal; 55% bimestral; 6% semestral e 4% outra periodicidade.

Periodicidade das reuniões do CPP



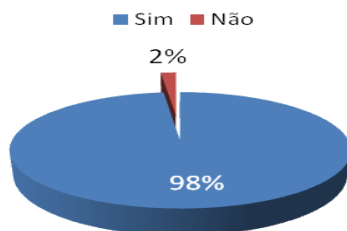
238. Os resultados mostram ainda que a média de participantes nos CPPs das paróquias da Arquidiocese é de 32 pessoas.

239. Deve-se considerar que, infelizmente, há paróquias que não têm CPP, embora tenham respondido positivamente na pesquisa.

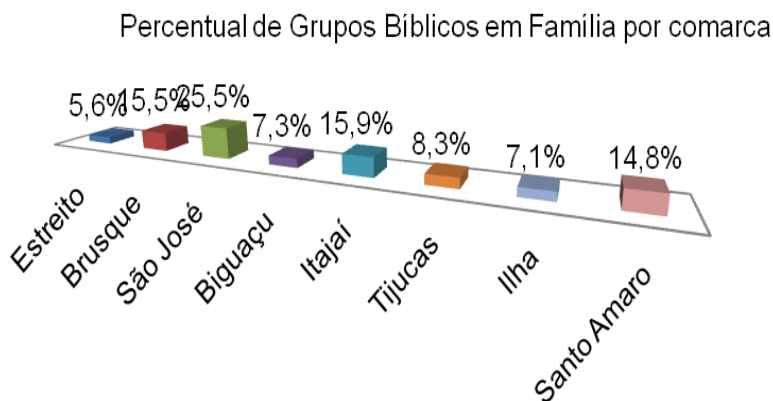
3.4 Os Grupos Bíblicos em Família

240. No que tange aos Grupos Bíblicos em Famílias existentes nas Paróquias da Arquidiocese, encontramos o seguinte quadro: 98% sim e 2% não.

Grupos bíblicos em família na Paróquia



241. Entre as paróquias que responderam à pesquisa, foi possível identificar a existência de 1.746 Grupos Bíblicos em Família (GBFs). Mas não foi possível descobrir, pela pesquisa, se estes funcionam durante todo o ano, ou se ocorrem apenas em tempos especiais, como no Advento e na Quaresma. Nesses grupos, o público de maior participação compõe-se de mulheres (60%), na sequência vêm os homens e as crianças, sendo que o público de menor participação se compõe de jovens (8,9%). As comarcas de São José, Itajaí, Brusque e Santo Amaro apresentaram maior índice percentual de existência de GBFs. Confira no gráfico:



3.5 Os movimentos de apostolado leigo

242. Existem na Arquidiocese, aproximadamente, 21 movimentos de apostolado leigo, sendo que seis deles são específicos para casais, enquanto os demais atuam com públicos variados. A pesquisa aponta que mais de 21 mil pessoas participam ativamente nesses movimentos, sendo a comarca de Itajaí a que apresentou o maior índice 31,6%.

243. As tabelas abaixo apresentam, sucessivamente, os movimentos com maior percentual existente na Arquidiocese e os que têm maior participação do público.

Cinco movimentos com maior índice percentual existentes nas paróquias da Arquidiocese:

Movimentos	%
Apostolado da Oração	17
Renovação Carismática Católica	16
Movimento de Irmãos	11
Legião de Maria	11
Movimento Apostólico de Schoenstatt (Mãe Peregrina)	10

Movimentos com maior participação de públicos ativos:

Quantidade total de participantes ativos por Movimentos da Paróquia.	TOTAL
Apostolado da Oração	5.822
Movimento Ap. de Schoenstatt (Mãe Peregrina)	5.600
Renovação Carismática Católica - RCC	3.439
Movimento de Irmãos	2.342
Cursilhos de Cristandade	945

244. Considere-se que, na pesquisa aplicada pelo Instituto Mapa junto aos católicos assíduos, o segundo maior índice de engajamento acontece nos movimentos, com 12%, sendo que os mais frequentados são: a Renovação Carismática Católica (6%) e o Movimento de Irmãos (5%). Já a pesquisa com os católicos não assíduos mostra que os movimentos e pastorais não são fator forte de engajamento, sendo o pior índice de participação (apenas 6%).

3.6 As pastorais

245. No âmbito das pastorais, a pesquisa junto às paróquias apontou a existência de 31 pastorais, sendo que oito delas atuam no âmbito social, cinco no catequético, enquanto as demais se dividem em outras formas de atuação. Na tabela a seguir é possível identificar as seis pastorais com maior percentual de presença nas paróquias entrevistadas.

Pastorais que apresentaram índice de presença superior a 50% nas paróquias.

Pastorais da Paróquia	TOTAL %
Catequética	100
Litúrgica	95
Coroinhas	91
Dízimo	84
Juventude	71
Social	66
Idosos	52

246. Em relação à participação, o resultado apontou a presença de quase 23 mil pessoas envolvidas. Os membros das pastorais envolvidos com liturgia, catequese, idosos, coroinhas e juventude correspondem a 74,5% do total. A comarca de Itajaí apontou maior percentual de participação nas pastorais (31,6%). O menor índice ficou com as comarcas de Tijucas e de Biguaçu.

247. Pastorais importantes como a do batismo, acolhida, migrantes, universitária, turismo, lazer e peregrinações apresentaram o menor número de participantes nas paróquias. Na pesquisa realizada pelo Instituto Mapa junto aos assíduos, 20% dos entrevistados afirmaram participar de alguma pastoral.

3.7 Atendimento social

248. Em relação aos trabalhos sociais, a pesquisa indicou que quase todas as paróquias (95%) têm algum empenho na solução dos problemas sociais de seus fiéis. No tocante à estrutura para a realização desses trabalhos sociais, as paróquias dispõem de ambientes variados, conforme mostra a tabela.

Tipo de ambiente que a Paróquia possui para realização de trabalhos sociais

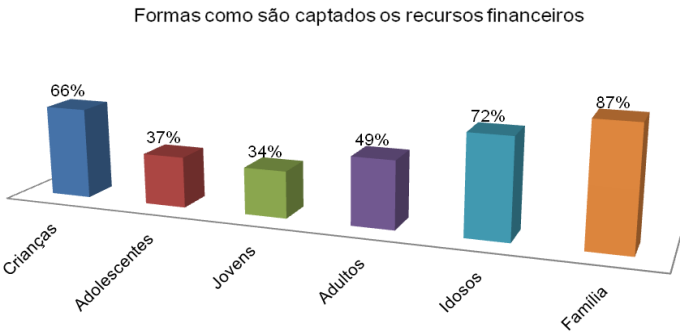
Ambiente	TOTAL %
Salão Paroquial	74
Sala Exclusiva	58
Sala de Catequese	45
Centro Social	15
Casa de Apoio	11
Outros	4

249. Os trabalhos sociais somam mais de 30 tipos de atividades, que variam da entrega de cestas básicas à manutenção de cursos profissionalizantes e de assistência jurídica. São atendidos os mais diversos públicos, sejam crianças, jovens, adultos, idosos ou famílias inteiras. A tabela abaixo mostra os dez trabalhos sociais mais praticados pelas paróquias da Arquidiocese.

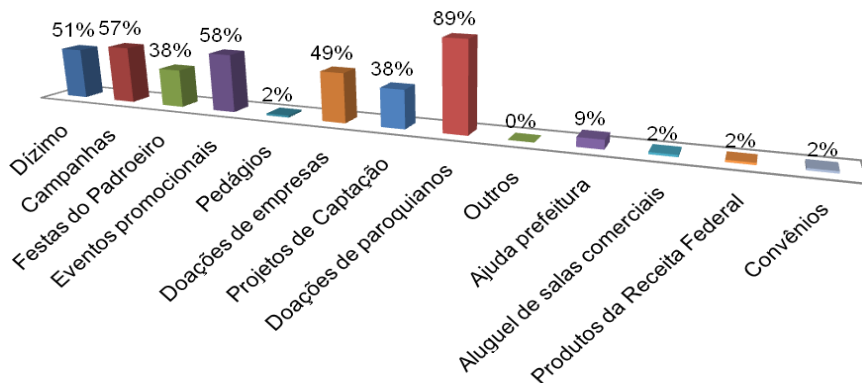
Dez maiores índices percentuais dos trabalhos sociais realizados nas Paróquias da Arquidiocese

Trabalho Realizado	%
Distribuição de roupas	96
Distribuição de Cestas Básicas	92
Grupos de Idosos	58
Artesanato	42
Distribuição de Remédios	34
Curso para gestantes	26
Cursos de informática	21
Atendimento psicológico	19
Encaminhamento para mercado de trabalho	19
Distribuição de refeições	15
Cursos profissionalizantes	13

250. O gráfico abaixo apresenta o percentual de paróquias que atende cada público. Importante destacar o baixo indicativo de paróquias que oferece atividades sociais junto aos jovens.



Formas como são captados os recursos financeiros



251. Na pesquisa aplicada pelo Instituto Mapa, percebeu-se que é necessário melhorar os serviços de atendimento aos pobres, com os seguintes índices: assíduos (25%), não assíduos (52%), não mais católicos (21%).

3.8 Preparação para os sacramentos

252. Perguntados sobre a previsão do número de catequizandos para a Primeira Comunhão Eucarística e a Crisma, em 2010, tínhamos os seguintes indicativos, primeiramente divididos por comarcas e, depois, por períodos de catequese:

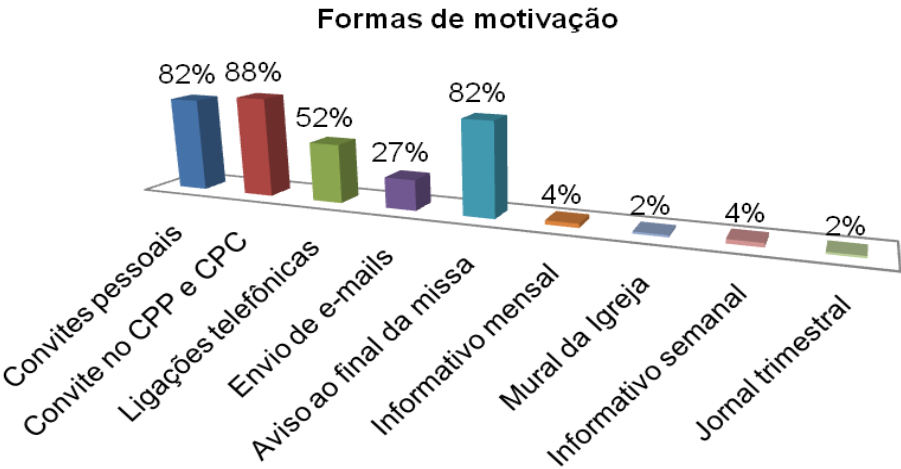
Previsão do número total de catequizandos para o ano 2010:

TOTAL	Estreito	Brusque	S. José	Biguaçu	Itajaí	Tijucas	Ilha	S. Amaro
30.834	1.974	4.209	7.121	2.347	7.621	2.538	2.832	2.192
100,0 %	6,4	13,7	23,1	7,6	24,7	8,2	9,2	7,1

Síntese da previsão de catequizandos nas paróquias por período:

Período	TOTAL	%
Primeiro ano da Primeira Comunhão Eucarística	8.914	28,7
Segundo ano da Primeira Comunhão Eucarística	8.939	28,7
Pastoral da Adolescência (ou: perseverança)	1.480	4,8
Primeiro ano da Crisma	5.964	19,2
Segundo ano da Crisma	5.799	18,6
TOTAL	31.096	100%

253. Quanto ao número de catequizandos adultos no decorrer de 2009, participaram dos encontros de preparação para o batismo mais de 33 mil pessoas. As comarcas de Itajaí e de São José detêm 51% destes participantes Os participantes da preparação para o matrimônio foram mais de 3 mil pessoas, com 60% do total de participantes nas comarcas de Itajaí, de São José e de Brusque.



3.9 Formação de lideranças

254. Há diversos modos de oferecer oportunidades para a formação das lideranças nas paróquias da Arquidiocese, como mostra a tabela abaixo:

Os tipos de eventos que a Paróquia promove

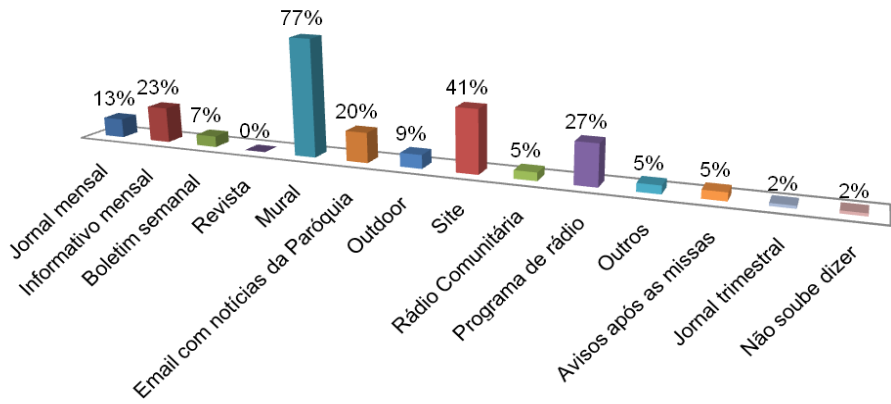
Tipo de evento	%
Retiro de Liderança	72
Escola Bíblica	47
Semana/ tarde de formação	28
Formação Litúrgica e Catequética	25
Maratona Bíblica	13
Escola Paulo Apostolo	13

255. Todas as paróquias afirmaram motivar suas lideranças a participar de eventos formativos oferecidos, sendo diversas as formas mais utilizadas, como mostra o gráfico a seguir:

3.10 A comunicação nas paróquias

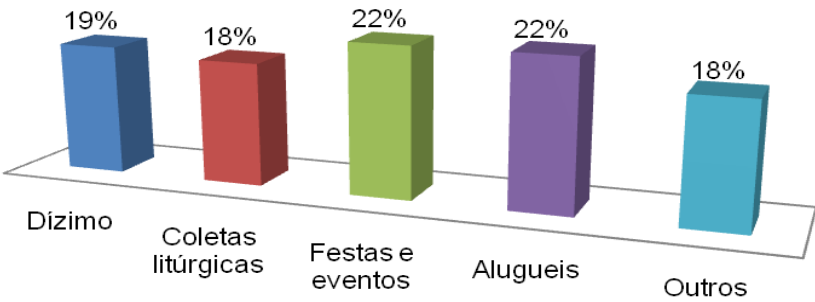
256. Os principais veículos de comunicação utilizados pelas paróquias são:

Veículos de comunicação existentes nas Paróquias



3.11 Fontes de arrecadação das paróquias

Principais fontes de arrecadação das Paróquias



PARTE II - JULGAR

I. A IGREJA QUE DEUS QUER

257. Durante o processo de planejamento de pastoral e de elaboração do Plano Arquidiocesano de Pastoral, uma pergunta norteou nosso trabalho: Que características deve ter a nossa Igreja para fazer frente aos grandes desafios da obra evangelizadora? Que Igreja queremos ser? Ou melhor, que Igreja Deus quer que nós sejamos? As respostas vindas das comunidades e dos agentes de pastoral sugerem sempre o ideal de uma Igreja santa, cujos traços motivem nossa ação pastoral e evangelizadora e respondam à nossa opção de anunciar a alegria do encontro com o Cristo vivo e de propor a todos a realização de seu Reino de amor e justiça, solidariedade e paz. Daí a necessidade de voltar às grandes fontes da fé para tirarmos desse tesouro a riqueza de nossa concepção eclesiológica.
258. O Documento de Aparecida responde à nossa pergunta com apenas duas palavras. A Igreja é uma “comunidade missionária”. Ao explicitar essa fórmula sintética, diz: “A Igreja é comunhão no amor. Esta é a sua essência e o sinal através do qual é chamada a ser reconhecida como seguidora de Cristo e servidora da humanidade” (DAP, 161). Fiel a Cristo e fiel aos seres humanos, a Igreja deve tornar-se cada vez mais na prática aquilo que ela já é na sua essência. Ela é na terra o sinal que reflete a comunhão das pessoas divinas da Santíssima Trindade, é o ícone terreno da Trindade celeste. “O mistério da Trindade é a fonte, o modelo e a meta do mistério da Igreja” (DAP, 155). A Igreja vem de Deus-Trindade, vive em Deus-Trindade e vai para Deus-Trindade. A Trindade é a unidade das três pessoas distintas que se amam tanto e tão bem que são um só Deus. Em Deus Trindade, somos unidade, mas não uniformidade; somos diversidade, mas não divisão; somos comunhão, mas não confusão. A Santíssima Trindade é a perfeita comunidade missionária, modelo para todas as nossas paróquias e comunidades, para todas as forças vivas de nossa Arquidiocese.
259. Estamos vivendo, nestes anos de 2012 a 2015, o jubileu do Concílio Vaticano II. Inspirado pelo Espírito Santo, este Concílio preparou a Igreja para o novo milênio. Propôs que a Igreja se definisse como comunhão do Povo de Deus e se inserisse no mundo como fermento na massa. Ela deve

responder para si mesma, para a humanidade e para Deus, à pergunta: “Quem és tu, Igreja?”. Ela é a comunhão dos fiéis que celebram a fé, se educam na fé, se amam como irmãos e, assim, se fortalecem na santidade para poderem viver a alegria de filhos de Deus. Sendo mistério de comunhão, ela tem uma dimensão interior, voltada para sua essência, sua identidade. Mas, sendo comunidade missionária, ela tem dimensão pública, voltada para o agir, para sua importância e relevância no mundo. A pergunta, agora, é outra: “Qual é a tua missão, Igreja?” Sua missão é o anúncio do Evangelho, o serviço ao mundo, o diálogo com as culturas, sendo germe, sinal e instrumento do Reino de Deus. Em nossa caminhada pastoral queremos deixar-nos iluminar pela eclesiologia da comunhão e da missão proposta pelo Concílio Vaticano II.

260. Queremos também guiar-nos pelo Documento de Aparecida, publicado pelo episcopado latino-americano, que apresenta as características da Igreja e as grandes linhas pastorais a serem seguidas nos próximos anos. O Documento de Aparecida sintetiza em duas palavras a identidade do rosto da Igreja latino-americana: comunidade missionária. Em nossa Arquidiocese de Florianópolis, queremos fazer que esse rosto se torne cada vez mais visível e esplêndido.

1. Igreja, povo de Deus

261. No seu primeiro capítulo, a Constituição *Lumen Gentium* sobre a Igreja fala da Igreja como mistério divino, imagem humana da comunhão trinitária. A seguir, no capítulo segundo, a apresenta como povo de Deus em comunhão e missão. A Igreja é o novo povo da nova aliança. “Em todos os tempos e em todas as nações foi agradável a Deus aquele que o teme e opera justamente (At 10,35). Contudo, aprouve a Deus salvar e santificar os seres humanos, não individualmente, excluía qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em um povo que o conhecesse na verdade e o servisse santamente” (LG, 9). O novo povo da nova aliança, firmada no sangue de Cristo (1Cor 11,25), não é formado segundo a carne, mas no Espírito. Na Igreja realiza-se a profecia da primeira carta de Pedro: “raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo conquistado... que outrora não era povo, mas agora é povo de Deus” (1Pd 2,9-10). A Igreja é o povo messiânico. “Embora não abranja de fato todos os homens, e não poucas

vezes apareça como um pequeno rebanho, é, contudo, para todo o gênero humano o mais firme germe de unidade, de esperança e de salvação. Estabelecido por Cristo como comunhão de vida, de caridade e de verdade, é também por ele assumido como instrumento de redenção universal e enviado a toda a parte como luz do mundo e sal da terra (Mt 5,13-16)” (LG, 9). Em nossa Arquidiocese nós somos uma pequena parcela deste grande povo de Deus. E queremos ser para nós mesmos, que somos membros mais íntimos da Igreja, mas também para todas as pessoas, sobretudo para os que dela se afastaram e para os que não conhecem o Cristo, um sinal desta comunhão de fé, esperança e caridade. Esta é a nossa missão. Pois, como nos ensina o Concílio Vaticano II, “ao novo povo de Deus todos os homens são chamados” (LG, 13). “Este povo, permanecendo uno e único, deve estender-se a todo o mundo e por todos os séculos, para se cumprir o desígnio da vontade de Deus que, no princípio, criou uma só natureza humana e resolveu juntar em unidade todos os seus filhos que estavam dispersos (Jo 11,52)” (LG, 13). Em nossa Arquidiocese, a Igreja de Cristo “é impelida pelo Espírito Santo a cooperar para que o desígnio de Deus, que fez de Cristo o princípio de salvação para todo o mundo, se realize totalmente” (LG, 17). Povo da comunhão e da missão, também em nossa Arquidiocese, pela pregação do Evangelho, “a Igreja atrai os ouvintes a crer e confessar a fé, dispõe para o batismo, liberta da escravidão do erro e incorpora-os a Cristo, a fim de que nele cresçam pela caridade, até à plenitude (...) É assim que a Igreja simultaneamente ora e trabalha para que toda a humanidade se transforme em povo de Deus, corpo do Senhor e templo do Espírito Santo, e em Cristo, cabeça de todos, se dê ao Pai e Criador de todas as coisas toda a honra e toda a glória (LG, 17).

2. Igreja da alegria e da santidade

262. Ao iniciar a segunda parte – que trata da vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários – o Documento de Aparecida convida os católicos a viverem a alegria de discípulos missionários de Cristo e anunciadores da Boa Nova da vida para todos. Por terem ouvido a Boa Nova (o Evangelho) do amor de Deus-Pai revelado no seguimento de Cristo e na unção do Espírito, os

cristãos católicos devem alegremente anunciar a Boa Nova da vida, da dignidade humana, da família, do trabalho, da ciência e do destino universal dos bens da criação (DAp, 101-127). A alegria evangélica é uma marca que queremos ver estampada no rosto de nossa Igreja. Quem fez a experiência do amor de Deus, do encontro com Cristo e da vida no Espírito não pode abater-se na tristeza e no desânimo. Mesmo diante das dificuldades, privações, incompreensões, crises e todo tipo de provações, queremos manifestar a alegria pascal, que provém da vitória do Crucificado-Ressuscitado, a vitória da vida sobre a morte, do bem sobre o mal.

263. Viver a alegria evangélica é viver a santidade cristã. Na Constituição *Lumen Gentium* sobre a Igreja, o Concílio Vaticano II nos ensina: “Todos na Igreja, quer pertençam à hierarquia quer por ela sejam pastoreados, são chamados à santidade, segundo a palavra do Apóstolo: ‘esta é a vontade de Deus, a vossa santificação’ (1Tes 4,3; Ef 1,4). Esta santidade da Igreja incessantemente se manifesta, e deve manifestar-se, nos frutos da graça que o Espírito Santo produz nos fiéis; exprime-se de muitas maneiras em cada um daqueles que, no seu estado de vida, tendem à perfeição da caridade, com edificação do próximo; aparece dum modo especial na prática dos conselhos chamados evangélicos” (LG, 39). Esta vocação universal à santidade é lembrada pelo Documento de Aparecida. Ao falar da vocação dos discípulos missionários, este documento nos convida à santidade, que “não é fuga para o intimismo ou para o individualismo religioso, tampouco abandono da realidade urgente dos grandes problemas econômicos, sociais e políticos da América Latina e do mundo, e muito menos fuga da realidade para um mundo exclusivamente espiritual” (DAp, 148). A verdadeira santidade se fundamenta na experiência religiosa e profunda de Deus, no encontro pessoal com Jesus Cristo, na conversão pessoal e mudança integral da vida, na disposição plena para o anúncio e o testemunho do Evangelho (DAp, 226a). A partir da vivência da alegria e da santidade, experimentadas como graça que vem de Deus Pai no seguimento de Jesus e na unção do Espírito Santo, saberemos enfrentar os grandes desafios que hoje se apresentam à Igreja. Marcada pela santidade, nossa Igreja vive mais do carisma que do poder; mais do amor que da lei; mais da comunhão que da organização; mais da

comunidade que da instituição. É uma Igreja discípula de Jesus, que vive da escuta da Palavra, que agradece pela chegada do Reino. É uma Igreja que se deixa conduzir pelos mistérios divinos, em estado permanente de formação na fé e de engajamento na missão.

3. Igreja da acolhida e do querigma

264. Quem teve a graça de experimentar o amor de Deus-Pai no encontro com Jesus de Nazaré e na unção do Espírito Santo, não pode fechar-se em si, mas deve tornar-se um evangelizador. A primeira atitude do evangelizador é abrir o coração e os braços para acolher a todos. Ninguém pode ficar de fora da acolhida que nossa Igreja deve oferecer a todos. No exemplo de Jesus, que acolheu justos e pecadores, ricos e pobres, sãos e doentes, homens e mulheres, também nós devemos acolher a todos, independentemente da condição social e moral das pessoas. Nesse movimento de acolhida, os privilegiados devem ser os últimos, pois Jesus veio para os doentes e os pecadores (Mt 9,12-13) e para evangelizar os pobres (Lc 4,18). Somente quem fez a experiência de acolher e ser acolhido na comunidade de salvação será um verdadeiro evangelizador, terá uma boa notícia a levar a todos que encontrar pelo caminho.
265. Seguir Jesus é tornar-se anunciador de seu Reino de paz e de justiça, de vida plena, de vida feliz em todas as dimensões, de vida para todos, a começar dos últimos, dos marginalizados e esquecidos. “O encontro com Cristo dá origem à iniciação cristã e deve renovar-se constantemente pelo testemunho pessoal, pelo anúncio do querigma e pela ação missionária na comunidade” (DAP, 278a). O querigma é o centro de nossa fé: o amor universal de Deus-Pai, revelado no ministério, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré, experimentado na unção do Espírito Santo e na participação da Igreja. O querigma deve ser anunciado com alegria e entusiasmo, não como imposição, mas como proposta, não como peso, mas como graça, “não por proselitismo, mas por atração” (Bento XVI), a fim de que muitas pessoas possam experimentar a beleza de serem filhos de Deus, libertos do pecado e de todo o mal, membros do Corpo santo de Cristo.

4. Igreja da comunhão e da participação

266. “Não pode existir vida cristã fora da comunidade” (DAp, 278d). Deus quer e nós também queremos que a Igreja seja lugar de comunhão e participação. Nela todos os fiéis devem ser acolhidos fraternalmente sentir-se valorizados e incluídos. Ela é de tal modo uma família que todos são membros corresponsáveis por sua edificação e desenvolvimento (DAp, 226b). O Concílio Vaticano II apresenta três aspectos fundamentais sobre a comunhão da Igreja: 1) ela é o povo de Deus; 2) a autoridade e o ministério da hierarquia estão a serviço do povo; 3) todos participam da missão profética, sacerdotal e régia de Cristo. Para isso, a Igreja em nossa Arquidiocese serve-se dos conselhos de pastoral, presentes em todas as instâncias da vida e da organização eclesial, como uma forma de exercício da cidadania cristã e espaço privilegiado da participação do povo de Deus no poder hierárquico. Com a finalidade de “examinar e avaliar as atividades pastorais e propor conclusões práticas sobre elas”, como pede o Código de Direito Canônico (cân. 511), o Conselho de Pastoral, nos seus diversos níveis – diocesano, paroquial e comunitário – é o órgão que ajuda a pensar e realizar a ação missionária e pastoral da Igreja, em vista de uma evangelização adequada aos desafios do mundo e da cultura moderna. O papa João Paulo II, em sua carta para o início do novo milênio, escreveu: “Os espaços de comunhão devem ser aproveitados e promovidos dia-a-dia em todos os níveis, no tecido da vida de cada Igreja. Nesta, a comunhão deve resplandecer nas relações entre bispos, presbíteros e diáconos, entre pastores e o conjunto do povo de Deus, entre clero e religiosos, entre associações e movimentos eclesiais. Para isso, devem-se valorizar cada vez mais os organismos de participação previstos pelo Direito Canônico, tais como os Conselhos Presbiterais e Pastorais” (NMI, 45).

5. Igreja da partilha

267. Na Igreja comunhão e participação é necessária a partilha, feita de forma evangélica. A maior lição que aprendemos nos vem da vivência das primeiras comunidades cristãs: “Ninguém considerava propriedade particular as coisas que possuía, mas tudo era colocado em comum entre eles” (At 4, 32). Os que possuíam partilhavam seus bens, de modo que não havia necessitados entre eles. Para a comunidade, distribuir era uma questão

de justiça. No modelo de Igreja de comunhão e participação, o dízimo é sacramento da partilha. Como opção do fiel, o dízimo é partilha fraterna com os pobres e excluídos. É resposta concreta ao nosso compromisso batismal. É partilha do que somos e temos. Assumir o dízimo como forma de manutenção da comunidade eclesial é atender à dimensão missionária da Igreja que é a evangelização, imperativo da opção batismal. É viver profundamente o Evangelho. O batismo nos compromete com a comunidade eclesial e com os serviços de evangelização que ela realiza. É compromisso de todo cristão batizado participar na construção do Reino de Deus e ser responsável pelo Projeto de Jesus. Numa sociedade que põe sua confiança na posse de bens materiais, que se preocupa mais com o ter do que com o ser de cada pessoa, assumir o dízimo como expressão de fé e comunhão entre os irmãos e irmãs que vivem a prática da partilha, é assumir igualmente uma atitude profética. Dízimo é expressão de fé, felicidade e gratidão a Deus, através da partilha de bens com a comunidade.

6. Igreja da ministerialidade

268. Na Igreja, como lugar da comunhão, há lugar para a diversidade de dons, serviços e ministérios. A Igreja tem sua origem na missão do Espírito Santo, no qual têm origem os carismas e os ministérios dados aos batizados. Nela todos são chamados a ser sujeitos, membros vivos e participantes. É assim que São Paulo fala do Corpo de Cristo (1Cor 12). Há um só corpo, mas muitos membros. Cada membro com sua função diferente, mas todos a serviço do bem comum. Diz o Documento de Aparecida: “A diversidade de carismas, ministérios e serviços, abre o horizonte para o exercício cotidiano da comunhão através da qual os dons do Espírito Santo são colocados à disposição dos demais para que circule a caridade” (DAP, 162). Numa Igreja ministerial valorizam-se os dons de cada fiel. Isso nos ajuda a superar a tentação de acumular funções nas mãos de uma única pessoa. Na comunidade eclesial, povo de Deus, fiéis e ministros, pela graça batismal e pelo sacerdócio comum, têm a mesma dignidade na diversidade de dons e serviços. Todos participam da única missão de Cristo e de sua Igreja. A Igreja é uma comunidade de carismas e ministérios. O termo comunidade afirma tudo o que é comum e que vem em primeiro lugar: o Evangelho; o Batismo e a Eucaristia e os outros sacramentos; a caridade para com todos;

a missão. Os termos carismas e ministérios indicam a riqueza e a variedade das vocações e serviços na Igreja. Um destes ministérios é o ministério hierárquico, conferido pelo sacramento da Ordem aos bispos, padres e diáconos, que têm a responsabilidade e a autoridade de incentivar e unir todos os outros ministérios. A nova evangelização exige nova organização e novas estruturas, com vistas a superar a concentração de tarefas nas mãos de poucos e tornar toda a comunidade mais viva e responsável pela urgente tarefa da missão. Para fazer frente ao desafio da nova evangelização, nossa Arquidiocese deve incentivar a diversidade de ministérios, chamando mais pessoas para o serviço da missão e qualificando permanentemente os ministérios conferidos aos leigos.

7. Igreja da formação

269. Na Igreja de Jesus Cristo, os fiéis são verdadeiros discípulos. Amadurecem constantemente no conhecimento, amor e seguimento do mestre Jesus, aprofundam-se no mistério de sua pessoa, de seu exemplo e de sua doutrina (DAP, 278d), no conhecimento da Palavra de Deus e dos conteúdos da fé (DAP, 226d). Nela cultiva-se o discipulado, a aprendizagem, que tem seu ponto de partida na iniciação cristã. “A iniciação cristã, que inclui o querigma, é a maneira prática de colocar alguém em contato com Jesus Cristo e iniciá-lo no discipulado” (DAP, 288). A formação tem ponto de partida, mas não tem ponto de chegada, pois a formação é contínua, a catequese é permanente. A formação dos discípulos missionários na Igreja de Jesus Cristo é sempre inculturada. “Com a inculturação da fé, a Igreja se enriquece com novas expressões e valores, manifestando e celebrando cada vez melhor o mistério de Cristo, conseguindo unir mais a fé com a vida e assim contribuindo para uma catolicidade mais plena, não só geográfica, mas também cultural” (DAP, 479). Por isso, tudo na Igreja – a catequese, liturgia, a moral, as instituições etc. – tudo deve ser inculturado. A própria Igreja é inculturada. O mistério da encarnação é o fundamento da inculturação. Na encarnação, Jesus, o Filho de Deus, vem do Pai e se insere na história humana, partilhando as alegrias e esperanças, fragilidades e riquezas do povo, assumindo seus sofrimentos e pecados para redimi-los em sua cruz e ressurreição. Jesus inculturou-se na história de seu povo; percebeu e

valorizou as potencialidades existentes naquela cultura, bem como suas contradições e conflitos. Inculturar o Evangelho é fazer com que ele penetre no dia a dia da vida, de modo que o povo consiga expressar sua experiência de fé em sua própria cultura. A inculturação é uma exigência do seguimento de Jesus. Em nossa Arquidiocese, devemos semear o Evangelho no contexto da riqueza cultural de nosso povo, fruto da mistura de etnias, da sabedoria na condução da vida e da luta diária pela sobrevivência, a fim de vermos surgir entre nós o rosto de uma Igreja cada vez mais caracterizada com a cultura de nosso povo.

8. Igreja do discipulado e do seguimento de Jesus

270. Somos cristãos porque seguimos Jesus, o Filho eterno de Deus-Pai feito homem no ventre de Maria de Nazaré. Como seus discípulos, somos chamados ao seguimento de Jesus Cristo, até deixar-nos possuir e animar por seu Espírito e tornar-nos parecidos e configurados com ele, para anunciar com ele o Evangelho do reino da vida (DAP, 129-153). Ele é Deus encarnado em nossa história humana. É por sua palavra, sua vida e atividade pública, sua morte e sua ressurreição que nos colocamos na presença de Deus. No Documento de Aparecida lemos: “No seguimento de Jesus Cristo, aprendemos e praticamos as bem-aventuranças do Reino, o estilo de vida do próprio Jesus: seu amor e obediência filial ao Pai, sua compaixão entranhável frente à dor humana, sua proximidade aos pobres e aos pequenos, sua fidelidade à missão encomendada, seu amor serviçal até a doação de sua vida. Hoje, contemplamos a Jesus Cristo tal como os Evangelhos nos transmitiram para conhecer o que ele fez e para discernir o que nós devemos fazer nas atuais circunstâncias” (DAP, 139). A espiritualidade cristã é a espiritualidade de Jesus de Nazaré. O Deus de Jesus é o Deus do Reino e a opção de Jesus é o Reino de Deus. Assim, sua fé é a nossa fé, sua opção é a nossa opção, sua prática é a nossa prática. Seguir Jesus é assumir a causa do Reino de Deus, é identificar-se com ele e assumir o seu destino. Nossa espiritualidade situa-se no conflito e na libertação. Por isso, deve partir sempre da realidade e assumir os conflitos que ela apresenta para transformá-la em sinal do Reino de Deus. Seguir Jesus é assumir o

mistério da Encarnação, da Paixão e da Morte, para poder celebrar a alegria do mistério da Páscoa.

9. Igreja da missão

271. Quem faz a experiência da alegria pascal no encontro com Deus e entra no caminho da santidade, quem se encanta com a comunhão eclesial e se aprofunda no conhecimento das verdades da fé, não pode ficar com essa graça só pra si. Sente-se motivado à missão. Por isso, é da essência da Igreja ser ao mesmo tempo comunhão e missão. “A missão é inseparável do discipulado” (DAP, 278e). Comunidade de fé, esperança e caridade, a Igreja é, em si mesma, comunidade missionária. O processo da vivência da fé, exemplificado no despertar pedagógico dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35) e da samaritana (Jo 4,11-42), é inspirador de nossa prática missionária. A Igreja dos primeiros cristãos é fortemente marcada pelo dinamismo missionário, centrado na mesma missão de Jesus, no anúncio do Reino e no serviço aos pobres, doentes, pecadores, multidões. Daí, ser uma Igreja missionária, voltada decididamente para fora, uma Igreja que deve aprender a conjugar o verbo “ir”: “Ide pelo mundo...” (Mt 28,20). Nela, os missionários eram testemunhas de Jesus Cristo no meio do povo, dos pobres, dos pequenos. Eram testemunhas através do anúncio e da denúncia: “Quanto a nós, não podemos nos calar sobre o que vimos e ouvimos” (At 4,20). A partir da experiência de Deus-Pai, da conversão radical a Cristo e da vivência comunitária na Igreja, todo discípulo é missionário: “sai ao encontro dos afastados, interessa-se por sua situação, a fim de reencantá-los com a Igreja e convidá-los a retornarem a ela” (DAP, 226d) e está disposto a ir à outra margem, onde Cristo ainda não é reconhecido como Deus e Senhor e onde a Igreja não se faz vivamente presente (DAP, 376). Em nossa Arquidiocese, queremos ser uma Igreja decididamente missionária. Para isso, devemos promover uma verdadeira conversão pastoral de todos nós, devemos renovar nossas estruturas eclesiais, para passar “de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (DAP, 370).

10. Igreja da profecia e da solidariedade

272. Em nossa sociedade injusta e desigual, uma das principais formas da missão da Igreja é a profecia e a solidariedade. Num mundo marcado por tanta exclusão e preconceito, marginalização e injustiça, a Igreja deve marcar diferença por sua profecia, sua crítica aos ídolos e sinais do anti-reino. A dimensão profética aparece na prática dos primeiros cristãos, de forma clara e corajosa, através do anúncio destemido da Palavra de Deus e no testemunho vivo da presença de Deus nas realidades do dia a dia. O anúncio da Palavra e as denúncias contra a vida e as perseguições sofridas pela causa do Reino é que davam a convicção de estarem vivendo a mesma missão profética de Jesus. Os que anunciavam a Palavra e denunciavam todo tipo de agressão à vida eram líderes pobres, livres, que carregavam as alegrias e as dores uns dos outros. Citando o papa Bento XVI, em sua primeira encíclica, Deus caritas est, o Documento de Aparecida diz: “A Igreja ‘não pode nem deve colocar-se à margem na luta pela justiça’ (DCE, 28). Ela colabora purificando a razão de todos os elementos que ofuscam e impedem a realização de uma libertação integral” (DAp, 385). Um dos modos de a Igreja realizar sua missão no mundo é manifestar sua solidariedade com os pobres e marginalizados. O Documento de Aparecida propõe e recomenda uma renovada pastoral urbana que “desenvolva uma espiritualidade da gratidão, da misericórdia, da solidariedade fraterna, atitudes próprias de quem ama desinteressadamente e sem pedir recompensa” (DAp, 517c). A grandeza desta Igreja está no seu compromisso com a vida, na ação firme, permanente e militante, alimentada nas raízes espirituais de Jesus de Nazaré e das comunidades cristãs primitivas. Com o olhar da fé e a prática da caridade, podemos acreditar que é possível uma sociedade sem excluídos, onde todos, a começar com os pobres, tenham acesso ao trabalho, alimentação, moradia, saúde, educação, lazer e a todos os bens necessários a uma vida digna. Também em nossa Arquidiocese queremos ser uma Igreja samaritana, da compaixão e da solidariedade. Para ser a Igreja que Deus quer, “fixamos nosso olhar nos rostos dos novos excluídos” presentes no território de nossa Igreja: migrantes, vítimas da violência, deslocados e refugiados, vítimas de sequestros, enfermos de HIV e de doenças endêmicas, tóxico-dependentes, idosos desamparados, meninos e meninas que são vítimas da prostituição e

da pornografia e do trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, desempregados, excluídos pelo analfabetismo tecnológico, moradores das ruas de nossas cidades, povos indígenas e afro-americanos, agricultores sem terra (DAp, 402). “Não podemos esquecer que a maior pobreza é a de não reconhecer a presença do mistério de Deus e de seu amor na vida do ser humano” (DAp, 405). Se a maior miséria física de alguém é morrer de fome, a maior miséria espiritual de um povo é deixar morrer de fome.

Conclusão

273. Ao sonhar com todas essas características, nunca podemos esquecer que a Igreja deve estar sempre voltada para fora. Como São Paulo ela também pode exclamar: “Ai de mim se eu não anunciar o evangelho! (1 Cor 9,16). O papa Paulo VI, na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, disse: “A tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja; tarefa e missão, que as amplas e profundas mudanças da sociedade atual tornam ainda mais urgentes. Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar” (EN, 14). Na exortação apostólica *Verbum Domini* sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja, o papa Bento XVI escreve: “O que a Igreja anuncia ao mundo é o Logos da esperança; o homem precisa da grande Esperança para poder viver o seu próprio presente, a grande esperança que é aquele Deus que possui um rosto humano e que nos amou até o fim” (VD, 91).
274. Na encíclica *Redemptoris Missio* sobre a missão da Igreja hoje, o papa João Paulo II esclareceu que há três situações distintas no campo da evangelização: 1) a missão ad gentes junto aos povos, grupos humanos, contextos sócio-culturais onde Cristo e o seu Evangelho não é conhecido; 2) o cuidado pastoral junto às comunidades cristãs que possuem sólidas e adequadas estruturas eclesiais; 3) a nova evangelização junto aos grupos inteiros de batizados que perderam o sentido vivo da fé, não se reconhecem como membros da Igreja e conduzem a vida distante de Cristo e do Evangelho (RMi, 33). Preservadas as devidas proporções, em nossa Arquidiocese é preciso dar atenção a todas essas três situações. Pois não há limite na obra da evangelização.

275.O objetivo da Igreja é a evangelização. Por isso ela deve estar sempre voltada para fora, interessada em sua presença no mundo, como fermento na massa, sal na comida, semente na terra, luz no ambiente. Voltada para fora, ela está inserida no mundo, na realidade sócio-política, religioso-cultural, econômico-ecológica etc., nos mais diversos campos da atividade humana, nos mais diversos areópagos modernos – da educação e da comunicação, da política e da justiça, da economia e da ecologia, da juventude e da mulher, dos movimentos pela paz etc. – e, de dentro do mundo, ela anuncia e começa a realizar o Reino de Deus. No anúncio alegre e messiânico do Reino de Deus, ela deve enfrentar, decidida e profeticamente, a denúncia das estruturas idolátricas do anti-reino, o conflito com instituições e atitudes humanas que impedem a realização do Reino, que desumanizam os corações e as relações entre as pessoas e povos.

II. OS CRITÉRIOS DA MISSÃO

276.O conhecimento de nossa situação social e eclesio-pastoral e de nossas forças e oportunidades, fraquezas e ameaças, bem como o desejo de realizar entre nós a Igreja que Deus quer, nos levam à pergunta: Diante dessa realidade, onde precisamos estar? Qual é a nossa missão? O que nos cabe fazer, como discípulos missionários de Jesus Cristo, testemunhas do Reino de Deus, agentes de pastoral de uma Igreja comunidade missionária?

277.Antes de partir para compromissos de ação que venham a interferir na transformação da realidade, de modo a colaborar para que o nosso mundo se torne cada vez mais semelhante ao projeto do Reino de Deus, é preciso que tenhamos clara nossa consciência de evangelizadores. Na caminhada de nosso planejamento pastoral, achou-se por bem que essa consciência deve considerar os três serviços e os três âmbitos da missão, as quatro exigências da evangelização inculturada e, por fim, as cinco urgências da ação evangelizadora.

1. Os três múnus (serviços)

278. Antes de partir para o céu, Jesus de Nazaré despediu-se de seus discípulos com o mandato missionário: “ide e fazei discípulos...; batizai-os...; ensinai-lhes a observar...” (Mt 28,19-20). Encontra-se aí o fundamento bíblico para a tríplice missão da Igreja e de cada discípulo missionário, fundada no ministério de Cristo: rei, sacerdote e profeta.
279. “Ide e fazei discípulos”: é o ministério pastoral da Caridade, o ministério do Cristo-Rei assumido por seu seguidor, que também é rei-pastor, guia, animador, para reger e governar a comunidade e o mundo, com o intuito de fazer acontecer o Reino de Deus. “Batizai-os”: é o ministério da Liturgia, o ministério do Cristo-Sacerdote assumido por seu seguidor, que é também sacerdote, para realizar a obra da santificação do mundo, pela celebração dos sacramentos e do culto divino. “Ensinai-lhes a observar”: é o ministério da Palavra, o ministério do Cristo-Profeta assumido por seu seguidor, que também é profeta, para proferir a palavra julgadora e salvífica de Deus a todas as pessoas e em todos os ambientes.
280. Vivemos uma mudança de época, que afeta o anúncio e a prática dos valores humanos e espirituais apresentados no Evangelho. Diante dos grandes desafios da realidade precisamos ter como horizonte o Evangelho, apresentado e vivido por Jesus Cristo, na esperança de um novo céu e uma nova terra (Ap 21,1). Nesse contexto, a vida e a missão do discípulo missionário de Jesus Cristo consistem no exercício do tríplice múnus, recebido no batismo: o ministério da Palavra, o ministério da Liturgia e o ministério da Caridade. Desta forma daremos maior visibilidade à ação de Cristo que, através de nós, continua a anunciar e realizar o Reino de Deus-Pai.

1.1 O múnus da Palavra

281. A Arquidiocese de Florianópolis deve assumir o ministério da Palavra como animação de toda ação pastoral, evangelizadora e missionária, em todos os âmbitos pastorais, como força de irradiação do anúncio de Jesus Cristo. As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil propõem: “A proclamação da Palavra de Deus pela Igreja é decisiva para a fé do cristão, já que ela possibilita o acolhimento livre do anúncio salvífico da pessoa de

Cristo” (DBAEIB, 2011-2015, 129a). Sem o anúncio e a prática da Palavra, não há futuro para o cristianismo. A Palavra é universal, é dirigida a todos. Como a semente da parábola, ela se dispõe a cair em qualquer terreno. É preciso anunciar o Evangelho, oportuna e inoportunamente. A dificuldade de transmitir a fé às novas gerações tem-se tornado comum em nossa Igreja diocesana. Muitos pais são verdadeiros catequistas e educadores de seus filhos. Mas, de um modo geral, percebe-se que se está rompendo o elo da transmissão da fé. São muitíssimos os pais que não conseguem mais, não sabem ou, mesmo, não querem transmitir a fé a seus filhos. É urgente fazer da Palavra o meio essencial da evangelização e da catequese, a fim de que os católicos experimentem que a pertença à Igreja não se dá por costume e tradição, mas pela assunção interior da fé e pela experiência pessoal do encontro com Cristo.

282. A Palavra, proclamada na liturgia, é o próprio Cristo, como nos ensina o Concílio Vaticano II (SC, 7). Por isso, a Palavra proclamada na liturgia é a primeira e fundamental escola da fé. No múnus da Palavra, é preciso ainda: a) assumir a evangelização da juventude e da família; b) qualificar agentes e liberar recursos financeiros para a pastoral da comunicação; c) valorizar a leitura orante da Bíblia; d) acompanhar os Grupos Bíblicos em Família e incentivar a criação de muitos deles em todos os ambientes de nossas paróquias; e) incentivar o uso da Palavra na catequese, sobretudo na catequese com adultos, na iniciação à vida cristã e na formação bíblica e teológica das lideranças eclesiais; f) valorizar a Palavra como meio de união entre as igrejas cristãs, pois o ecumenismo é essencial à evangelização. Na sua carta para o início do novo milênio, o papa João Paulo II ensinou-nos que “alimentar-nos da Palavra para sermos servos da Palavra no trabalho da evangelização é, sem dúvida, uma prioridade da Igreja no início do novo milênio” (NMI, 40).

1.2 O múnus da liturgia

283. A Arquidiocese de Florianópolis deve assumir o ministério da Liturgia como o cartão de visita, o momento mais visível da comunidade eclesial. A liturgia é o sinal de comunhão de todos ao redor da Palavra e dos sacramentos de nossa fé. A liturgia, celebrada no espírito e segundo as orientações da Igreja, é a fonte e o ápice da vida da Igreja (SC, 10). As

Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil nos dizem que, na liturgia, “o discípulo realiza o mais íntimo encontro com seu Senhor e, dela, recebe a motivação e a força máximas para sua missão na Igreja e no mundo” (DBAEIB, 2011-2015, 129b). Sem a liturgia, sobretudo, sem a celebração da Eucaristia, não há comunhão. É frequente entre muitos católicos a omissão diante da liturgia. A grande maioria só recebe os sacramentos em momentos especiais da vida. Há a necessidade de formação dos membros das equipes litúrgicas, a fim de que as celebrações sejam acolhedoras e atraentes.

284. No ministério da Liturgia é preciso: a) oferecer catequese sobre a vida sacramental e a importância da eucaristia dominical; b) criar meios para uma verdadeira pastoral do domingo, a fim de que os fiéis sintam o prazer de participar da vida paroquial e comunitária; c) oferecer celebrações litúrgicas que respeitem a santidade e a sobriedade do mistério; d) oferecer e divulgar mais horários de celebrações da Eucaristia ou da Palavra, dos demais sacramentos, de recitação dos salmos, de visita e de adoração ao Santíssimo Sacramento; e) acolher com atenção e discernimento a religiosidade popular.

1.3 O múnus da caridade

285. Em nossa Arquidiocese o campo da Caridade é imenso. As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil nos ensinam que “o amor cristão tem duas faces inseparáveis: faz brotar e crescer a comunhão fraterna entre os que acolheram a Palavra do Evangelho e leva ao serviço a todos, particularmente aos mais pobres” (DBAEIB, 2011-2015, 129c). Quanto à comunhão eclesial entre os membros das comunidades, é necessário valorizar a participação de todos através da diversificação dos ministérios e solidificar a Pastoral do Dízimo, com o objetivo não apenas de angariar fundos, mas como caminho de conversão pessoal, de partilha comunitária e de rejeição da idolatria do deus-dinheiro. Quanto ao serviço em favor dos pobres, é significativo reconhecer que o crescimento demográfico faz aumentar o número de pobres que, nas periferias de nossas cidades, carecem de atenção e solidariedade. É preciso lembrar sempre que o Evangelho foi dirigido aos pobres. “*O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa-Nova aos pobres*”, disse Jesus (Lc 4,18).

2. Os três âmbitos da missão

286. A vivência do tríplice múnus de Cristo e da Igreja se dá nos âmbitos da pessoa, da comunidade e da sociedade, que também deverão ser considerados em toda a ação pastoral e evangelizadora de nossa Arquidiocese. Esses âmbitos “constituem tanto o espaço como as realidades em que o Evangelho precisa ser encarnado; pessoas evangelizadas, ao se fazerem dom, transbordam na comunidade, que, por sua vez, como comunidade eclesial, existe para o serviço de Deus na sociedade” (DBAEIB, 2011-2015, 130).

2.1 Âmbito da pessoa

287. Nossa ação pastoral e evangelizadora quer promover a dignidade de toda pessoa, ajudando-a a construir sua autonomia pessoal e sua liberdade autêntica no meio de uma sociedade materialista e consumista que desintegra as identidades pessoais. O núcleo do anúncio evangélico é a revelação de que todo ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus, foi redimido na morte e ressurreição de Cristo, é chamado a viver a filiação divina e a fraternidade universal. Nesse sentido, nenhum ser humano pode ficar fora de nossa prática evangelizadora.

2.2 Âmbito da comunidade

288. Para enfrentar o enfraquecimento da família e a diluição da vida comunitária, queremos renovar nossas comunidades. A vida fraterna no seio da comunidade eclesial deve ser sinal de solidariedade e exercer fascínio sobre as pessoas. Faz parte da mensagem evangélica o chamado e a prática da fraternidade. O Concílio Vaticano II, na constituição *Lumen Gentium* sobre a Igreja, nos ensina: “É uno o povo eleito de Deus: ‘um só Senhor, uma só fé, um só batismo (Ef 4,5); comum é a dignidade dos membros pela sua regeneração em Cristo, comum a graça de filhos, comum a vocação à perfeição; uma só a salvação, uma só a esperança e a unidade sem divisão” (LG, 32). Em nossa ação pastoral e evangelizadora queremos que nossas comunidades sejam testemunho dessa unidade da Igreja, que é sacramento e instrumento do Reino de Deus.

2.3 Âmbito da sociedade

289. Diante do escândalo de uma sociedade de exclusão e violência, queremos que nossa ação pastoral e evangelizadora colabore com a transformação da sociedade, a fim de que prevaleçam entre nós o amor, a justiça e a solidariedade. Tendo sempre a opção pelos pobres como critério máximo de sua presença no mundo e de sua ação social, a Igreja quer ser fiel ao exemplo dos profetas bíblicos e ao seguimento de Jesus de Nazaré e tem sempre diante de si o desafio de fazer com que nossa sociedade seja sinal do Reino definitivo.

3. As quatro exigências da evangelização inculturada

290. A evangelização é uma realidade complexa, que inclui exigências irrenunciáveis. Desde os tempos das primeiras comunidades cristãs destacam-se quatro exigências: serviço, diálogo, querigma e testemunho da comunhão. Em nossa Arquidiocese, queremos que também essas exigências estejam sempre presentes, de forma integrada, na ação pastoral, evangelizadora e missionária.

3.1 Exigência do serviço

291. Evangelizar é servir. Não há evangelização sem serviço. Como discípulos missionários de Jesus Cristo queremos participar na transformação da sociedade pelo bem dos pobres, queremos inserir-nos na sociedade humana para empenhar-nos na luta pela justiça e a libertação integral, a partir da evangélica opção pelos pobres. Nossa evangelização deve atuar na busca de reformas das estruturas que geram exclusão e na formação da consciência moral de nossos fiéis e da ênfase em nossa responsabilidade social.

3.2 Exigência do diálogo

292. Evangelizar é dialogar. Há diversos interlocutores para o diálogo em nossa obra evangelizadora. Há o diálogo com as outras religiões, na certeza de que o Espírito Santo opera também nelas e nas diversas culturas humanas. No caso do Brasil e também de nossa Arquidiocese, é importante o diálogo com as culturas indígenas e afro-brasileiras. Há o diálogo ecumênico com as igrejas cristãs, com as quais buscamos caminhos comuns que nos conduzem à unidade

querida por Jesus. Há também o diálogo com a cultura moderna e com os setores de nossa sociedade que a representam (imprensa, universidade, política etc.). Todos esses interlocutores estão presentes em nossa Arquidiocese e não podem ser excluídos do caminho do diálogo, sob pena de não sermos fiéis às propostas da Igreja para a nova evangelização.

3.3 Exigência do anúncio

293. Evangelizar é anunciar. O anúncio de Jesus Cristo e de seu Evangelho, centrado na mensagem do Reino de Deus, é o núcleo e o ápice da evangelização. O anúncio, que é missão de todos os fiéis, deve ser feito no contexto do diálogo com a cultura dos destinatários. Também aqui os interlocutores são muitos. Há o grande número de católicos não praticantes ou afastados. Há o número crescente dos que não aderem publicamente a nenhuma religião. Há o imenso número de pessoas, sobretudo, na África e na Ásia, que não conhecem Jesus Cristo. Nosso olhar e coração devem voltar-se para todos.

3.4 Exigência do testemunho de comunhão

294. Evangelizar é viver e testemunhar a comunhão. A evangelização gera a fé e constrói um itinerário de amadurecimento do “homem novo” em Cristo. A evangelização cria a comunhão entre os fiéis e entre as comunidades cristãs. É importante oferecer aos jovens e aos adultos um itinerário de crescimento na fé que os ajude a perceber a importância da vida comunitária. Essa tarefa exige que nossas comunidades eclesiais sejam acolhedoras e ajudem as pessoas a integrar fé e vida. Entre outras atitudes, na vida de comunhão é preciso reconhecer cada pessoa na sua subjetividade, favorecer a acolhida e a participação de todos, reconhecer e qualificar os carismas de todos em vista do bem comum, valorizar as diversas dimensões da vida humana pessoal e familiar.

4. As cinco urgências de nossa ação evangelizadora

295. Como Igreja Arquidiocesana assumimos as cinco urgências das atuais Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil para o período 2011-2015. Estas urgências são uma chamada de atenção para encontrarmos os melhores caminhos frente à nossa realidade. Tais urgências dizem respeito à

busca de propostas para a transmissão e a sedimentação da fé, neste tempo de mudança de época e de profundas transformações.

296. Estas urgências são:

1. A Igreja em estado permanente de missão.
2. Igreja: casa da iniciação à vida cristã.
3. Igreja: lugar de animação bíblica da vida e da pastoral.
4. Igreja: comunidade de comunidades.
5. Igreja a serviço da vida plena para todos.

297. As urgências que vamos assumir são como um termômetro. Pautadas pelo anúncio da Palavra de Deus, pela celebração da Liturgia e pelo serviço da Caridade, nos provocam a consciência de seguidores de Cristo, nos fortalecem na graça do batismo e nos impulsionam à missão evangelizadora.

1ª urgência: Igreja em estado permanente de missão

298. Com Jesus Cristo, o missionário do Pai, a Igreja nasceu com a marca da missionariedade. Em toda a sua história, a Igreja sempre teve o caráter missionário. Na história de nossa Arquidiocese, desde os primórdios, a preocupação com o anúncio de Jesus Cristo, através da catequese, pregações, missões populares, celebrações, ajuda aos mais carentes, sempre atraiu muitos para o serviço do Reino de Deus.

299. Como São Paulo, podemos hoje dizer: *“ai de mim se eu não anunciar o Evangelho”* (1Cor 9,16). “Estamos num tempo de urgente saída em todas as direções para proclamar que o mal e a morte não têm a última palavra” (DAp, 548). “Somos convocados a sair ao encontro das pessoas, das famílias, da juventude, das comunidades para lhes comunicar e compartilhar o dom do encontro com Cristo” (DAp, 548).

300. Ao levar a Boa Nova, a Igreja precisa ouvir as interrogações do nosso tempo, para poder dar respostas fundamentadas na própria Palavra de Deus. Nunca haverá evangelização e nem missão concreta, se a palavra não for proclamada, se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não foram anunciados. São Paulo nos dá seu testemunho: *“Fiz questão de anunciar o Evangelho onde o nome de Cristo ainda não havia sido anunciado”* (Rm 15,20).

301. As nossas instituições e tradições, hoje, são questionadas. Por isso, o que torna visível o anúncio de Jesus Cristo é somente a força do testemunho pessoal e comunitário. É preciso dar a tudo o que se faz um sentido missionário, pois, como batizados, Cristo nos convoca para a missão. Fazer o que Jesus fez por palavras e ações é concretizar o maior mandamento: amem-se uns aos outros, assim como eu amei vocês. Não existe amor maior do que dar a vida pelos amigos (Jo 15,12-13).
302. Vivemos este amor-doação quando formos capazes de perceber e reconhecer grupos humanos e categorias sociais que merecem atenção: doentes, prostitutas, menores abandonados, drogados, violentados, encarcerados, sem teto, sem terra... Estes precisam de acolhimento, visitação, fraternidade, com atitudes práticas de nossa Igreja. “São as ameaças da vida, frutos de uma cultura de morte, que questionam os discípulos missionários a anunciarem, principalmente através do testemunho, a beleza do Reino de Deus, que   vida, paz, concórdia, reconciliação” (Gl 5,22s) (DGAEIB, 2011-2015, 32).
303. Jesus se encarnou e assumiu a vida e a cultura de seu povo. Precisamos impregnar, através do Evangelho, a cultura moderna. Todos os seres humanos estão profundamente ligados a uma cultura. O papa Paulo VI nos ensinou na *Evangelii Nuntiandi* que a ruptura entre o Evangelho e a cultura   o drama de nossa época (EN, 20). A cultura atual está determinada pelo que ditam os meios de comunicação. A Boa Nova proclamada precisa enraizar-se nesta cultura moderna, para que germine e cresça e sobressaia a cultura da vida.
304. “A Igreja   indispensavelmente missionária. Existe para anunciar, por gestos e palavras, a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo. Fechar-se   dimensão missionária implica fechar-se ao Espírito Santo, sempre presente, atuante, impulsionador e defensor (Jo 14,16; Mt 10,19-20). Em toda a sua história, a Igreja nunca deixou de ser missionária” (DGAEIB, 2011-2015, 30).

2  urgência: Igreja, casa da iniciação à vida cristã

305. O documento de Aparecida nos apresenta uma grande preocupação frente a tantos cristãos batizados, mas pouco evangelizados. “Temos altas porcentagens de católicos sem a consciência de sua missão de ser sal e fermento no mundo, com identidade cristã fraca e vulnerável” (DAp, 286).

306. E diz mais: “Ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para segui-lo, ou não cumprimos nossa missão evangelizadora” (DAp, 287).
307. Se a Igreja é a casa da iniciação à vida cristã, ela precisa preocupar-se para que haja um entendimento e conhecimento de forma conjunta sobre o processo da educação da fé, como algo permanente, gradativo, sistemático e comunitário. A iniciação à vida cristã não pode ser uma catequese ocasional, em vista apenas dos sacramentos, mas implica em um itinerário de fé permanente.
308. Para isto, necessita-se cultivar a amizade com Cristo na oração, no amor à Palavra de Deus, no apreço pela celebração litúrgica, na experiência comunitária, no compromisso apostólico mediante um permanente serviço aos demais (DAp, 299). Em resumo, a vivência da fé supõe o múnus da Palavra, da Liturgia e da Caridade.
309. É a comunidade o espaço do testemunho, vivência e celebração da fé. A exemplo das primeiras comunidades, onde “a multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma” (At 4, 32), a primeira atitude a ser tomada com todos os que pediam para fazer um caminho de fé era a acolhida. Esta é o primeiro sinal da presença de Cristo, seja para adultos, ou para jovens e crianças.
310. A mensagem cristã só frutificará, se o terreno a que se destina for verdadeiramente humano. Jesus pedia aos seus interlocutores a fé: “*Jesus disse: Mulher, é grande a sua fé*” (Mt 15, 28), mas Ele, em contato com o povo, acolhia as pessoas de forma incondicional.
311. Importante no processo de iniciação à vida cristã é o atendimento personalizado. Possibilita, desta forma, valorizar e respeitar a liberdade de cada um e sua experiência de vida, para dar espaço ao encontro com Jesus Cristo, através de sua Palavra.
312. A iniciação à vida cristã, entendida em nossa Arquidiocese, assume o caminho de inspiração catecumenal. No catecumenato, a pessoa passa por quatro tempos (pré-catecumenato, catecumenato, iluminação e purificação e mistagogia). Cada tempo finaliza com uma etapa (celebração) que são: rito de Admissão (entrada); rito de Eleição (preparação aos sacramentos); rito da celebração dos sacramentos (Batismo, Eucaristia e Crisma). O catecumenato antigo preocupava-se sobretudo com os adultos.

313. Para que aconteça uma verdadeira Iniciação à Vida Cristã é preciso o envolvimento de toda a comunidade. “Isto requer novas atitudes pastorais por parte dos bispos, presbíteros, diáconos, pessoas consagradas e agentes de Pastoral, movimentos, organismos, serviços” (DAp, 291). Precisa ser uma prioridade a formação de todas as forças vivas, para tornar a evangelização mais efetiva, frutuosa e integrada num “projeto orgânico de formação”. A formação não se reduz a cursos, mas integra uma vivência comunitária, participação nos encontros oferecidos pela Arquidiocese, comarcas e paróquias, participação nas celebrações, interação com os meios de comunicação (sites, rádios, TV, jornais...) e inserção nas diferentes atividades da Arquidiocese.
314. Esta é a razão pela qual cresce o incentivo à Iniciação à vida cristã, “grande desafio que questiona a fundo a maneira como estamos educando na fé e como estamos alimentando a experiência cristã”. Trata-se, portanto, de “desenvolver, em nossas comunidades, um processo de iniciação à vida cristã que conduza a um encontro pessoal, cada vez maior, com Jesus Cristo” atitude que deve ser assumida em todo o continente latino-americano e, portanto, também no Brasil. Este é um dos mais urgentes sentidos do termo *missão* em nossos dias. É o desafio de anunciar Jesus Cristo, recomeçando a partir dele, sem “dar nada como pressuposto ou descontado”. É preciso ajudar as pessoas a conhecer Jesus Cristo, fascinar-se por Ele e optar por segui-lo. (DGAE, 2011-2015, 40).

3ª urgência: Igreja, lugar de animação bíblica da vida e da pastoral

315. Como a Palavra é fonte da evangelização para os nossos dias, ela passa a ser uma urgência em nossa Igreja. A animação bíblica da vida e da pastoral necessita ser uma preocupação constante para que o discípulo missionário possa redescobrir o contato pessoal e comunitário com a Palavra de Deus como o lugar privilegiado de encontro com Jesus Cristo.
316. A Mensagem do Sínodo sobre “A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja” nos propõe uma viagem espiritual em quatro etapas:

a) A Voz da Palavra: a revelação

317. “O Senhor falou-vos do meio do fogo: vós ouvistes o som das palavras, mas não vistes qualquer figura. Era somente uma voz” (Dt 4,12). “As Sagradas Escrituras são o “testemunho” de forma escrita da palavra divina, são o

memorial canônico, histórico e literário que testifica o acontecimento da Revelação criadora e salvadora. Portanto, a Palavra de Deus precede e excede a Bíblia, que, contudo, é “inspirada por Deus” e contém a palavra divina eficaz (2 Tm 3,16). Por isso, nossa fé não tem no centro um livro, mas uma história de salvação e, como veremos, uma pessoa, Jesus Cristo, Palavra de Deus que se fez carne, homem, história. Precisamente porque o horizonte da palavra divina abrange e se estende para além da Sagrada Escritura, é necessária a presença constante do Espírito Santo, que “orienta para toda a verdade” (Jo 6,13) aquele que lê a Bíblia” (Declaração final do Sínodo sobre a palavra de Deus, 3).

b) O rosto da Palavra: Jesus Cristo

318. “A Palavra se fez carne” (Jo 1,14). “Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos pais pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do Filho” (Hb 1,1-2). A Palavra eterna e divina entra no espaço e no tempo, assumindo um rosto e uma identidade humana, a tal ponto que é possível dela aproximar-se diretamente e pedir, como fez aquele grupo de gregos presentes em Jerusalém: ‘Queremos ver Jesus’ (Jo 12, 20-21).

c) A casa da Palavra: a Igreja

319. Apresenta a Igreja fundamentada pelas quatro colunas segundo At 2,42: a) Eram perseverantes no ensinamento dos Apóstolos: “O anúncio, a catequese e a homilia supõem uma leitura e uma compreensão, uma explicação e uma interpretação, um compromisso da mente e coração”. (Declaração final do Sínodo sobre a palavra de Deus, 7). b) Fração do Pão: “Este é o momento do diálogo íntimo de Deus com o seu povo, é o ato da nova aliança selada no sangue de Deus (Lc 22,20), é a obra suprema do Verbo que se oferece como alimento em seu corpo imolado, é a fonte e o ápice da vida e da missão da Igreja” (Declaração final do Sínodo sobre a palavra de Deus, 8). c) Oração: Liturgia das Horas e Leitura Orante. d) Comunhão Fraterna: Ouvir a Palavra e colocá-la em prática.

d) Os caminhos da Palavra: a Missão

320. “Ide fazei discípulos...”. Para isso, é preciso fazer ressoar a voz da Palavra através da imprensa, TV, rádio, internet, CDs, DVDs, etc. A Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini* nos “convidou a um esforço pastoral

particular para que a Palavra de Deus apareça em lugar central na vida da Igreja, recomendando que se incremente a pastoral bíblica, não em justaposição com outras formas da pastoral, mas como animação bíblica da pastoral inteira” (VD, 73).

4ª urgência: Igreja, comunidade de comunidades

321. “A vida em comunidade é essencial à vocação cristã. O discipulado e a missão sempre supõem a pertença a uma comunidade. Deus não quis salvar-nos isoladamente, mas formando um povo. Este é um aspecto que distingue a experiência da vocação cristã de um simples sentimento religioso individual. Por isso, a experiência de fé é sempre vivida em uma Igreja Particular” (DAP, 164).
322. “Jesus está presente em meio a uma comunidade viva na fé e no amor fraterno. Aí Ele cumpre sua promessa: ‘Onde estão dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles’ (Mt 18,20). Ele está em todos os discípulos que procuram fazer sua a existência de Jesus, e viver sua própria vida escondida na vida de Cristo (Cl 3,3). Eles experimentam a força da ressurreição de Cristo até se identificar com Ele: ‘Já não sou eu, mas é Cristo que vive em mim’” (Gl 2, 20) (DAP, 256).
323. “Seguindo o exemplo da primeira comunidade cristã (At 2,46-47), a comunidade paroquial se reúne para partir o pão da Palavra e da Eucaristia e perseverar na catequese, na vida sacramental e na prática da caridade” (DAP, 175).
324. A Igreja-comunhão se constrói como rede de comunidades, onde haja uma integração entre todos, formando um corpo articulado. Para acontecer a renovação da Igreja será necessário renovar a formação do clero e dos agentes de pastoral, bem como rever as estruturas pastorais. “A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de conservação para uma pastoral decididamente missionária” (DAP, 370), favorecendo o encontro com Jesus Cristo, mediante diversos métodos da evangelização que se transformam em comunidade de comunidades evangelizadas e missionárias.
325. Em nossa Arquidiocese, é urgente: 1) “Repensar” a paróquia: pois não responde mais às exigências fundamentais da experiência humana de vida comunitária. Tecer uma Igreja como rede de pequenas comunidades,

procurando superar a massificação e o emocionalismo dos encontros religiosos e da piedade popular. Revitalizar e expandir as Comunidades Eclesiais de Base, os Grupos Bíblicos em Família, favorecendo o mútuo conhecimento, o convívio fraterno e solidário; 2) *“Setorizar” as paróquias em pequenas comunidades*: A sensibilidade pastoral deve investir em pequenas comunidades com laços de vizinhança, amizade, grupos de convivência... Desenvolver atitudes de respeito, diálogo e iniciativas de cooperação com outras igrejas/religiões existentes em nossas cidades. Para isso, muito ajudam os Grupos Bíblicos em Família e as comunidades eclesiais de base.

326. É preciso vivermos na comunidade o serviço à vida, ser voz profética e testemunho de justiça, paz, fraternidade e solidariedade, para anunciar Jesus Cristo como “caminho, verdade e vida” (Jo 14,6), numa sociedade injusta e excludente.
327. É preciso fortalecer os trabalhos nas bases, nos três âmbitos da evangelização, que orientam a ação pastoral em “um único processo”: *ser pessoa que vive na comunidade e a partir daí formar uma sociedade justa e solidária*.
328. O Documento de Aparecida nos lembra que “entre as comunidades eclesiais, nas quais vivem e se formam os discípulos e missionários de Jesus Cristo, sobressaem as Paróquias. São células vivas da Igreja e o lugar privilegiado no qual a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e a comunhão eclesial. São chamadas a ser casa e escola de comunhão” (DAP, 170).
329. “O discípulo missionário de Jesus Cristo faz parte do Povo de Deus (1Pd 2,9-10; LG, 9) e necessariamente vive sua fé em comunidade. ‘A dimensão comunitária é intrínseca ao mistério e à realidade da Igreja, que deve refletir a Santíssima Trindade’. Sem vida em comunidade, não há como efetivamente viver a proposta cristã, isto é, o Reino de Deus” (DGAEIB, 2011-2015, 56).

5ª urgência: Igreja a serviço da vida plena para todos

330. A Vida é dom de Deus. Jesus Cristo veio ao mundo para nos trazer vida em abundância. “Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Assumindo a dimensão comunitária, intrínseca ao mistério da

Santíssima Trindade, o discípulo missionário é chamado a ser um servidor da vida, da sua e de todo ser humano (DAP, 304).

331. A renovação das estruturas se dá através de uma grande retomada missionária que sustente a identidade do ser cristão e o alcance social, possibilitando o conhecimento da Doutrina Social da Igreja para toda a comunidade eclesial. Não se pode aceitar que o irmão sofra e passe necessidade, por isto a importância de uma caridade organizada. Há necessidade de unir as duas mesas: a mesa do Pão Eucarístico e a mesa do pão de cada dia (Mt 25,35-36.40).
332. A raiz da nossa vivência comunitária é a experiência de Deus, na vida e na história (At 4,32-35). Para isso, precisamos ser cristãos autênticos no seguimento de Jesus, para identificar quem são os que mais precisam, hoje, da presença solidária, acolhedora e amorosa da Igreja e viver com eles as bem-aventuranças do Reino (Mt 5,1-12). Vivemos a compaixão e a fidelidade a Cristo, que neles se revela e aí manifesta o Espírito da Verdade e da Justiça. Essa espiritualidade enraizada na vida em comunidade sustenta a “razão da nossa esperança” (1Pd 3,1-21). A Igreja deve tornar-se esse espaço que recria a vida, acalenta os sonhos e anuncia profeticamente a defesa da vida.
333. Unimos a mesa da Palavra com a mesa da Eucaristia, mas temos dificuldade em unir a mesa lá de casa com a mesa Eucarística dos rostos dos pobres e excluídos. É preciso recuperar a presença pública da Igreja nas políticas públicas em favor da vida humana e de toda a criação “Deus criou tudo... e viu que tudo era muito bom! (Gn 1,31); nas lutas a favor de melhorias na saúde, educação, transporte, etc. com os projetos sociais e organizações populares que favorecem o bem comum para todas as pessoas: “Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40).
334. Precisamos viver em comunhão nos diversos meios de evangelização, para favorecer às pessoas o encontro com Jesus Cristo, através da liturgia, dos Grupos Bíblicos em Família, da catequese, e nos diversos serviços de evangelização no Reino de Deus.
335. É preciso mudar a rota, deixarmos ser orientados pela Palavra de Deus para sermos a luz de Cristo neste mundo tão desigual. É a Palavra que orienta o caminho, que provoca em nós atitudes de mudança, que nos chama à conversão diante da realidade que nos interpela. “Ai de mim, se eu não evangelizar!” (1Cor 9,16).

336. A Igreja é mediação e deve estar a serviço da vida plena para todos. “Jesus Cristo é a plenitude que eleva a condição humana à condição divina para a sua glória: ‘Eu vim para dar vida aos homens e para que a tenham em plenitude’” (Jo 10,10)(DAP, 355). “O projeto de Jesus é instaurar o Reino do seu Pai” (DAP, 361). Trata-se do Reino da vida, e esse Reino da vida que Cristo veio trazer é incompatível com todas as situações desumanas.
337. Nessa mesma perspectiva, as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil afirmam que a vida é dom de Deus e que o Evangelho da vida está no centro da mensagem de Jesus Cristo e nos mostra que a Palavra de Deus ilumina o compromisso com a rede de comunidades e faz pulsar a vida do Espírito nas artérias da Igreja em meio ao mundo e que é através da promoção da cultura da vida que os discípulos missionários de Jesus Cristo testemunham verdadeiramente sua fé (DGAEIB, 2011-2015, 65-68).

Conclusão

338. Este olhar eclesiológico-pastoral sobre nossa concepção de Igreja e nossa proposta de ação pastoral, missionária e evangelizadora deve nos acompanhar em todas as nossas ações. Buscar a Igreja que Deus quer e estar atentos aos critérios de ação devem tomar conta de nosso espírito, motivar-nos e entusiasmar-nos para a missão.
339. Este olhar sobre a Igreja e sobre a ação pastoral deve iluminar a realidade social e pastoral, que vimos no capítulo anterior “ver”, a fim de que, na luz da Palavra de Deus, revelada na Escritura e na Tradição da Igreja, interpretada pelo Magistério e vivida pelo *Sensus Fidei*, possamos encontrar os melhores caminhos para nossa obra de evangelização.
340. Com nossa ação pastoral, evangelizadora e missionária queremos atingir e transformar a realidade, a fim de que ela se torne sinal e caminho do Reino de Deus. Com Paulo VI queremos “chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação” (EN, 19).

III. OBJETIVO GERAL

341. Na primeira parte do planejamento pastoral, apresentamos o rosto de nossa Arquidiocese, através dos diagnósticos social e eclesial-pastoral - “ver”. Os dados apresentados nos ajudam a entender melhor o contexto em que vivemos e anunciamos o Evangelho, mas não esgotam a complexidade da realidade.
342. Em relação ao “ver” devemos levar em consideração dois fatores importantes: primeiro, que a metodologia usada para as pesquisas está sujeita a uma margem de erro. Segundo, que a realidade é dinâmica, está em contínua mudança, e as pesquisas foram realizadas durante os anos de 2010 e 2011, ou seja, os resultados apresentados já não correspondem tanto à realidade atual.
343. Na segunda parte, procuramos apresentar o rosto da Igreja que Deus quer – “julgar”. Inspirados na Palavra de Deus, no Concílio Vaticano II, no Documento de Aparecida e nas atuais Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, traçamos algumas características que apontam o ideal que devemos buscar, ou a Igreja que Deus quer.
344. Agora chegou a hora de definir o objetivo geral para nossa ação evangelizadora. Ele é o resultado do confronto entre o ver e o julgar, e ajuda a apontar o caminho que devemos percorrer. “Quem não sabe aonde vai, nunca chegará”.
345. O objetivo geral é o elemento integrador de todas as atividades a serem desenvolvidas na Arquidiocese, pelas paróquias, comunidades, pastorais, movimentos, serviços, organismos; sinaliza a nossa utopia, nossos sonhos, o fim último de nossa ação; compromete-nos com o aqui e agora, em vista do ideal a ser alcançado; expressa nossa missão e relaciona a realidade com o ideal desejado, é a expressão do resultado que se quer alcançar, por meio do plano de pastoral.
346. Em comunhão com a Igreja no Brasil, e em Santa Catarina, a Arquidiocese de Florianópolis propõe-se a assumir em seu Plano de Pastoral o objetivo aprovado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil:

347. EVANGELIZAR,

a partir de Jesus Cristo e na força do Espírito Santo,
como Igreja discípula, missionária e profética,
alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia,
à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres,
para que todos tenham vida,
rumo ao Reino definitivo (Jo 10,10)

1. Explicitação do objetivo geral

348. **Evangelizar:** A Igreja nasce da ação evangelizadora de Jesus Cristo e dos doze e é enviada por Jesus com a missão de evangelizar. Ela “existe para anunciar, por gestos e palavras, a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo” (DGAEIB, 2011-2015, 30).
349. Evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma e também envia evangelizadores, pois ela é depositária da Boa Nova que deve ser anunciada.
350. “Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade”(EN, 18). Pode-se dizer, portanto, que existe uma ligação profunda entre Cristo, a Igreja e a evangelização.
351. **A partir de Jesus Cristo:** “Toda ação eclesial brota de Jesus Cristo e se volta para Ele e para o Reino do Pai. Jesus Cristo é a nossa razão de ser, origem de nosso agir, motivo de nosso pensar e sentir. Nele, com Ele e a partir d’Ele mergulhamos no mistério trinitário, construindo nossa vida pessoal e comunitária” (DGAEIB, 2011-2015, 4). Assim, pode-se dizer que a mensagem central que a Igreja anuncia é a “proclamação clara que, em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens como dom da graça e da misericórdia de Deus” (EN, 27).
352. Jesus Cristo, o grande missionário do Pai, envia, pela força do Espírito, seus discípulos em constante atitude de missão (Mc 16,15). “A grande novidade que a Igreja anuncia ao mundo é que Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem, a Palavra e a Vida, veio ao mundo para nos fazer ‘partícipes da

natureza divina' (2Pd 1,4), e para que participemos de sua própria vida” (DGAEIB, 2011-2015, 65).

353. **Na força do Espírito Santo:** “Nunca será possível haver evangelização sem a ação do Espírito Santo. Sobre Jesus de Nazaré, esse Espírito desceu no momento do batismo, ao mesmo tempo que a voz do Pai – ‘Este é o meu Filho no qual ponho as minhas complacências’ (Mt 3,17) manifestava de maneira sensível a eleição e a missão do mesmo Jesus” (EN, 75). Esse mesmo Espírito conduziu Jesus para o deserto, e depois, em sua missão na Galileia. Por fim, aos discípulos que estava prestes a enviar, Jesus disse, soprando sobre eles: “Recebei o Espírito Santo” (Jo 20,22).
354. Realmente, não foi senão depois da vinda do Espírito Santo, no dia de Pentecostes, que os apóstolos partiram para todas as partes do mundo, a fim de começarem a grande obra de evangelização da Igreja.
355. Pode-se dizer que o Espírito Santo é o agente principal da evangelização: é ele, efetivamente, que impele para anunciar o Evangelho, é também ele que no mais íntimo das consciências leva a aceitar a Palavra da salvação (AG, 4).
356. A Igreja, enquanto marcada e selada com o Espírito Santo, continua a obra do Messias, abrindo para o crente as portas da salvação. Esse mesmo e único Espírito guia e fortalece a Igreja no anúncio da Palavra, na celebração da fé e no serviço da caridade. Portanto, o Senhor continua derramando hoje a sua Vida pelo trabalho da Igreja que, com a força do Espírito Santo enviado do céu, continua a missão que Jesus recebeu de seu Pai (DAp, 151).
357. **Como Igreja discípula, missionária e profética:** Todos na Igreja somos chamados a ser discípulos e missionários. É necessário formar-nos e formar todo o Povo de Deus para cumprir com responsabilidade e audácia esta tarefa. O caminho do discipulado missionário é fonte de renovação da pastoral e nos lembra a importância de continuarmos exercendo a nossa missão profética, discernindo onde está o caminho da verdade e da vida, e levantando a nossa voz nos espaços sociais dos nossos povos e cidades, especialmente a favor dos excluídos da sociedade.
358. A Igreja, discípula missionária e profética, deve estar inserida na sociedade, fazer-se solidária e fraterna, promover o diálogo com os diversos atores sociais e religiosos e comprometer-se em defender os mais fracos, especialmente as crianças, os enfermos, os incapacitados, os jovens em

situações de risco, os anciãos, os presidiários, os migrantes. Enfim, deve contribuir para garantir condições de vida digna: saúde, alimentação, educação, moradia e trabalho para todos (DAP, Mensagem final).

359. **Alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia:** A Igreja nasce, alimenta-se e vive da Palavra de Deus e da Eucaristia. Ao longo de todos os séculos da sua história, o Povo de Deus encontrou na Palavra e na Eucaristia a sua força, e também hoje a comunidade eclesial cresce na escuta da Palavra de Deus e na celebração eucarística. Na Igreja torna-se visível a única fonte da salvação, Cristo, que nos alimenta com sua Palavra e seu Corpo.
360. A Igreja sempre se alimentou e distribuiu “aos fiéis o pão da vida, quer da mesa da Palavra de Deus, quer da do Corpo de Cristo” (DV, 21). A Igreja sempre tributou a mesma veneração, embora não o mesmo culto à Palavra de Deus e ao mistério eucarístico. Palavra e Eucaristia correspondem-se tão intimamente que não podem ser compreendidas uma sem a outra: a Palavra de Deus faz-se carne, sacramentalmente, no evento eucarístico (VD, 55). Pode-se dizer, portanto, que há uma unidade íntima entre a Palavra, a Eucaristia e a Igreja.
361. **À luz da evangélica opção preferencial pelos pobres:** A opção preferencial pelos pobres nasce de nossa fé em Jesus Cristo, o Deus feito homem, que se fez nosso irmão. Nossa fé proclama que Jesus Cristo é o rosto divino do homem. Por isso, “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza” (discurso inaugural em Aparecida; DAp, 392).
362. Como discípulos missionários de Jesus Cristo somos chamados a contemplar, nos rostos sofredores dos pobres, o rosto de Cristo que nos chama a servi-lo neles. “A Igreja está convocada a ser advogada da justiça e defensora dos pobres diante das intoleráveis desigualdades sociais e econômicas, que clamam ao céu” (DAp, 395).
363. Por isso, nossa opção pelos pobres não pode ficar em plano teórico ou meramente emotivo, sem verdadeira incidência em nossos comportamentos e em nossas decisões. É necessária uma atitude permanente que se manifeste em gestos concretos de proximidade, amável atenção, de amizade, de escuta com interesse, de acompanhamento em seus momentos difíceis,

de acolhida, para a partir deles promover as transformações necessárias (DAP, 397-398).

364. Para que todos tenham vida, rumo ao reino definitivo – O Evangelho da vida está no centro da mensagem de Jesus. “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Essa afirmação resume a missão de Jesus e, conseqüentemente, também a missão da Igreja.
365. Portanto, a Igreja se reconhece servidora do Deus da vida e, por essa razão, a grande novidade que ela anuncia ao mundo é que a vida é dom de Deus. Assim, o discípulo missionário de Jesus Cristo reconhece que seu sonho por vida eterna leva-o a ser, já nesta vida, parceiro da vida e da vida em plenitude. Por isso não se cala diante da vida impedida de nascer, da vida sem alimentação, casa, terra, trabalho, educação, saúde, lazer, liberdade, esperança e fé. É chamado a ser alguém que sonha e se compromete com um mundo, onde a vida seja garantida para todos (DGAEIB, 2011-2015, 65-70).
366. “É pelo amor-serviço à vida que o discípulo missionário haverá de pautar seu testemunho, numa Igreja que segue os passos de Jesus, adotando sua atitude” (DAP, 31), sendo pobre, despojada, sem bolsa nem alforje, colocando sua confiança unicamente no Senhor (Lc 10, 3-9).

PARTE III – AGIR

I. A AÇÃO TRANSFORMADORA DA IGREJA

367. Definido o objetivo geral da ação evangelizadora para a Arquidiocese, com os pés no chão da realidade, iluminados pela luz da fé, pela Palavra de Deus e pelos documentos do Magistério, na terceira parte do planejamento pastoral passamos para o “agir”. Com a participação dos presbíteros, diáconos, religiosos/as e leigos/as engajados em nossas paróquias, pastorais, movimentos, serviços e organismos, foram elaboradas as pistas de ação, que ajudarão a transformar a realidade, aproximando-a do ideal almejado.
368. Como cristãos, temos a missão de ir pelo mundo e anunciar o Evangelho, ensinar os povos a observar os mandamentos, curar os doentes, evangelizar os pobres, transformar a realidade, ser sal da terra, fermento na massa e luz do mundo. Por isso queremos deixar-nos possuir pelo desejo de agir como Deus age, de fazer o que Deus quer, de ser simples operários de um Reino que não é nosso, mas de Deus. Através de nossa ação evangelizadora queremos superar o individualismo e testemunhar a força da comunhão.
369. Como vimos desde o início do processo de planejamento, o conhecimento da realidade e o julgamento divino sobre ela têm como intenção abrir pistas para discernir qual deve ser nossa ação.
370. De nosso olhar como discípulos missionários sobre as marcas de nosso tempo, a partir de Jesus Cristo, nos deparamos com numerosos e complexos desafios pastorais. Por isso acreditamos que a fidelidade ao Evangelho nos tempos atuais e o testemunho de unidade exigem de nós uma ação orgânica em torno de alguns referenciais comuns.
371. Nessa perspectiva, as pistas de ação foram elaboradas a partir do tríplice múnus - Palavra, Liturgia e Caridade - e das cinco urgências da evangelização apresentadas pelas Diretrizes Gerais da CNBB (2011- 2015), tendo como referência as três instâncias de ação: arquidiocese, comarcas e paróquias. As pistas de ação elaboradas devem ajudar a promover uma ação orgânica e transformar a realidade que foi observada e julgada com os nossos olhos e os olhos de Deus.

1. Urgências na ação evangelizadora

- 372.A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, através das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2011-2015), apresenta as cinco urgências da evangelização como meios de um único processo, e insiste em dizer que as urgências necessitam ser assumidas em seu conjunto, não cabendo, durante os planejamentos locais, a escolha de uma ou outra. Todas são igualmente urgências. Optar por algumas e postergar outras significa afetar o conjunto.
- 373.Através das cinco urgências, a Igreja do Brasil caminhará na mesma direção. Nos planejamentos locais, a partir das diretrizes, as urgências se concretizarão em cada um dos específicos contextos, respeitadas as duas características indispensáveis da Igreja: a unidade e a diversidade (DGAEIB, 2011-2015, Introdução).
- 374.A Conferência de Aparecida nos convoca a ultrapassar uma pastoral de mera conservação ou manutenção para assumir uma pastoral decididamente missionária, numa atitude que, corajosa e profeticamente, chamou de conversão pastoral (DAp, 370). Assim como indica o desafio da mudança de época, Aparecida aponta a conversão pastoral como caminho para a ação evangelizadora. Olhar, portanto, para a mudança de época, longe de significar o afastamento dos problemas concretos e urgentes da vida de nosso povo, significa buscar uma base realmente sólida para enfrentá-los.
- 375.É, pois, neste sentido, que as urgências da evangelização devem estar presentes em todos os processos de planejamento e nos consequentes planos pastorais. Tais urgências dizem respeito à busca de caminhos para a transmissão e a sedimentação da fé, neste período histórico de transformações profundas.
- 376.Por isso, a Igreja no Brasil e, conseqüentemente, a Arquidiocese de Florianópolis se empenharão em ser uma Igreja em estado permanente de missão, casa da iniciação à vida cristã, fonte de animação bíblica de toda a vida e da pastoral, comunidade de comunidades que esteja a serviço da vida plena. (DGAEIB, 2011-2015, 26-29).

2. Pistas de ação

377. 1ª urgência: Igreja em estado permanente de missão

Múnus da Palavra

Arquidiocese

01. Fomentar a consciência bíblico-missionária, através de missões populares em todas as paróquias e comunidades da arquidiocese.
02. Promover a formação dos agentes de comunicação nas comarcas e paróquias para desenvolver um projeto de missão permanente através dos meios de comunicação.

Comarcas

01. Fortalecer a dimensão bíblico-missionária na comarca através de uma equipe comarcal.
02. Promover o ministério da acolhida e da visitação.

Paróquias

01. Fortalecer a dimensão missionária na paróquia a partir do Conselho Paroquial de Pastoral (CPP).
02. Dinamizar a pastoral da comunicação para promover a evangelização através dos meios de comunicação.

Múnus da liturgia

Arquidiocese

01. Dinamizar a Comissão Arquidiocesana de Liturgia, para propor formação litúrgica viva e participativa de acordo com as orientações da Igreja.
02. Estruturar a Pastoral Litúrgica em todas as instâncias.

Comarcas

01. Organizar o atendimento litúrgico-pastoral aos centros universitários, hospitais, presídios, cemitérios, colégios públicos e católicos, empresas, instituições etc.
02. Organizar a coordenação comarcal de liturgia, buscando unidade com relação às orientações litúrgicas.

Paróquias

01. Fortalecer as equipes de liturgia e favorecer a formação permanente através das orientações da Igreja.
02. Dar o devido valor ao sacramento da penitência e reconciliação (por ex.: celebrações penitenciais, caminhadas) em ocasiões especiais.

Múnus da caridade

Arquidiocese

01. Fortalecer a ASA e as ações sociais paroquiais, ampliando a participação da Igreja nas periferias.
02. Criar linhas de ação unificada dentro das ações sociais, com ênfase na formação dos fiéis para a solidariedade cristã.

Comarcas

01. Promover a entre-ajuda das paróquias.
02. Articular a rede de ações sociais paroquiais, identificando problemas sociais comuns e elaborando projetos em parceria.

Paróquias

01. Integrar as ações sociais paróquias e as pastorais sociais, em projetos que envolvam os paroquianos na prática da caridade cristã.
02. Preparar as lideranças paroquiais e comunitárias, motivando-as e qualificando-as para sua missão junto aos conselhos municipais.

378. 2ª urgência: Igreja, casa da iniciação à vida cristã

Múnus da Palavra

Arquidiocese

01. Reorganizar os conteúdos da catequese na ótica da iniciação à vida cristã, priorizando a Palavra de Deus.
02. Assumir em toda a Arquidiocese a iniciação à vida cristã, investindo na formação sistemática de todos os agentes pastorais.

Comarcas

01. Estimular e propor estratégias de ação conjunta para todas as pastorais, movimentos, serviços e organismos, no processo de implantação da iniciação à vida cristã.
02. Oportunizar encontros de formação sobre a iniciação à vida cristã para catequistas e demais lideranças em todos os níveis.

Paróquias

01. Despertar, formar e animar agentes para a iniciação à vida cristã.
02. Investir na formação dos catequistas e na iniciação à vida cristã das famílias, através da formação dos pais dos catequizandos, dos noivos, pais e padrinhos e adultos em geral.

Múnus da liturgia

Arquidiocese

01. Reestruturar as orientações em relação às práticas dos sacramentos, considerando a iniciação à vida cristã.
02. Utilizar na iniciação à vida cristã o ritual de iniciação cristã de adultos (RICA), dando prioridade à catequese de adultos e à formação dos jovens.

Comarcas

01. Favorecer o estudo e integração entre catequese e liturgia, valorizando as celebrações do Domingo.
02. Criar unidade em torno da palavra, celebração e compromisso com a vida, através da formação litúrgica e do acesso aos ritos do catecumenato.

Paróquias

01. Estudar os documentos da Igreja sobre liturgia e catequese, em vista de uma liturgia viva, participativa e acolhedora.
02. Integrar liturgia e catequese, assumindo as celebrações inspiradas no Ritual de Iniciação Cristã de Adultos, motivando a maior participação das famílias.

Múnus da caridade

Arquidiocese

01. Assumir em toda a Igreja a prática da acolhida e da solidariedade.
02. Investir na promoção da família, sobretudo as afastadas e empobrecidas, atendendo-as em suas necessidades.

Comarcas

01. Motivar as paróquias, para que tenham ações organizadas e permanentes em favor dos empobrecidos.
02. Incentivar a formação sobre a Doutrina Social da Igreja para todos os movimentos, serviços, organismos, ministérios e pastorais.

Paróquias

01. Integrar os movimentos, pastorais, serviços e organismos e promover ações de solidariedade (por ex.: domingo da partilha, domingo da entrega), como atitude prática de vivência da fé.
02. Promover o conhecimento do significado evangélico da dimensão social entre as pastorais, movimentos, organismos e serviços da paróquia.

379. 3ª urgência: Igreja, lugar de animação bíblica da vida e da pastoral

Múnus da Palavra

Arquidiocese

01. Fortalecer os GBFs e a pastoral da acolhida, através da formação bíblica, para atender as pessoas que chegam às nossas paróquias.
02. Investir na formação bíblica, através de cursos permanentes de formação para todos os agentes de pastoral.

Comarcas

01. Investir na formação de assessores para a área bíblica e o estudo dos documentos da Igreja referentes à Palavra (por ex.: *Dei Verbum*, *Verbum Domini*).
02. Promover escolas bíblicas nas comarcas e dar apoio às escolas já existentes, motivando a participação dos fiéis.

Paróquias

01. Criar momentos de formação para os fiéis sobre a leitura orante da Palavra, incentivando-os a buscar a interpretação correta segundo o Magistério.
02. Priorizar o estudo da Palavra de Deus nos Grupos Bíblicos em Família, e motivar os agentes de pastoral e os animadores dos GBFs para a leitura orante e a formação bíblica permanente.

Múnus da liturgia

Arquidiocese

01. Revitalizar e reestruturar a comissão de liturgia em nível arquidiocesano.
02. Oferecer cursos de formação permanente sobre liturgia e canto litúrgico para músicos e cantores.

Comarcas

01. Promover formação das equipes de liturgia e de canto litúrgico e o estudo da Constituição *Sacrosanctum Concilium*.
02. Valorizar a leitura e reflexão da Palavra de Deus nos encontros de nível comarcal.

Paróquias

01. Formar e dinamizar as equipes de liturgia, para o verdadeiro sentido da inculturação e da religiosidade popular, superando os devocionismos.
02. Oferecer formação litúrgica para todo o povo, sobretudo referente ao ano litúrgico, educando-o para o sentido profundo da Palavra de Deus e dos sacramentos.

Múnus da caridade

Arquidiocese

01. Fortalecer a dimensão social da fé através dos GBFs e das escolas bíblicas.
02. Solidificar a Pastoral do Dízimo e redescobrir sua dimensão social.

Comarcas

01. Fortalecer os GBFs e escolas bíblicas.
02. Fortalecer as pastorais sociais através da formação bíblica.

Paróquias

- 01.Promover iniciativas de caridade através dos GBFs e outros grupos, favorecendo o convívio fraterno e solidário entre as pessoas.
- 02.Conscientizar os fiéis sobre a estreita ligação entre Evangelho e luta por melhores condições de vida para todos.

380. 4ª urgência: Igreja, comunidade de comunidades

Múnus da Palavra

Arquidiocese

- 01.Investir na formação das lideranças, em vista da comunhão e da pastoral de conjunto.
- 02.Organizar os Conselhos Pastorais (CPPs, CPCs...) em todas as paróquias, fundamentando-os através da mística da Palavra e dos documentos da Igreja.

Comarca

- 01.Promover a pastoral de conjunto na comarca e nas paróquias.
- 02.Fomentar a formação de novas lideranças para as pastorais.

Paróquias

- 01.Setorizar a paróquia em pequenas comunidades, multiplicando e fortalecendo os GBFs.
- 02.Realizar o planejamento e elaborar o Plano Paroquial de pastoral, em comunhão com a Arquidiocese.

Múnus da liturgia

Arquidiocese

- 01.Oportunizar a formação litúrgica e criar unidade em todas as instâncias, a fim de que as celebrações estejam de acordo com as orientações da Igreja.
- 02.Valorizar o domingo, destacando o sentido do Dia do Senhor, superando práticas devocionistas.

Comarcas

- 01.Promover a formação litúrgica contínua para todas as forças vivas, por meio de estudo de temas orientados pela coordenação arquidiocesana de liturgia.
- 02.Organizar a coordenação comarcal de liturgia.

Paróquias

- 01.Valorizar o domingo, destacando o sentido do Dia do Senhor e da vida em comunidade.
- 02.Preparar as celebrações das festas litúrgicas e religiosas, como momentos significativos de evangelização e comunhão e estimular a participação dos fiéis nas equipes litúrgicas.

Múnus da caridade

Arquidiocese

- 01.Criar um fundo de participação para ajudar na formação de novas comunidades ("capelas"), em vista da presença da Igreja em novas localidades, loteamentos e periferias.
- 02.Fomentar o conhecimento da Doutrina Social da Igreja, para fortalecer as pastorais sociais e demais forças vivas na conscientização sobre questões políticas e no posicionamento frente à corrupção.

Comarcas

- 01.Estar presente como Igreja em novas localidades, loteamentos e periferias.
- 02.Suscitar na comarca o espírito de solidariedade entre as paróquias.

Paróquias

- 01.Fortalecer a Pastoral do Dízimo, integrando-a com as demais pastorais e movimentos, para conscientizar sobre dimensão social e evangelizadora.
- 02.Participar dos conselhos locais e municipais dos Direitos do Idoso, da Saúde, da Assistência Social, do Meio Ambiente, da Criança e do Adolescente e outros, para lutar por políticas públicas nos municípios.

381. 5ª urgência: Igreja a serviço da vida plena para todos

Múnus da Palavra

Arquidiocese

01. Criar uma Escola de Formação em Fé e Compromisso Social, com fundamentação na Bíblia e na Doutrina Social da Igreja.
02. Posicionar-se diante de temas relevantes da sociedade, manifestando-se publicamente sobre os assuntos relacionados à dignidade humana e à qualidade de vida da população.

Comarcas

01. Integrar as ações sociais e as pastorais sociais no processo de evangelização para promover o serviço à vida plena.
02. Capacitar pessoas nas paróquias para participarem das conferências, conselhos e fóruns de controle social sobre as políticas públicas que visem à valorização da vida.

Paróquias

01. Integrar as ações sociais com o processo de evangelização, realizando encontros com as famílias, visitas às casas, às pessoas carentes, enfermos, prisioneiros e seus familiares, para promover a vida plena para todos.
02. Fortalecer e apoiar a Ação Social Paroquial.

Múnus da liturgia

Arquidiocese

01. Incentivar a acolhida de casais de segunda união nas celebrações litúrgicas.
02. Estimular a criação de GBFs nas comunidades e em todos os ambientes, como apoio para a dimensão social da evangelização.

Comarcas

01. Envolver todas as paróquias em momentos celebrativos, tais como romarias, missas, missões, que expressem o compromisso da Igreja com a defesa e promoção da vida.
02. Fortalecer o Ecumenismo e o Diálogo Inter-religioso, através da formação e da celebração da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos.

Paróquias

01. Envolver os jovens nas atividades da pastoral litúrgica.
02. Promover uma liturgia mais profética, integrada à vida da comunidade e incentivadora da caridade.

Múnus da Caridade

Arquidiocese

01. Trabalhar junto ao poder público para atender as necessidades básicas (saúde, trabalho, educação, moradia, alimentação etc.) da população.
02. Formar as ações sociais e pastorais sociais para a superação do assistencialismo, em vista de uma ação transformadora.

Comarcas

01. Unir forças nos projetos sociais existentes nas comarcas.
02. Realizar cursos de formação sobre Doutrina Social da Igreja e sobre o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) etc., para todos os agentes de pastoral.

Paróquias

01. Definir e implantar nas paróquias uma estrutura funcional básica para a Ação Social.
02. Trabalhar a Pastoral do Dízimo como fonte de ajuda e caridade social.

3. Linha (eixo) transversal da ação evangelizadora

383. A linha (eixo) transversal da evangelização, mais do que uma ação, é uma realidade que perpassa todas as ações evangelizadoras da Igreja; deve ser assumida por todas as instâncias de trabalho: Arquidiocese, comarcas, paróquias, ministérios, pastorais, movimentos, serviços e organismos, e estar presente em todos os projetos de evangelização.
384. Para definir a linha (eixo) transversal da evangelização, a assembleia, através dos blocos de trabalho, apresentou cinco sugestões que foram encaminhadas ao Arcebispo. Após analisá-las, ele as submeteu à aprovação da Assembleia, que escolheu a “família” como eixo transversal para o primeiro período de vigência do Plano de Pastoral.

385. Todas as demais sugestões foram registradas e durante a execução e a avaliação do Plano poderão ser adotadas de acordo com as necessidades da realidade de cada época.

4. Projetos para a ação evangelizadora

386. Aprovadas as pistas de ação para os múnus da Palavra, Liturgia e Caridade e a linha (eixo) transversal da ação evangelizadora, considerando também as cinco urgências da evangelização: Igreja em estado permanente de missão; Igreja, casa da iniciação à vida cristã; Igreja, lugar de animação bíblica da vida e da pastoral; Igreja, comunidade de comunidades; e Igreja a serviço da vida plena para todos, e as três instâncias de ação: Arquidiocese, Comarcas e Paróquias, foram elaborados os projetos para a ação evangelizadora.

387. Os projetos foram elaborados a partir das pistas de ação aprovadas pela Assembleia para a instância da Arquidiocese. Os Conselhos Comarcais de Pastoral deverão elaborar os projetos a partir das pistas de ação aprovadas para a instância das Comarcas, e os Conselhos Paroquiais de Pastoral deverão elaborar os projetos a partir das pistas de ação aprovadas para as Paróquias. As Pastorais, Movimentos, Serviços e Organismos também deverão elaborar seus projetos, considerando as pistas de ação do Plano de Pastoral da Arquidiocese. É importante lembrar que os projetos elaborados pelas instâncias maiores sempre deverão ser assumidos pelas instâncias menores.

388. Para cada pista de ação, no decorrer da execução do plano deverá ser elaborado um projeto pastoral que apresentará os seguintes elementos: O que (atividades)? Quem (responsáveis)? Onde (local)? Quando (prazo)? Como (estratégias)?

389. Os projetos elaborados pela assembleia apresentam uma estrutura mais simples, sendo que os demais elementos serão definidos posteriormente pelo Conselho Arquidiocesano e pelo Secretariado de Pastoral.

390. Ao elaborar os projetos, faz-se necessário lembrar que não é o número de atividades que se fazem ou de frentes de ação que se enfrentam, que vai definir a eficiência da ação evangelizadora, pois o que vale é a ação de Deus realizada em nós.

391. Para a elaboração dos projetos utilizou-se o seguinte roteiro:

Urgência:				
Múnus:				
Pista de ação:				
O que? (atividades)	Quem? (responsáveis)	Onde? (local)	Quando? (prazo)	Como? (estratégias)
1. Atividade:				
2. Atividade:				
3. Atividade:				

5. Cronograma de atividades

392. Para cada ano de vigência do Plano de Pastoral da Arquidiocese será elaborado o cronograma de atividades. Ele será o instrumento prático em que serão apresentadas as atividades programadas pelas paróquias, comarcas, pastorais, movimentos, serviços e organismos que tenham caráter arquidiocesano. O cronograma apresentará a data, o horário e o local de cada atividade programada.

6. Avaliação: um processo permanente

393. A avaliação é um aspecto constitutivo da ação pastoral. Avaliar é olhar a caminhada feita, procurando não perder a história construída e, acima de tudo, é olhar as perspectivas de futuro. É refletir sobre o processo em andamento e ver em que precisamos crescer. É sentir as conquistas que estão sendo feitas, valorizando o esforço individual e coletivo, para animar a caminhada. Avaliar é também mergulhar nos fracassos, nas omissões, nos erros, para compreender o que gerou as derrotas. A avaliação faz-se necessária para o crescimento pessoal e comunitário. No ato avaliativo aparecem os acertos e as falhas e reacende-se o desejo de retomar o processo, corrigir os erros, inovar, transcender. O espírito que inspira e norteia a avaliação é a busca da verdade: “a verdade vos libertará” (Jo 8,32).

394. A avaliação era uma prática do Povo de Israel. Desde o início de sua história, decidia-se e avaliava-se a caminhada através de assembleias (cf. Js 24,1-24). A avaliação marcou também a relação de Jesus com os Doze (cf. Mc 6,30-31; Lc 9,10) e era uma prática na Igreja Primitiva (cf. At 15,6-35; 19,39-40).

6.1 Avaliação do Plano

395. O Plano de Pastoral da Arquidiocese terá duração de dez anos, e durante este tempo de vigência será necessário realizar um processo permanente de avaliação da ação evangelizadora que deverá ser feita a partir dos dados da realidade apresentados no “ver” (parte I); dos textos sobre o rosto de nossa Igreja - a Igreja que Deus quer “julgar” (parte II); do Objetivo Geral da ação evangelizadora e das pistas de ação aprovadas para cada instância “agir” (parte III); e dos projetos pastorais. A participação de todos, tanto na avaliação quanto no replanejamento das atividades é de fundamental importância, a fim de que todos se sintam comprometidos, procurando avançar na ação evangelizadora da Arquidiocese, de acordo com as novas realidades e desafios emergentes.
396. Como o processo de planejamento é interminável, a avaliação é permanente. Ela acontece de duas maneiras: a) avalia-se no decorrer da execução do plano, anualmente em todas as instâncias, e a cada três anos através da assembleia arquidiocesana; b) avalia-se ao fim da vigência do plano, com o intuito de preparar e estabelecer um novo plano.
397. A avaliação anual deve acontecer em todas as instâncias:
- a) **Paróquias:** a avaliação das atividades desenvolvidas deverá ser realizada através do Conselho Paroquial e da Assembleia de Pastoral, envolvendo todas as comunidades, pastorais, movimentos, serviços e organismos.
 - b) **Comarcas:** a avaliação deverá ser feita através dos Conselhos Comarcais de Pastoral – CCPs, envolvendo todas as paróquias, pastorais, movimentos, organismos e serviços.
 - c) **Arquidiocese:** a avaliação será feita através da Assembleia de Pastoral ou pelo Conselho Arquidiocesano de Pastoral, abrangendo as atividades das Comarcas, Paróquias e das Pastorais, Movimentos, Serviços e Organismos.
398. A cada três anos de vigência do Plano a assembleia arquidiocesana promoverá uma avaliação geral, com vistas à atualização do plano diante de novos desafios e com a possibilidade de confirmar ou mudar a linha (eixo) transversal da ação evangelizadora.
399. O processo de avaliação final e de replanejamento acontecerá nos últimos três anos de vigência deste plano, tendo em vista a elaboração de um novo plano.

Anexos

1. Projetos pastorais

1.1 Projeto Pastoral elaborado pelo Secretariado Arquidiocesano de Pastoral

Urgência: Igreja comunidade de comunidades					
Munus: Caridade					
Lista de Ação: Revitalizar as estruturas e a organização pastoral para priorizar a evangelização					
O que? (atividades)	Quem? (responsáveis)	Onde? (lugar)	Quando? (Prazo)	Como? (estratégias)	
1. Acompanhar e assessorar as assembleias de Pastoral nas paróquias	- Coordenação de pastoral;	- Paróquias	Anual	<ul style="list-style-type: none"> - Estudo do Plano de Pastoral nos CPP e CPCs - Previsão de data no cronograma anual da paróquia. - realizar a assembleia com acompanhamento da arquidiocese 	
2. Assessorar a elaboração do Plano de Pastoral nas paróquias a partir do Plano Arquidiocesano	- Coordenação de Pastoral; - Secretariado Arq. de Pastoral.	- Paróquias	2013-2014	<ul style="list-style-type: none"> - Estudar o Plano de Pastoral da Arquidiocese nos conselhos, pastorais, movimentos... - Formar uma equipe paroquial para o Plano de Pastoral - Estudar o subsídio "planejamento paroquial de pastoral" da Arquidiocese. - Elaborar o Plano Paroquial de Pastoral. 	
3. Revisar as Orientações Pastorais referentes às Pastoral, movimentos, ministérios e sacramentos e os Regimentos dos Conselhos a luz do Plano de Pastoral	- Coordenação de Pastoral; - Conselhos Pastorais: CARP, OCPs, CPPs, CPCs, Forças Vivas.	- Arquidiocese	2013-2015	<ul style="list-style-type: none"> - Formar equipes de trabalho de acordo com a necessidade. - elaborar um cronograma de trabalho. - Revisar e atualizar as orientações pastorais e regimentos. 	
4. Criar um grupo de reflexão e assessoria pastoral para apoiar a coordenação arquidiocesana	- Secretariado de Pastoral;	- Arquidiocese	2013	<ul style="list-style-type: none"> - Indicar nomes de pessoas através do Secretariado; - Convidar as pessoas para o trabalho; - Definir os objetivos, atribuições e cronograma de trabalho para o grupo. 	
5. Repensar as festas dos santos padroeiros e outras promoções priorizando a evangelização.	- Parócos; - Conselhos: CPPs e CPCs;	- Paróquias; - Comunidades - Capelarias; - Santuários; - Reitorias.	2013 - 2014	<ul style="list-style-type: none"> - Refletir sobre o significado das festas em todas as instâncias e conselhos pastorais - Valorizar a religiosidade popular (novenas, procissões, celebrações penitenciais, missas) e outras expressões culturais da comunidade local. - Envolver as famílias nas celebrações e nas demais atividades. - Dar um sentido verdadeiramente cristão às festas. 	
6. Implantar o sistema pastoral em todas as paróquias e elaborar o planejamento orçamentário para atender as necessidades (prioridades) da evangelização na Arquidiocese.	- Conselho Arquidiocesano de Pastoral; - Conselhos Paroquiais de Pastoral. - Conselho Econômico.	- Arquidiocese Paróquias	2013 - 2014	<ul style="list-style-type: none"> - Fazer um levantamento sobre a situação econômica da Arquidiocese; - Identificar as necessidades (prioridades) de investimento; - Elaborar um planejamento orçamentário para ser estudado em toda a Arquidiocese; - Aprovar e executar o plano. 	
7. Organizar uma equipe arquidiocesana de coordenação de campanhas	- Secretariado Arquidiocesano de Pastoral	- Arquidiocese	2013	<ul style="list-style-type: none"> - Indicar nomes de pessoas pelo Secretariado; - Formar uma equipe de trabalho; - Capacitar as pessoas para o trabalho. 	
8. Organizar uma Equipe de coordenação e assessoria para os ministérios	- Secretariado Arquidiocesano de Pastoral	- Arquidiocese	2013	<ul style="list-style-type: none"> - Indicar nomes de pessoas pelo Secretariado; - Formar uma equipe de trabalho; - Capacitar as pessoas para o trabalho. 	
9. Reordenar as comarcas pastorais	- Secretariado Arq. Pastoral; - Conselho presbiteral; - Conselhos de pastoral: CARP e OCPs	- Arquidiocese	2013-2014	<ul style="list-style-type: none"> - Estudar a atual situação das comarcas nas reuniões do clero, conselhos comarcas de pastoral; - Formar uma comissão arquidiocesana; - Envolver os CPPs 	

1.2 Projetos Pastorais elaborados pela Assembleia Arquidiocesana de Pastoral

1ª Urgência: Igreja em Estado Permanente de Missão					
Mínus: Palavra					
Pista de Ação 1: Fortalecer a consciência bíblico missionária, através de missões populares em todas as paróquias e comunidades da Arquidiocese.					
O quê? (atividades)	Quem? (responsáveis)	Onde? (lugar)	Quando? (Prazo)	Como? (estratégias)	
1. Criar a Comissão de Missões Populares a partir das experiências já existentes.	Secretariado de Pastoral	Arquidiocese	2013	<ul style="list-style-type: none">- Fazer um levantamento de nomes de pessoas que já tem experiências nas paróquias.- Realizar um encontro com os interessados para definir os objetivos, atribuições e cronograma de trabalho.- Conhecer os projetos de missões populares elaborados pelas paróquias (materiais), onde foi realizado.- Encontros preparatórios com material adequado.	
2. Preparar lideranças para animar, organizar e realizar as Missões populares nas paróquias.	Comissão Arquidiocesana	Arquidiocese	2013 – 2014		
3. Realizar Missões Populares.	Conselhos pastorais (CPP e CPC) e Equipe Missionária	Arquidiocese e Paróquias	Anual	<ul style="list-style-type: none">- Motivar o povo para participar através de um folder.- Organizar o cronograma de ação- Acompanhar o processo e a avaliação	
Pista de Ação 2: Promover a formação dos agentes de comunicação nas comarcas e paróquias para desenvolver um projeto de missão permanente através dos meios de comunicação.					
1. Fortalecer e ampliar a PASCOM.	CARP CCPs	Arquidiocese, Comarcas, Paróquias.	2013	<ul style="list-style-type: none">- Indicar um representante de cada comarca para a equipe da PASCOM.- Apoiar financeiramente a PASCOM.	
2. Promover jornadas formativas de comunicação para os agentes de pastoral.	Coordenação de Pastoral e PASCOM	Regiões Sul e Norte	Anual	<ul style="list-style-type: none">- Encontros formativos envolvendo as comarcas e paróquias.	
3. Promover cursos de formação em comunicação em parceria com a FACASC.	PASCOM e FACASC	FACASC	2014-2015	<ul style="list-style-type: none">- Encontros quinzenais- Curso de extensão	
4. Assessorar a PASCOM em nível comarcal e paróquia.	PASCOM	Comarcas e Paróquias.	Permanente	<ul style="list-style-type: none">- Através de convites nas comarcas e paróquias para encontros de capacitação dos agentes de comunicação.	
Mínus: Liturgia					
Pista de Ação 1: Dinamizar a Comissão Arquidiocesana de Liturgia para propor formação litúrgica viva e participativa de acordo com as orientações da Igreja.					
O quê? (atividades)	Quem? (responsáveis)	Onde? (lugar)	Quando? (Prazo)	Como? (estratégias)	
1. Realizar seminários arquidiocesanos de formação litúrgica.	CAL	CEAR	2013	<ul style="list-style-type: none">- Palestras e dinâmicas de grupo;- Oficinas, etc.	
Pista de Ação 2: Estruturar a Pastoral Litúrgica em todas as instâncias.					
1. Rearticular a CAL (pastoral litúrgica, música e canto litúrgico e espaço litúrgico) em todos os níveis.	CAL CCPs CPPs	Arquidiocese Comarcas Paróquias	2013	<ul style="list-style-type: none">- Organização das coordenações- Encontros de formação;- Reuniões de coordenações.	
Mínus: Caridade					
Pista de Ação 1: Fortalecer a ASA e as ações sociais paroquiais, ampliando a participação da Igreja nas periferias.					
O quê? (atividades)	Quem? (responsáveis)	Onde? (lugar)	Quando? (Prazo)	Como? (estratégias)	
1. Criar ou revitalizar a ação social em cada paróquia.	ASA CCPs	Comarcas e Paróquias	2013	<ul style="list-style-type: none">- Assessoria da ASA- Visitas às paróquias (Ação Social);- Estudo da legislação vigente e orientação sobre a captação de recursos.- Auxílio na revisão (atualização) dos estudos das Ações Sociais.- Acompanhamento sistemático	

Pista de Ação 2: Criar linhas de ação unificada dentro das ações sociais com ênfase na formação dos fiéis para a solidariedade cristã				
1. Organizar fórum e cursos de capacitação com os movimentos, pastorais e ações sociais.	ASA	Arquidiocese	Anual	- Materiais pedagógicos: apostilas, folders, vídeos; - Enviar os órgãos públicos responsáveis pelas políticas sociais; - Estudo, debate e partilha, caritazes.
2. Desenvolver ações relativas à Campanha da Fraternidade e divulgar o FAS e sua dinâmica.	Coord. de Pastoral Coord. de Campanhas ASA	Arquidiocese Comarcas Paróquias	Permanente	- Oficinas de elaboração de projetos nas comarcas; - Motivar e divulgar a campanha da solidariedade nas paróquias; - Divulgar os projetos apoiados pelo FAS; - Assessorar as paróquias e ações sociais na elaboração de projetos para o FAS
3. Potencializar os recursos disponíveis nas paróquias para investimentos em atividades sociais.	ASA CARP Conselho Econômico	Paróquias	Permanente	- Identificar as demandas e necessidades; - Elaborar projetos
4. Promover a integração do Cadastro das famílias beneficiadas pelas Ações Sociais Paroquiais	ASA	Comarcas Paróquias	2013 - 2014	- Disponibilizar recursos das paróquias para os trabalhos sociais. - Integração dos cadastros entre as Paróquias vizinhas, comarcas e prefeituras (Conselho Municipal de Assistência Social)

2ª Urgência: Igreja Casa da Iniciação à Vida Cristã				
Munis: Palavra				
O quê? (atividades)	Quem?(responsáveis)	Onde? (lugar)	Quando? (Prazo)	Como? (estratégias)
Pista de Ação 1: Reorganizar os conteúdos da catequese na ótica da iniciação à Vida Cristã, priorizando a Palavra de Deus				
1. Reelaborar o manual de preparação para a Eucaristia e Crisma priorizando a Palavra de Deus e o ano litúrgico.	Equipe Arquidiocesana de Catequese	Arquidiocese	2013-2016	- Formar uma equipe de elaboração do material e convidar uma assessoria para acompanhar esse trabalho (padres, diaconos, seminaristas, catequistas, lideranças). - Retrabalhar esse material junto com os catequistas
Pista de Ação 2: Assumir em toda a Arquidiocese a iniciação à Vida Cristã, investindo na formação sistemática de todos os agentes pastorais (padres, diaconos, movimentos, organismos, serviços, pastorais)				
2. Realizar encontros e seminários sobre Iniciação à vida cristã.	Coord. de pastoral Dimensão Bíblico-catequética CAL	Arquidiocese Comarcas Paróquias	Permanente	- Assessoria sobre a metodologia da iniciação à vida cristã e aplicação do RICA. - Troca de experiências; - Dinâmicas, etc.
3. Elaborar e aplicar as celebrações de entrega próprias do catecumenato.	Coord. Arqui. de Catequese e de Liturgia	Arquidiocese (paróquias)	Permanente	- Elaborar o cronograma para aplicação das celebrações; festa da admissão, celebração da entrega da cruz para os pais, entrega da Bíblia, entrega da luz, do Credo, Pai Nosso e o mandamento do amor baseados no RICA, para os catequizandos. - Disponibilizar as celebrações para as paróquias
4. Formação sistemática de catequistas sobre a iniciação à vida cristã	Coordenação arquidiocesana de Catequese	Arquidiocese, comarca e paróquias	Anual	- Temas relacionados à dimensão bíblico-catequética - Em forma de cartas (acompanhante e iniciante)
5. Encontros de formação com catequistas de batismo, adultos e novos.	Coordenação de catequese Pastoral Familiar	Arquidiocese	2013 - 2014	- Trabalhar os folders num caminho de iniciação à vida cristã (anúncio, catequese e celebração) - Apresentar e estudar o roteiro "Adultos crescendo na maturidade em Cristo" com acréscimo das celebrações próprias do RICA. Usar o material em todas as paróquias.
6. Escola de Formação Catequética para Multiplicadores.	Coord. de pastoral Equipe Arquid. da Dimensão Bíblico-catequética	Balneário Camboriú	Permanente	Aplicação do RICA / metodologia (psicopedagogia/ bíblia/ liturgia/ CAIC ...)

Munus: Liturgia					
Pista de Ação 1: Reestruturar as orientações em relação às práticas dos sacramentos considerando a iniciação à Vida Cristã					
1. Revisar as orientações pastorais para os sacramentos, adequando-as à iniciação a vida cristã.	CAP CAL Catequese	Arquidiocese 2013			<ul style="list-style-type: none"> - Formação de uma equipe de estudo. - Revisão das orientações. - Elaboração de orientações práticas para melhor celebrar os sacramentos e ritos próprios da iniciação
Pista de Ação 2: Utilizar na iniciação à Vida Cristã o Ritual de iniciação Cristã de Adultos dando prioridade à catequese de adultos e à formação dos jovens					
1. Realizar encontros de formação sobre o RICA.	Catequese	Arquidiocese Comarca Paróquias	2013		<ul style="list-style-type: none"> - Estudar o RICA - Capacitar os agentes de pastoral
2. Preparar material para catequese de adultos à luz da iniciação a Vida Cristã.	Catequese	Arquidiocese	2013-2014		<ul style="list-style-type: none"> - Estudar o RICA - Estudar manuais de catequese de adulto - formar uma equipe para estruturar os manuais
3. Disponibilizar subsídios para encontros com as famílias dos catequizandos.	Equipe Arquidiocesana de Catequese	Arquidiocese e Paróquias	Permanente		Nos encontros paroquiais usar o material "Catequese Fé e Vida Sempre" e outros subsídios disponibilizados pela Equipe de Catequese Criar uma forma de acompanhamento para os casais que têm filhos para serem batizados e para os noivos
Munus: Caridade					
Pista de Ação 1: Assumir em toda a Igreja a prática da acolhida e da solidariedade					
1. Reativar e fortalecer o ministério da acolhida nas paróquias.	Coordenação de Pastoral e CPPs	Arquidiocese Paróquias	2013 - 2014		- Oferecer-lhes formação específica
2. Elaborar folders com informações das atividades pastorais e sociais nas paróquias.	Paróquias (CPPs- CPCs)	Paróquias	2013		- Reunir dados e informações que possam orientar o povo
Pista de Ação 2: Investir na promoção das famílias, sobretudo as afastadas e empobrecidas, atendendo-as em suas necessidades					
1. Oferecer assessoria para a formação dos agentes de visitação nas paróquias.	Coordenação de Pastoral e Equipe de coordenação dos ministérios	Arquidiocese	Permanente		<ul style="list-style-type: none"> - Indicar nomes - Formar a equipe - Elaborar subsídios
2. Dinamizar a Semana da Família, em defesa da vida.	Pastoral Familiar Parócos	Arquidiocese	A partir de 2013		- Disponibilizar material; - Apoiar os eventos culturais, sociais e religiosos em defesa da vida.
3. Organizar o Selo Família na Arquidiocese.	Coordenação de Pastoral	Arquidiocese	2013		<ul style="list-style-type: none"> - Discutir o assunto com a Pastoral Familiar e as coordenações de todos os movimentos (que trabalham com a família). - Fortalecer a Pastoral familiar nas Paróquias - Promover encontros de ajuda e escuta para casais; animação vocacional (religiosos, famílias); Encontros de casais de segunda união.

3ª Urgência: Igreja: Lugar de Animação Bíblica da Vida e da Pastoral					
Mínus: Palavra					
O quê? (atividades)	Quem? (responsáveis)	Onde? (lugar)	Quando? (Prazo)	Como? (estratégias)	
Plata de Ação 1: Fortalecer os GBF e a pastoral da acolhida, através da formação bíblica para atender as pessoas que chegam às nossas paróquias.					
1. Fomentar nos GBF, juntamente com a pastoral da acolhida, a atenção para com os novos moradores das comunidades.	Coordenação Arquidiocesana dos GBF e Pastoral da Acolhida	Arquidiocese	Permanente	<ul style="list-style-type: none">- Elaborar encontros no livro do GBF sobre a importância da Acolhida e lembrar sempre os animadores/as e membros de visitar os novos moradores.- Formar agentes da Pastoral da Acolhida e animadores/as para ir ao encontro dos novos moradores.	
Plata de Ação 2: Investir na formação bíblica, através de cursos permanentes de formação para todos os agentes de pastoral.					
1. Fortalecer a equipe de animação bíblica da vida e da pastoral.	Coordenação Arquidiocesana, Equipe da Dimensão Bíblico-Catequética	Arquidiocese, Comarcas e paróquias	2013	<ul style="list-style-type: none">- Através de convites a lideranças interessadas em estudar, refletir e divulgar a Palavra de Deus.	
2. Assessorar e incentivar as escolas bíblicas nas comarcas e paróquias.	Coord. Arquidiocesana, Equipe da Animação Bíblica e Equipe da Dimensão Bíblico-Catequética	Arquidiocese	Permanente	<ul style="list-style-type: none">- Disponibilizar material sobre as Escolas Bíblicas e o Projeto de animação bíblica da vida e da pastoral- Estudar o tema bíblico do ano, oferecido pela CNBB, com todas as lideranças.- Fomentar a Leitura Oramte.- Divulgar e estudar os documentos referentes à Palavra, tais como: Dei Verbum, Verbum Domini.- Participação das lideranças no grupo de Estudos Bíblicos.- Criar um cronograma que contemple estudo, celebrações, leitura orante, gincanas...- Criar o hábito do uso da Bíblia em todas as reuniões	
3. Instituir o Ano da Palavra, reforçando a nova evangelização.	Coord. Arquidiocesana, Equipe da Dimensão Bíblico-Catequética	Arquidiocese, Comarcas e Paróquias	2014		
Mínus: Liturgia					
Plata de Ação 1: Revitalizar e reestruturar a comissão de liturgia em nível arquidiocesano.					
Idem. 1ª urgência					
Plata de Ação 2: Oferecer cursos de formação permanente sobre liturgia e canto litúrgico para músicos e cantores					
1. Assessorar encontros de formação sobre música e canto litúrgico.	CAL	Arquidiocese Comarcas	2014	<ul style="list-style-type: none">- Organizar e formar equipe diocesana- Convidar assessores- Organizar equipes nas comarcas	
Mínus: Caridade					
Plata de Ação 1: Fortalecer a dimensão social da fé através dos GBF e das escolas bíblicas					
1. Reformular os livros dos GBF	Coordenação dos GBF	Arquidiocese	2013	<ul style="list-style-type: none">- Induir novos membros na equipe de elaboração dos livros- Tornar o livro mais simples- Formulação mais bíblica do texto- Utilização de CD	
2. Realizar encontros dos GBF nos níveis arquidiocesano, comarcais e paroquiais.	Coordenação dos GBF	Arquidiocese Comarcas Paróquias	Anual	<ul style="list-style-type: none">- Valorizar a dimensão social- Promover aspectos das culturas locais	

Plata de Ação 2: Solidificar a Pastoral do Dízimo e redescobrir sua dimensão social.			
1. Organizar e fortalecer a pastoral do dízimo.	Coordenação da Arquidiocese Pastoral do Dízimo PASCUM	Arquidiocese	2013
2. Divulgar as obras sociais financiadas com os recursos do dízimo.		Arquidiocese e Paróquias	Mensal
3. Investir parte do dízimo na área social.	CPP's e CPC's	Paróquias e comunidades	Permanente
		<ul style="list-style-type: none"> - Criar uma equipe de apoio para a implantação da pastoral do dízimo nas paróquias de acordo com suas necessidades - Fazer subsídios para ajudar na reflexão e conscientização - Utilizar os MCS disponíveis - Conscientizar sobre a dimensão social e missionária do dízimo. - Elaborar projetos sociais. - Integrar a equipe do dízimo nos conselhos pastorais e administradores 	

4ª Urgência: Igreja comunidade de comunidades				
Munus: Palavra				
O quê? (atividades)	Quem? (responsáveis)	Onde? (lugar)	Quando? (Prazo)	Como? (estratégias)
Plata de Ação 1: Investir na formação das lideranças, em vista da comunidade da pastoral de conjunto				
1. Criar momentos de celebração e confraternização entre as lideranças.	Forças Vivas, CCPs, CPP's e CPC's.	Arquidiocese, Comarcas e Paróquias	2013	<ul style="list-style-type: none"> - Aproveitar as reuniões e os encontros para manifestar a alegria de viver a amizade e a ajuda mútua - Favorecer momentos de partilha de experiências pessoais e comunitárias.
Plata de Ação 2: Organizar os conselhos pastorais (CPPs, CPCs) em todas as paróquias, fundamentando-os através da mística da Palavra e dos documentos da Igreja				
1. Organizar e fortalecer os CPPs e CPCs em todas as paróquias da Arquidiocese de acordo com os Regimentos.	- Coord. de pastoral; - Parócos, - Vigários, - Diaconos, - Administradores	<ul style="list-style-type: none"> - Paróquias; - Comunidades - Reitorias 	2013	<ul style="list-style-type: none"> - Estudar o regimento dos conselhos e outros subsídios; - Organizar os conselhos nas paróquias - Realizar encontros de formação para coordenadores dos CPPs, CPCs e Administradores econômicos nas comarcas - Fundamentar os conselhos através da mística da Palavra e dos documentos da Igreja e motivar a celebração de posse dos conselhos nas paróquias, distribuindo na ocasião material explicativo para a comunidade sobre os CPPs e CPCs
Munus: Liturgia				
Plata de Ação 1: Oportunizar a formação litúrgica e criar unidade em todas as instâncias, a fim de que as celebrações estejam de acordo com as orientações da Igreja				
1. Abolir o Hino Litúrgico da CNBB.	CAL	Arquidiocese	2014	
2. Oferecer formação e elaborar subsídios sobre música e canto litúrgico.	CAL	Arquidiocese	Permanente	<ul style="list-style-type: none"> - Elaborar material com hinos litúrgicos; - Realizar oficinas de treinamento
Plata de Ação 2: Valorizar o domingo, destacando o sentido do dia do Senhor, superando práticas devocionais				
1. Fazer campanha para valorizar o domingo - "Dia do Senhor".	CAL PASCUM	Arquidiocese	2013	<ul style="list-style-type: none"> - Elaborar material educativo; - Fazer múltiplo de valorização do domingo; - Usar os meios de comunicação para conscientizar sobre o sentido do Domingo.

Mínus: Caridade				
Pista de Ação 1: Criar um fundo de participação para ajudar na formação de novas comunidades "capelas", em vista da presença da Igreja em novas localidades, ideamentos e periferias.				
1. Criar uma Comissão Arquidiocesana para o fundo de aquisição de terrenos para novas comunidades	- SARP - CARP - Cons. Econômico	Arquidiocese	2013	- Fazer um levantamento e indicar nomes de pessoas para a comissão; - Reunir as pessoas indicadas para conversar sobre o assunto; - Elaborar um programa de trabalho (objetivos, critérios, prioridades, cronograma, etc) - Elaborar proposta para o fundo; - Estudar a proposta em todos os conselhos pastorais e demais instâncias da Arquidiocese.
2. Criar um fundo arquidiocesano para aquisição de terrenos para novas comunidades (capelas).	- Coord. de Pastoral; - Econômico; - Parócos; - Administradores econômicos.	- Arquidiocese e paróquias	2013	- Fazer um levantamento sobre as necessidades de áreas para novas comunidades, envolvendo os proprietários de novos ideamentos
Pista de Ação 2: Fomentar o conhecimento da Doutrina Social da Igreja, para fortalecer as pastorais sociais e demais forças vivas na conscientização sobre questões políticas e no posicionamento frente à corrupção Social da Igreja.				
1. Realizar cursos de formação sobre Doutrina Social da Igreja.	Parócos e CPPs	Paróquias	Anual	- Cursos, encontros, palestras; - Seminários (padres, diáconos, religiosos(as) seminarianas, agentes de pastoral e voluntários)

5ª Urgência: Igreja a Serviço da Vida Plena para Todos				
Mínus: Palavra				
O quê? (atividades)	Quem? (responsáveis)	Onde? (lugar)	Quando? (Prazo)	Como? (estratégias)
Pista de Ação 1: Criar uma Escola de Formação: Fe e Compromisso Social, com fundamentação na Bíblia e na Doutrina Social da Igreja.				
1. Criar uma Comissão para definir os conteúdos e metodologias para as escolas de formação sobre fé e compromisso social.	Professores do ITESC/FACASC e outros	Paróquias e Comarcas	2013/2014	- Fazer levantamento das escolas já existentes; - Reunir as pessoas que coordenam as escolas já existentes; - Formar uma comissão arquidiocesana para as escolas de formação.
Pista de Ação 2: Posicionar-se diante de temas relevantes da sociedade, manifestando-se publicamente sobre os assuntos relacionados à dignidade humana e à qualidade de vida da população.				
1. Manifestar-se em defesa da vida diante do aborto, eutanásia, venda de órgãos humanos, corrupção política, saúde pública, etc.	Conselho Presbiterial PASCOM	Arquidiocese	Permanente	- Conhecer bem os fatos e a realidade das nossas comunidades onde a dignidade humana é desrespeitada. - Divulgar notas e esclarecimentos através dos meios de comunicação;
Mínus: Liturgia				
Pista de Ação 1: Incentivar a acolhida de casais de segunda união nas celebrações litúrgicas.				
1. Realizar encontros e retiros para casais de segunda união.	Pastoral Familiar	Arquidiocese	Anual	- Encontros de formação e espiritualidade; - Materiais com orientações;
2. Acolher e inserir os casais de segunda união nas celebrações.	Paróquias, Comunidades e Pastorais	Paróquias	Permanente	- Acolher, orientar e integrar nos trabalhos e na vida comunitária
Pista de Ação 2: Estimular a criação de GBFs nas comunidades e em todos os ambientes, como apoio para a dimensão social da evangelização.				
1. Realizar encontros de formação para os animadores e articuladores dos GBF	Coordenação dos GBF	Arquidiocese Comarcas Paróquias	Permanente	- Formar uma equipe de assessores na Arquidiocese com representantes das comarcas para colaborar na formação;
2. Elaborar CD com as músicas dos livros dos GBF acompanhado de partituras	Equipe Arquidiocesana dos GBF	Arquidiocese	2013	- Organizar e oferecer para as Paróquias
3. Articular e fortalecer os GBF a partir das pastorais, movimentos, serviços e ministérios para evangelizar os ambientes urbanos.	Equipe Arquidiocesana dos GBF e Coordenação de Pastoral; PASCOM	Arquidiocese	Permanente	- Estudar o subsídio "Igreja nas Casas" - Preparar animadores para os GBF nos ambientes urbanos; - Elaborar subsídios para os GBF; - Divulgar os GBF através dos meios de comunicação, como meio privilegiado de evangelização.

Munus: Caridade				
Plata de Ação 1: Trabalhar em parceria com o poder público na ampliação do acesso às políticas públicas e a garantia dos direitos (saúde, trabalho, educação, moradia, alimentação etc.) da população.				
1. Participar dos Conselhos Municipais de Direitos.	Paróco, Vigário, Diácono, CPP e CPC	Município	Permanente	- Identificar os conselhos existentes; - Conhecer os estatutos;
2. Oferecer cursos de formação para os conselheiros de direitos.	ASA e Pastorais Sociais	Comarcas e Municípios	Anual	- Cursos, seminários, congressos de formação para os membros
3. Promover e apoiar mobilizações sociais na defesa de políticas públicas (locais, estaduais e nacionais).	Coord. de Pastoral e Conselhos de Pastoral	Paróquias	Permanente	- Acompanhar as ações dos governos; - Apoiar as ações em defesa dos direitos sociais; - Informar as pessoas sobre seus direitos
Plata de Ação 2: Formar as ações sociais e pastorais sociais para a superação do assistencialismo, em vista de uma ação transformadora				
1. Assessorar as paróquias na elaboração de projetos de ação social com recursos do Fundo de Solidariedade.	Coordenação Pastoral ASA Econômico	Aquidocense	Permanente	- Formar equipe para a Elaboração de planos de ação social - Avaliar, aprovar e acompanhar os projetos
2. Fazer levantamento das necessidades de formação profissional para geração de renda nas paróquias.	ASA	Paróquias	2013	- Levantamento das necessidades de formação profissional para geração de renda e outras necessidades; - assessoria às Paróquias para viabilização dos projetos com parceiros (Ex. SESC, SESI, SENAC, Empresas)

2. Planos Pastorais e Diretrizes da Arquidiocese

- 1º Plano Arquidiocesano de Pastoral de Conjunto – 1968
- 2º Plano Arquidiocesano de Pastoral de Conjunto – 1969-1970
- 3º Plano Arquidiocesano de Pastoral de Conjunto – 1972
- 4º Plano Arquidiocesano de Pastoral (vol. I e II) – 1973
- 5º Plano Arquidiocesano de Pastoral Orgânica – 1974-1975
- 6º Plano Arquidiocesano de Pastoral Orgânica – 1976
- 7º Plano Arquidiocesano de Pastoral – 1979
- 8º Plano Arquidiocesano de Pastoral – 1980
- 9º Plano Arquidiocesano de Pastoral – 1981
- 10º Plano Arquidiocesano de Pastoral – 1983-1987
- 11º Plano Arquidiocesano de Pastoral – 1989-1991
- 12º Plano Arquidiocesano de Pastoral – 1992-1996
- 2ª Parte – Orientações Pastorais - 1996
- Projeto Rumo ao Novo Milênio – 1996-2000
- Diretrizes da Ação Evangelizadora da Arquidiocese – 2001-2008
- Diretrizes da Ação Evangelizadora da Arquidiocese – 2009 - 2012